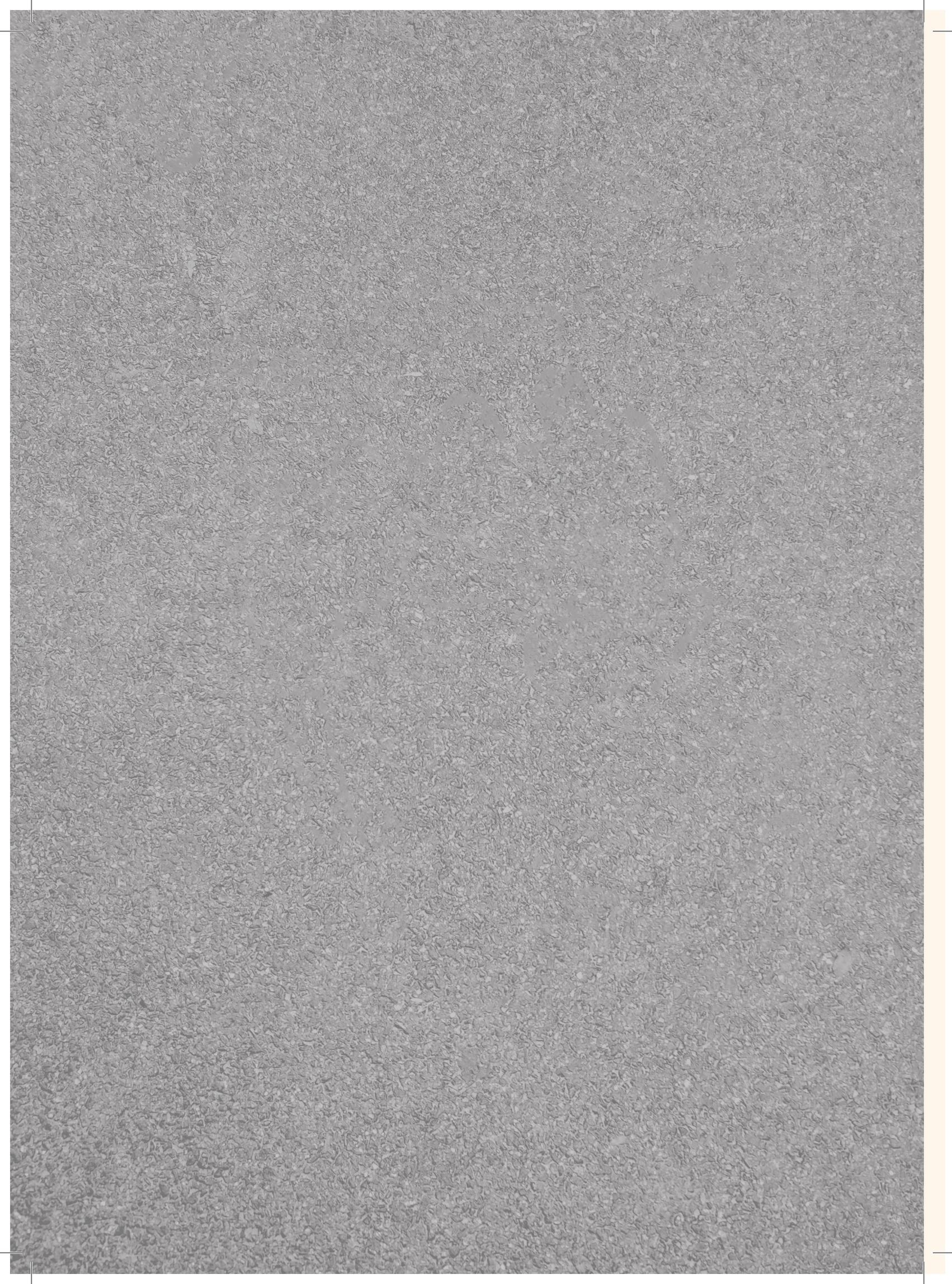


# LITERATURA



# SUMÁRIO

## **Unidade 1**

**121** Romantismo

## **Unidade 2**

**131** Prosa Romântica

## **Unidade 3**

**137** Realismo - Naturalismo

## **Unidade 4**

**140** Parnasianismo

## **Unidade 5**

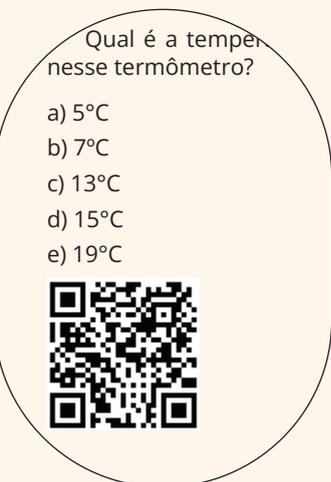
**143** Simbolismo

## » Olá, aluno. Conheça seu livro!



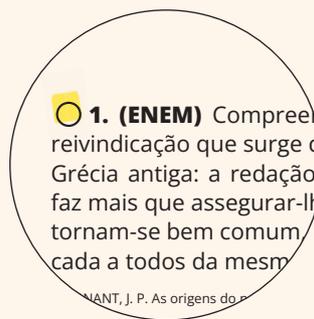
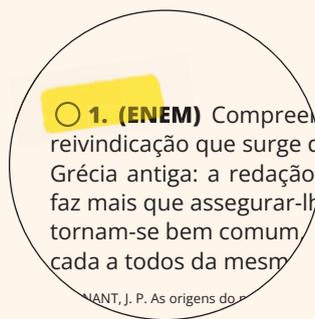
Ao longo deste livro, você encontrará **QR Codes** que levarão a **conteúdos extras para complementar seu estudo**. Entre eles, temos **aulas-pílula** em cada início de unidade, **vídeos diversos e resoluções de questões mais complexas**.

Para acessar esses conteúdos, você deverá fazer o *download* do **App Totem** na Play Store (em aparelhos Android) ou na Apple Store (em aparelhos Apple). Os **codes** não são acessíveis por outros leitores de **QR Code**. Em caso de dificuldades com o app, procure a secretaria do Curso.



Nas seções de testes, utilize os **marcadores** que acompanham a numeração da questão (○) para **assinalar testes** mais importantes, que precisam ser revisados ou para tirar dúvidas. **Você pode criar sua própria legenda** atribuindo cores para cada destaque.

### Sugestões:



### Exemplos de legendas:



Questão fácil / Acertei / Não preciso revisar



Questão importante / Revisar / Acertei, mas tive dificuldades



Achei difícil / Errei, preciso refazer na próxima revisão / Levar para tirar dúvidas



## » Romantismo

As consequências trazidas pela **Revolução Industrial** e pela **Revolução Francesa**, no âmbito da política, da economia e das relações sociais, revolucionaram, de forma definitiva, a literatura e as outras artes. Em verdade, essas demarcações históricas decorrem de uma série de acontecimentos que, há muito tempo, concorriam de maneira a consolidar a **burguesia** como classe dominante.

Com isso, o Absolutismo foi superado pelo **Liberalismo**, que prima, principalmente, pela crença no **indivíduo** e, por conseguinte, na superação de um pensamento de sociedade estatutária. Abriu-se espaço, assim, para a **liberdade de criação**, que deveria, em tudo, substituir as convenções sociais e artísticas do neoclassicismo.

Na literatura, surgiram novas regras de composição que se coadunaram com essa nova realidade. Com o objetivo de explicitá-las e discuti-las, abordaremos cada uma delas a seguir.

A **subjetividade** é a característica romântica por excelência. Todas as outras, em maior ou menor grau, derivam-se dela. Isso acontece pelo fato de o artista romântico recriar a realidade de acordo com seu sentimento, refletindo, na obra, seu interior. Portanto, os livros românticos, seja na poesia, seja na prosa, giram em torno das **emoções** humanas, motivo pelo qual o amor, a saudade, a tristeza, o ciúmes e a alegria, por exemplo, aparecem como elementos centrais, exaltando o **sentimento** dos personagens, bem como do eu-lírico na poesia.



Pintura encomendada pelo novo governo da Bélgica, após a revolução de 1830, que separava o país da Holanda.

Mappers-Gustave/Museu de Belas-Artes, Bélgica/Bruxelas



Liberdade guiando o povo, 1830.

Eugène Delacroix/Museu do Louvre

Ao relevarmos a subjetividade, a **idealização** consolida-se como uma consequência natural. Como o sujeito romântico modifica o mundo em harmonia com seu agitado universo e não se sente comprometido em falar das coisas como são, mas sim como ele as entende, a nova realidade descortina-se em variados tons de idealização. Sendo assim, nascem os estereótipos, como o herói, o vilão e os pares românticos, que se unem na virtude e na perfeição.

Outro traço de grande importância é a **evasão**, também conhecida como **escapismo** ou **fuga**. Muitas vezes, desiludido com as incongruências do mundo que o cerca, o homem romântico busca refúgio na morte, na infância, no passado, na arte, nos sonhos, no vinho, no ópio e, proeminentemente, na **natureza**. Assim, ele consegue mitigar seus sofrimentos e aproximar-se da libertação.

O **nacionalismo** também se consagra no período, devido ao crescimento do sentimento pátrio, muito de acordo com as premissas sociológicas e políticas do final do século XVIII e da primeira metade do XIX. No Brasil, essa marca intensifica-se, em virtude da independência do país, celebrada em 1822. Nasceu, pois, nessa época, toda uma poética da natureza exótica, com suas florestas expressivas e paisagens tropicais.

Ademais, ainda se pode destacar a **liberdade formal**. Nesse contexto, no qual a liberdade como conceito se difunde, os poetas procuram representá-la por meio da forma do texto literário, trabalhando com estruturas mais livres, em comparação às regras rígidas do passado. Enfim, a literatura moderniza-se em compasso afinado com a sociedade e com um novo padrão de comportamento.



## • Romantismo no Brasil

No Brasil, o Romantismo inicia-se com *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães, em 1836. No prefácio dessa obra, encontram-se algumas características da nova escola. Mais do que uma **renovação cultural**, o Romantismo brasileiro representou uma tomada de posição contra aqueles que dominavam nossa terra. A **Independência**, conquistada em 1822, trouxe grande liberdade de pensamento e de expressão, ao mesmo tempo que motivou a busca de elementos diferenciados de nossa nacionalidade, entre eles, o índio, a natureza e a linguagem. Da consciência de brasilidade, decorrem algumas características peculiares do nosso Romantismo:

### Importante

- ▶ **Ênfase na cor local:** valorização da paisagem tropical.
- ▶ **Indianismo:** busca do legítimo antepassado nacional. O índio literário é bom, nobre, generoso, corajoso e belo.

## Poesia romântica

A poesia romântica compreende o pensamento da escola à medida que o tempo vai passando durante o século XIX. Portanto, ela vai se transformando, modificando seus temas e mostrando-nos um painel a respeito dos ideais que constituem o homem nessa época. A fim de organizar essas mudanças, definimos a poesia romântica em três momentos, que chamamos de **gerações**.

## PRIMEIRA GERAÇÃO

A primeira geração é chamada de **nacionalista/indianista**, pois está cronologicamente ligada à Independência do Brasil, que ocorreu em 1822. Portanto, encontramos a **saudade da pátria** e a **exaltação da natureza nacional e do índio** como temas recorrentes nessa vertente. Além disso, é necessário ressaltar o assunto amoroso como característica constante na escola, visto, nesse momento inicial, de uma maneira **idealizada**.

Anotações:

## Canção do Tamoio

(Natalícia)

I	III
Não chores, meu filho; Não chores, que a vida É luta renhida: Viver é lutar. A vida é combate, Que os fracos abate, Que os fortes, os bravos Só pode exaltar.	O forte, o cobarde Seus feitos inveja De o ver na peleja Garboso e feroz; E os tímidos velhos Nos graves concelhos, Curvadas as fronteiras, Escutam-lhe a voz! [...]

Gonçalves Dias.

II

Um dia vivemos!  
O homem que é forte  
Não teme da morte;  
Só teme fugir;  
No arco que entesa  
Tem certa uma presa,  
Quer seja tapuia,  
Condor ou tapir.

### ▶ Autores e obras



Da esquerda para a direita: Gonçalves Dias, Manuel de Araújo e Gonçalves de Magalhães, 1858.

## Gonçalves de Magalhães

A pena de Gonçalves de Magalhães inaugura o Romantismo no país, no ano de 1836, com a obra *Suspiros Poéticos e Saudades*. O próprio título remete-nos ao universo lírico e sentimental da nova escola, característica que se evidencia logo pelo famoso prefácio do livro. No entanto, coube a Magalhães principalmente a originalidade inicial e o pioneirismo cronológico, pois sua arte não acompanha os grandes preceitos da literatura brasileira, apresentando uma prolixidade que apaga o lirismo existente na estrofa. No ano de 1857, o poeta publicou *A Confederação dos Tamoios*, obra que pretende representar o índio de uma forma épica. Todavia, o livro foi duramente criticado pelo escritor José de Alencar, que apontou o artificialismo exacerbado dos versos.



## Gonçalves Dias

É na arte de Gonçalves Dias que encontramos a magnitude da poesia nacionalista e indianista. Apresentando uma poesia ora lírica, ora épica, o escritor conseguiu revelar o sentimento de brasilidade mais tocante e profundo. Seus poemas tornaram-se um símbolo desse nacionalismo, já que servem de referência para artistas não só do Romantismo, mas também de outras escolas. Observe o texto de Dias:

### Canção do exílio

O pronome possessivo “minha” indica a valorização da sua terra natal. Esse sentimento individualizado transforma-se em coletivo na substituição do “minha” pelo “nossa”, na segunda estrofe.

Estar sozinho é uma comprovação, mesmo que implícita, do sentir-se estranho em terra alheia.

Paralelismo entre os dois primeiros versos da primeira estrofe e os dois últimos da terceira.

Reiteradas comparações entre Brasil e exílio.

Desejo de retorno.

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer eu encontro lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar sozinho, à noite  
Mais prazer eu encontro lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que disfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Gonçalves Dias.

Aqui = exílio  
Lá = Brasil

As palavras “palmeiras” e “sabiá” representam a natureza brasileira.

Série de comparações que valorizam a natureza brasileira em detrimento da estrangeira.

Os versos em redondilha, além das rimas, emprestam mais musicalidade à “canção”.

Repetição de versos e sons.

Retomada, no final, das “palmeiras” e do “sabiá”.

Com base no famoso poema saudosista, muitos outros surgiram, compondo um **grande mosaico sobre o mesmo tema**. Em *Canção do Exílio*, de Murilo Mendes, há o predomínio de uma estética engajada em desconstruir a visão do Brasil idealizado do Romantismo, ao passo que, na música *Sabiá*, de Tom Jobim e Chico Buarque, ressalta-se o desejo de retorno à terra natal, porém muito diferente da construída por Gonçalves Dias. Acompanhe, a seguir, o texto de Murilo Mendes.

### Canção do exílio

Interferência estrangeira na paisagem brasileira.

Minha terra tem macieiras da Califórnia  
onde cantam gaturamos de Veneza.  
Os poetas da minha terra  
são pretos que vivem em torres de ametista,  
os sargentos do exército são monistas, cubistas,  
os filósofos são polacos vendendo a prestações.  
A gente não pode dormir  
com os oradores e os pernilongos.  
Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.  
Eu morro sufocado  
em terra estrangeira.  
Nossas flores são mais bonitas  
nossas frutas mais gostosas  
mas custam cem mil réis a dúzia.

Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade  
e ouvir um sabiá com certidão de idade!

Murilo Mendes.

Paródia modernista do poema, em consonância com a revisão crítica do passado, apregoada pelos escritores da década de 1920, no Brasil.



Na temática indianista, a figura do índio representa o herói nacional, modelo de virtude e valentia. Esse ser idealizado resulta da própria característica romântica de transformar a realidade e apresentar alguém corajoso e bravo, o que, na Europa, é relacionado com o cavaleiro medieval.

No extenso poema *I-Juca-Pirama*, podemos encontrar um exemplo desse heroísmo na história de um grande guerreiro Tupi preso pela tribo rival, os Timbiras:



Dança dos índios Tapuia, por Albert Eckhout, 1666.

## I-Juca-Pirama

I

Descrição da natureza e dos filhos da nação: os índios.

No meio das tabas de **amenos verdes**,  
Cercadas de **troncos** – cobertos de **flores**,  
Alteiam-se os tetos d’altiva **nação**;  
São muitos seus **filhos**, nos ânimos fortes,  
**Temíveis na guerra**, que em densas coortes  
Assombram das matas a imensa extensão.  
[...]

Versos iniciais escandidos em 11 sílabas poéticas.

IV

Virtudes do índio: coragem e bravura – os mesmos atributos do cavaleiro medieval da literatura europeia.

**Meu canto de morte**,  
Guerreiros, ouvi:  
Sou filho das selvas,  
Nas selvas cresci;  
Guerreiros, descendo  
Da tribo tupi.  
Da tribo pujante,  
Que agora anda errante  
Por fado inconstante,  
Guerreiros, nasci;  
**Sou bravo, sou forte**,  
**Sou filho do Norte**;  
**Meu canto de morte**,  
Guerreiros, ouvi.

Nesse canto, o guerreiro Tupi canta seus feitos em versos em redondilha. O ritmo adequa-se ao tom do discurso.

Poema polifônico: texto de muitas “vozes”.

**Tu choraste em presença da morte?**  
Na presença de estranhos choraste?  
Não descende o covarde do forte;  
Pois choraste, meu filho não és!  
**Possas tu, descendente maldito**  
De uma tribo de nobres guerreiros,  
**Implorando cruéis forasteiros**,  
**Seres presa de vis Aimorés**.

O pai, envergonhado pelo comportamento do filho (que havia chorado), amaldiçoa-o. O lamento do pai encontra melhor expressão nos versos eneassílabos.

No final do poema, pai e filho reconciliam-se, mesmo na morte. O guerreiro Tupi, que jamais havia sido covarde, morre nos braços do pai, cumprindo, enfim, sua missão.

**Possas tu, isolado na terra**,  
**Sem arrimo e sem pátria vagando**,  
**Rejeitado da morte na guerra**,  
**Rejeitado dos homens na paz**,  
Ser das gentes o espectro execrado;  
Não encontres amor nas mulheres,  
Teus amigos, se amigos tiveres,  
**Tenham alma inconstante e falaz!**

Gonçalves Dias.



Merece destaque, ainda, na poesia de Gonçalves Dias, o desenvolvimento da temática amorosa, que exalta a figura da mulher de uma forma idealizada:

### Ainda uma vez, adeus

I  
Enfim te vejo! – enfim posso,  
Curvado a teus pés, dizer-te,  
Que não cessei de querer-te,  
Pesar de quanto sofri.  
Muito penei! Cruas ânsias,  
Dos teus olhos afastado,  
Houveram-me acabrunhado  
A não lembrar-me de ti!

II  
Dum mundo a outro impelido,  
Derramei os meus lamentos  
Nas surdas asas dos ventos,  
Do mar na crespa cerviz!  
Baldão, ludíbrio da sorte  
Em terra estranha, entre gente,  
Que alheios males não sente,  
Nem se condói do infeliz!

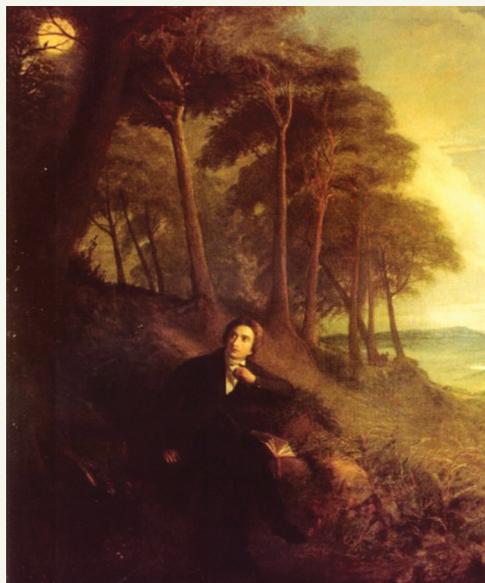
III  
Louco, aflito, a saciar-me  
D'agravar minha ferida,  
Tomou-me tédio da vida,  
Passos da morte senti;  
Mas quase no passo extremo,  
No último arcar da esperança,  
Tu me vieste à lembrança:  
Quis viver mais e vivi!

IV  
Vivi; pois Deus me guardava  
Para este lugar e hora!  
Depois de tanto, senhora,  
Ver-te e falar-te outra vez;  
Rever-me em teu rosto amigo,  
Pensar em quanto hei perdido,  
E este pranto dolorido  
Deixar correr a teus pés.

Gonçalves Dias.

## SEGUNDA GERAÇÃO

A segunda geração, também chamada de **ultrarromântica ou mal-do-século**, demonstra os elementos constitutivos da escola em um grau bastante elevado. É a geração exacerbadamente romântica, pois trata da realidade de uma forma impossível de ser vivida, cultivando o sentimento de evasão constante. Os temas mais abordados giram em torno da morte, do tédio, do saudosismo e da melancolia.



A pintura acima, de Joseph Severn, 1845, capta o momento em que o poeta **John Keats** escuta o canto do rouxinol e compõe, como consequência disso, um de seus textos mais emblemáticos: *Ode a um rouxinol*. A beleza musical faz com que o artista se afaste do mundo material e reflita, sentimentalmente, sobre temas como a morte e o amor. O texto serve, até hoje, como um dos exemplos mais geniais da evasão provocada pela natureza.

### Anotações:

#### ▶ Autores e obras

#### Álvares de Azevedo

O poeta Álvares de Azevedo, apesar de não ter publicado livro em vida, é o maior representante do “mal-do-século” no Brasil. Sua poesia é perpassada de sentimentalismo, imaginação, amor doentio e obsessão pela morte. Influenciado por Lord Byron e por Musset, o poeta trata da temática do tédio e da morte, desenvolvendo esses assuntos com expressividade e angústia juvenil. O ceticismo, o culto funéreo, o desespero, a desgraça e o satanismo estão presentes em boa parte de sua obra. A partir disso, o amor, a mulher e a felicidade mostram-se inatingíveis.

O fato mais intrigante de sua bibliografia é o fato de o poeta ter escrito três obras que flertam com os três gêneros literários aristotélicos.



*Lira dos vinte anos* compreende a sua produção lírica, na qual se destacam dois tipos de poesia: os textos de profunda idealização amorosa e anseio pela morte (poemas de Ariel) e os textos nos quais o humor negro, as doenças, a atmosfera de taverna roubam a cena (poemas de Caliban).

Já *Noite na taverna* reúne um conjunto de contos interligados que se ambientam em um local dissoluto, povoado por prostitutas e sujeitos decadentes. Cada um dos personagens resolve contar uma história que viveu na Europa, fazendo emergir experiências macabras, em que o incesto, a antropofagia, a necrofilia e o assassinato ocupam o centro. As narrativas são assinadas com o nome dos personagens-narradores.

*Macário*, obra dramática escrita em prosa, por sua vez, divide-se em duas partes. A primeira, de maior enlevo, promove o encontro do jovem Macário com Satã, embora, no final, tudo se revele como um sonho. Na segunda, Macário encontra Penseroso, personagem angelical, oposto de Satã. Entretanto, Penseroso morre, fazendo com que Macário e Satã, no final, assistam a uma orgia.

A fim de exemplificarmos, em texto, os componentes estéticos da literatura de Álvares de Azevedo, analisaremos um dos textos mais significativos da sua poética, *Se eu morresse amanhã!*:

### Se eu morresse amanhã!

O apego à mãe e à irmã, figuras familiares, ressalta tanto a juventude do poeta quanto a dor que a sua morte poderia trazer aos parentes.

Na segunda estrofe, o eu-lírico reflete sobre as perdas que a morte lhe traria, como não viver a glória do seu futuro.

A dor da vida sobrepõe-se à vontade de viver.

Se eu morresse amanhã, viria ao menos  
Fechar meus olhos minha triste irmã;  
Minha mãe de saudades morreria  
Se eu morresse amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro!  
Que aurora de porvir e que manhã!  
Eu perdera chorando essas coroas  
Se eu morresse amanhã!

Que sol! que céu azul! que doce n'alva  
Acorda a natureza mais loucã!  
Não me batera tanto amor no peito  
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dor da vida que devora  
A ânsia de glória, o dolorido afã...  
A dor no peito emudecera ao menos  
Se eu morresse amanhã!

Álvares de Azevedo

O título é elucidativo não só pelo tema, a morte, mas também pelo exercício de imaginação. O verbo "morrer", no imperfeito do subjuntivo, não trata da morte como algo próximo, mas como um refúgio distante.

Menção aos elementos da natureza.

Morte: apagamento da dor de viver.

### Casimiro de Abreu

O poeta Casimiro de Abreu preferiu versejar sobre temas mais singelos e simples que Álvares de Azevedo. Para tanto, o artista vai buscar, nas paisagens naturais e no amor idealizado, as inspirações românticas, para compor sua obra sempre permeada de uma ternura singular. Acompanhe o texto abaixo:

#### A Valsa

Tu, / ontem,  
Na / dança  
Que / cansa,  
Vo / avas  
Co'as / faces  
Em / rosas  
For / mosas  
De / vivo,  
Las / civo  
Car / mim;

Na valsa  
Tão falsa,  
Corrias,  
Fugias,  
Ardente,  
Contente,  
Tranquila,  
Serena,  
Sem pena  
De mim!

Quem dera  
Que sintas  
As dores  
De amores  
Que louco  
Senti!  
Quem dera  
Que sintas!...  
- Não negues,  
Não mintas...  
- Eu vi!...

Casimiro de Abreu.

O poema demonstra uma construção interessante, mesclando forma e conteúdo. Casimiro de Abreu aproveita o ritmo da valsa e acompanha o recurso sonoro na formação do verso, envolvendo o leitor na dança e na relação de ciúmes por parte do eu-lírico em relação a seu par.



Casimiro de Abreu.



Além da temática amorosa, a literatura do poeta privilegia o saudosismo, para aprofundar sua subjetividade. É da saudade da terra e da infância que o poeta demonstra sua melancolia mais genuína, compondo um profundo sentimento nostálgico de uma época remota e feliz.

### Meus oito anos

Nostalgia	Oh! que saudades que eu tenho Da aurora da minha vida, Da minha infância querida Que os anos não trazem mais! Que amor, que sonhos, que flores, Naquelas tardes fagueiras À sombra das bananeiras, Debaixo dos laranjais!	Subjetividade
Metáforas	Como são belos os dias Do despontar da existência! – Respira a alma inocência Como perfumes a flor; O mar é – lago sereno, O céu – um manto azulado, O mundo – um sonho dourado, A vida – um hino d’amor!	Idealização
	Que auroras, que sol, que vida, Que noites de melodia Naquela doce alegria, Naquele ingênuo folgar! O céu bordado d’estrelas, A terra de aromas cheia, As ondas beijando a areia E a lua beijando o mar!	Prosopopeias

Casimiro de Abreu.

### Fagundes Varela

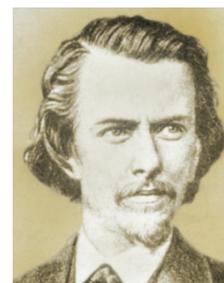
O poeta Fagundes Varela é enquadrado na segunda geração romântica, embora tenha composto muitos poemas relacionados com os temas desenvolvidos na terceira, abordando a condição política escravocrata do país. Essa ambiguidade fez com que a sua literatura fosse prejudicada pela falta de originalidade, considerada obra de transição. Seu poema mais lembrado é uma bela construção lírica de profundo lamento pela perda de um filho, que morreu com apenas três meses de idade.

#### Cântico do Calvário

*À memória de meu Filho  
morto a 11 de dezembro de 1863*

Natureza	Eras na vida a pomba predileta Que sobre um mar de angústias conduzia O ramo da esperança. Eras a estrela Que entre as névoas do inverno cintilava Apontando o caminho ao pegureiro.	Metáforas
Eufemismos	Eras a messe de um dourado estio. Eras o idílio de um amor sublime. Eras a glória, a inspiração, a pátria, O porvir de teu pai! – Ah! no entanto, Pomba, – varou-te a flecha do destino!	Versos brancos
Saudades	Astro, – engoliu-te o temporal do norte! Teto, – caíste! – Crença, já não vives! Correi, correi, oh! lágrimas saudosas, Legado acerbo da ventura extinta, Dúbios archotes que a tremer clareiam A lousa fria de um sonhar que é morto!	Sentimentalismo

Fagundes Varela.



Fagundes Varela.

BID



## TERCEIRA GERAÇÃO

O terceiro momento da poesia romântica é caracterizado pela literatura social e engajada com as causas revolucionárias do Brasil da segunda metade do século XIX. Essa vertente é influenciada diretamente pela arte política do francês Victor Hugo, que atinge toda a Europa. Ela ainda é chamada de **geração condoreira**, pela relação temática e simbólica com a ave que representa a liberdade tão cantada pelos poetas desse momento.

### Vozes D'África

Interlocutor: Deus.	Deus! ó Deus! onde estás que não respondes? Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes Embuçado nos céus? Há dois mil anos te mandei meu grito, Que embalde desde então corre o infinito... Onde estás, Senhor Deus?...	Tom grandiloquente, representado pelos pontos de exclamação, interrogação, bem como pelas invocações.
Poesia declamatória	Qual Prometeu tu me amarraste um dia Do deserto na rubra penedia - Infinito: galé!...	Referências geográficas ao continente
Eu-lírico: a África.	Por abutre - me deste o sol candente, E a terra de Suez - foi a corrente Que me ligaste ao pé...	
Reiteradas menções às torturas	O cavalo estafado do Beduíno Sob a vergasta tomba ressupino E morre no areal. Minha garupa sangra, a dor poreja, Quando o chicote do simoun dardeja O teu braço eternal [...]	

Castro Alves



Navio negreiro, de Johann Moritz Rugendas.

### ▶ Autores e obras

#### Castro Alves

Castro Alves foi o grande poeta social da terceira geração. Desde cedo, ele colocou seu talento na defesa das grandes causas, principalmente voltando-se contra a escravidão negra de maneira impetuosa e arrojada. A poesia abolicionista do escritor condoreiro é cheia de figuras de estilo e de linguagem eloquente. Muitos desses poemas foram declamados perante o público, conquistando inúmeros adeptos para sua causa. Nessas composições realmente tocantes, Castro Alves apresenta o negro como heroico, sofredor, esperançoso, oprimido e lutador. Um belo exemplo dessa poesia é o texto *Navio Negreiro*, que é dividido em dez cantos:

Anotações:



<p>Descritivismo: natureza.</p>	<p>'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço Brinca o luar – dourada borboleta; E as vagas após ele correm... cansam Como turba de infantes inquieta. 'Stamos em pleno mar... Do firmamento Os astros saltam como espumas de ouro... O mar em troca acende as ardentias, – Constelações do líquido tesouro... [...] Desce do espaço imenso, ó águia do oceano! Desce mais ... inda mais... não pode olhar humano Como o teu mergulhar no brigue voador! Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras! É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ... Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror! [...] Era um sonho dantesco... o tombadilho Que das luzernas avermelha o brilho. Em sangue a se banhar. Tinir de ferros... estalar de açoite... Legiões de homens negros como a noite, Horrendos a dançar... Negras mulheres, suspendendo às tetas Magras crianças, cujas bocas pretas Rega o sangue das mães: Outras moças, mas nuas e espantadas, No turbilhão de espectros arrastadas, Em ânsia e mágoa vãs! [...] Senhor Deus dos desgraçados! Dizei-me vós, Senhor Deus! Se é loucura... se é verdade Tanto horror perante os céus?! Ó mar, por que não apagas Co'a esponja de tuas vagas De teu manto este borrão?... Astros! noites! tempestades! Rolai das imensidades! Varrei os mares, tufão! [...] Ontem plena liberdade, A vontade por poder... Hoje... cúm'lo de maldade, Nem são livres p'ra morrer. . Prende-os a mesma corrente – Férrea, lúgubre serpente – Nas roscas da escravidão. E assim zombando da morte, Dança a lúgubre coorte Ao som do açoute... Irrisão!... Senhor Deus dos desgraçados! Dizei-me vós, Senhor Deus, Se eu deliro... ou se é verdade Tanto horror perante os céus?!... Ó mar, por que não apagas Co'a esponja de tuas vagas Do teu manto este borrão? Astros! noites! tempestades! Rolai das imensidades! Varrei os mares, tufão!...</p>	<p>O albatroz faz as vezes de condor.</p> <p>Grandiloquência</p> <p>Menção às mulheres e às crianças</p> <p>Interlocutor: mar.</p> <p>Invocação a Deus, implorando algum tipo de interven- ção que apague a realidade terrível.</p>
-------------------------------------	--	---

Castro Alves



A terceira geração ainda é marcada pela transformação do sentimento amoroso. Na poética de Castro Alves, a mulher mostra-se de uma maneira palpável, próxima dos prazeres carnais, diferente da forma idealizadora das outras duas gerações. Essa perspectiva antecipa alguns elementos realistas à poesia do período.

### O Adeus de Teresa

A vez primeira que eu fitei Teresa,  
Como as plantas que arrasta a correnteza,  
A valsa nos levou nos giros seus...  
E amamos juntos... E depois na sala  
"Adeus" eu disse-lhe a tremer co'a fala...

E ela, corando, murmurou-me: "adeus."

Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...  
E da alcova saía um cavaleiro  
Inda beijando uma mulher sem véus...  
Era eu... Era a pálida Teresa!  
"Adeus" lhe disse conservando-a presa...

E ela entre beijos murmurou-me: "adeus!"

Passaram tempos... sec'los de delírio  
Prazeres divinais... gozos do Empíreo...  
... Mas um dia volvi aos lares meus.  
Partindo eu disse - "Voltarei!... descansa!..."  
Ela, chorando mais que uma criança,

Ela em soluços murmurou-me: "adeus!"

Quando voltei... era o palácio em festa!...  
E a voz d'Ela e de um homem lá na orquestra  
Preenchiam de amor o azul dos céus.  
Entrei!... Ela me olhou branca... surpresa!  
Foi a última vez que eu vi Teresa!...

E ela arquejando murmurou-me: "adeus!"  
Castro Alves.

No segundo, ocorre um encontro noturno. O amor, enfim, consome-se.

Volta marcada pela traição e despedida final.

O eu-lírico tem três momentos com Teresa. O primeiro é o momento da valsa e do amor puro dos pudores e da timidez.

Aproveitamento e despedida, com promessa de retorno.

Anotações:





## » Prosa Romântica

Os primeiros **romances** publicados no Brasil apareceram em formato fragmentado nos jornais da época. Servindo-se dos livros da literatura europeia de autores como Walter Scott, Alexandre Dumas, Victor Hugo e Honoré de Balzac, os escritores brasileiros adaptaram as tramas melodramáticas aos cenários locais com bastante sucesso. O público leitor, constituído basicamente de mulheres e estudantes, consolidou o gênero, acostumando-se a acompanhar as obras em **folhetins**, que eram impressos de maneira periódica, diária ou semanalmente.

Nascia, assim, um padrão ficcional de **grande apelo popular**, abalizado em enredos de inúmeras reviravoltas e final grandioso, a modo de **reforçar os valores morais** da sociedade do Segundo Império. No entanto, a dimensão dessa prosa não se restringe apenas ao século XIX. Com o passar do tempo, o formato foi se condicionando em harmonia com as novas demandas comportamentais. Hoje, seu maior legado encontra-se nas **novelas televisivas**, que, de certa forma, apropriaram-se de seus temas principais e mantiveram a estrutura fasciculada de apresentação de enredo.

Apresentaremos, a seguir, os autores e as obras mais importantes com o intuito de cartografar os nomes de maior impacto nesse momento de grande importância da nossa literatura.

### • Autores e obras

#### Joaquim Manuel de Macedo

Joaquim Manuel de Macedo foi o primeiro grande escritor de folhetins do Brasil. A despeito de Teixeira e Sousa ter publicado *O Filho do Pescador*, em 1843, foi no ano seguinte, em 1844, com *A Moreninha*, de Macedo, que o romance foi finalmente aceito por aqui.

Médico, além de político, professor e até preceptor dos filhos da Princesa Isabel, Macedo encontrou, na literatura, sua definitiva consagração. Com um estilo ágil, linguagem simples, tramas sentimentais e finais felizes, ele tornou-se o escritor mais popular dos anos 1840 e 1850, assumindo o protagonismo nesse período de consolidação do gênero romance.

Em *A Moreninha*, encontramos um enredo que se baseia em uma aposta travada por Augusto e Filipe, amigos e estudantes de Medicina. Augusto era um rapaz conhecido por sua inconstância no amor. Filipe, sabendo disso, convida-o, juntamente aos amigos Fabrício e Leopoldo, para passar um feriado na casa de sua avó, na Ilha de Paquetá. Como Filipe imagina que Augusto se apaixonaria por uma de suas primas que estariam presentes no local, propõe essa aposta, a qual estabelecia que, se Augusto se apaixonasse dentro de um mês, deveria, obrigatoriamente, escrever a história desse amor.

Após muitas brincadeiras e namoricos, Augusto revela o motivo de sua inconstância à avó de Filipe. Na verdade,



Arrufos, por Belmiro de Almeida, 1887.

Museu Nacional de Belas-Artes

ele nunca havia esquecido uma menina que havia encontrado anos atrás nessa mesma ilha. Ao mesmo tempo, o rapaz vai, paulatinamente, apaixonando-se pela irmã de Filipe, a jovem D. Carolina.

No final, a moça faz uma grande revelação. Ela é a menina do passado. Assim, Augusto reencontra seu grande amor, ao mesmo tempo que se sente livre para viver seu sentimento por Carolina. Como perde a aposta para Filipe, agora seu cunhado, escreve a narrativa que estamos lendo, alcunhada *A Moreninha*.

#### José de Alencar

O escritor José de Alencar nasceu no Ceará e, com apenas onze anos, partiu para o Rio de Janeiro. Desde muito cedo, começou a escrever em jornais; primeiro, no *Correio Mercantil* e, posteriormente, no *Diário do Rio de Janeiro*. Nesse período, tornou-se escritor de folhetins e envolveu-se em grandes polêmicas públicas. A mais lembrada é a discussão entre ele e Gonçalves de Magalhães, na qual o Imperador Dom Pedro II intercedeu em favor do segundo.

Em relação propriamente à sua literatura, José de Alencar é apontado unanimemente como o maior escritor do romance romântico no Brasil. Sua obra, nascida de um projeto nacionalista de revelação do país, molda-se na pluralidade e na abrangência, ambientando-se no espaço urbano e rural, litorâneo e sertanejo.



Além disso, assim como os poetas da primeira geração, também se deteve na literatura indianista, buscando, no passado, uma explicação para o presente. Na sua visão, a identidade brasileira passava pela fusão do primitivismo, representada pelo índio, com a colonização portuguesa.

Para esquematizarmos os tipos de romances criados pelo escritor, podemos dividi-los da seguinte maneira:

- ▶ **romances urbanos:** ambientados na cidade do Rio de Janeiro, refletindo os costumes locais, como *Cinco minutos*, *A viuvinha*, *Lucíola* e *Senhora*;
- ▶ **romances indianistas:** focados, culturalmente, na identidade brasileira, como *O guarani*, *Iracema* e *Ubirajara*;
- ▶ **romances regionalistas:** engajados na ideia de revelar o Brasil aos brasileiros, como *O gaúcho*, *O sertanejo* e *O tronco do ipê*;
- ▶ **romances históricos:** preocupados em resgatar o passado, contando-o de forma idealizada, como *As minas de prata* e *Guerra dos mascates*.

Como se pode perceber, José de Alencar possui uma literatura bastante vasta, composta por uma quantidade significativa de romances. Dos urbanos, destacam-se *Senhora* e *Lucíola*, ao passo que, entre os indianistas, *O guarani* e *Iracema*. Vamos, pois, a seguir, sumarizá-los, para efetivar uma compreensão mais ampla da obra do autor.

Em *Lucíola*, o pernambucano Paulo narra sua história de amor com Lúcia, uma famigerada cortesã que vivia no Rio de Janeiro, por meio de uma carta a uma interlocutora conhecida por senhora G.M. O rapaz, bacharel de Direito na capital, encontra Lúcia e apaixona-se perdidamente pela moça. Ela corresponde ao sentimento de Pau-

lo, embora apresente um comportamento contraditório, oscilando entre o amor a Paulo e o exercício de sua profissão. Paulo, depois de um longo período de incertezas, decide-se por viver esse grande amor, enfrentando as convenções sociais, e, então, surgem as revelações. O nome verdadeiro de Lúcia é Maria da Glória, e ela só havia se prostituído por necessidade, cedendo, muito jovem ainda, ao senhor Couto. No final, Maria da Glória morre em decorrência de um problema na gravidez, enquanto Paulo cuida da única irmã (Ana) de sua amada.

Já em *Iracema*, a lenda do Ceará, o conceito de nação edifica-se, simbolicamente, na relação da índia tabajara Iracema com o colonizador português Martim. Fruto dessa união, nasce Moacir, o filho da dor e representante de um país em nascimento.

Iracema é uma índia da tribo Tabajara. A guerreira é uma virgem que possui o segredo Jurema. Quando conhece Martim, guerreiro português e amigo da tribo Pitiguara, a maior rival dos Tabajaras, algo acontece com a moça. Em nome do sentimento, Iracema foge com Martim, abandonando sua tribo e entregando-se ao português. Assim, passa o tempo, e Martim vai a combate duas vezes, deixando Iracema abandonada ao tédio, grávida do guerreiro. Ao regressar, disposto a viver ao lado de sua amada e de seu filho, Martim encontra a índia agonizante com seu filho, Moacir, no colo. Dessa forma, nasce o primeiro habitante do Ceará, fruto da miscigenação das raças e do processo de colonização: Moacir, o filho do sofrimento.

Essa obra possui a particularidade de ser escrita em uma prosa que simula, linguisticamente, a poesia. Vejamos, na sua memorável abertura, alguns recursos estéticos utilizados por Alencar:

<p>Início em trechos de sete sílabas gramaticais: ritmo e musicalidade.</p>	<p>Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;</p>	<p>Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;</p>	<p>Comparação</p>
<p>Diálogo com a natureza</p>	<p>Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.</p>		
<p>Lenda do Ceará</p>	<p>Onde vai a afouta jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco terral a grande vela?</p> <p>Onde vai como branca alcione buscando o rochedo pátrio nas solidões do oceano?</p> <p>Três entes respiram sobre o frágil lenho que vai singrando veloce, mar em fora.</p>		
<p>Menção a Martim e Moacir</p>	<p>Um jovem guerreiro cuja tez branca não cora o sangue americano; uma criança e um rafeiro que viram a luz no berço das florestas, e brincam irmãos, filhos ambos da mesma terra selvagem.</p> <p>A lufada intermitente traz da praia um eco vibrante, que ressoa entre o marulho das vagas:</p> <p>– Iracema!</p>		<p>Menção à Iracema</p>



Agora, compare a descrição do personagem construído pela pena de José de Alencar com a pintura de José Maria Medeiros, *Iracema*, de 1884. O escritor preocupa-se, em primeiro lugar, em harmonizar personagem e meio, sendo Iracema uma personificação da natureza local, enquanto o pintor vai pelo mesmo caminho, porém lançando mão de uma imagem composta pela figura expressivamente melancólica de Iracema, mas sem se esquecer do mar, do céu, das árvores:

“Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara, o pé grácil e nu, mal roçando alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.”



*Iracema*, por José Maria Medeiros, 1884.

## Manuel Antônio de Almeida

Manuel Antônio de Almeida foi médico, escritor e jornalista. Nessa última função, conquistou o posto de diretor da Tipografia Nacional e ficou bastante reconhecido, posteriormente, por ter empregado o ainda jovem Machado de Assis.

Por ter morrido tragicamente aos trinta anos, deixou apenas um livro: *Memórias de um sargento de milícias*, publicado em 1852 e 1853, no *Correio Mercantil*. O livro, embora apresente constantes marcações românticas, associa-se a uma estética que pode ser considerada realista, no sentido amplo da palavra, com um enredo que se aproxima mais da realidade em comparação aos romances do período.

A história, narrada em terceira pessoa, ocorre no Rio de Janeiro da época joanina, no início do século XIX. Por concentrar-se em descrições do cotidiano das camadas mais populares, o livro pode ser entendido como uma crônica de costumes. Assim, Almeida forma uma galeria de personagens pitorescos, como barbeiros, soldados de patente baixa, músicos, parteiras, ciganos, entre outros, que participam de festas populares celebradas geralmente pelas ruas.

Nesse clima, conhecemos Leonardo, filho de um beliscão e uma pisadela. O menino é, muito cedo, abandonado pelos pais, encontrando carinho nos cuidados do padrinho, um barbeiro solteiro de meia idade. Sem muitos limites, o rapaz vai se tornando um típico malandro. O seu algoz, o Major Vidigal, persegue-o constantemente, prendendo-o mais de uma vez por vadiagem.

No entanto, a partir de uma manobra da madrinha, Leonardo cai nas graças do Major, recebendo, sem merecimento, a posição de sargento. Dessa maneira, o jeitinho brasileiro (marca cultural mesmo antes da Independência)

impõe-se como regra e explicita uma série de traços sociológicos que se estendem até hoje.

No final, depois de ter se envolvido com a sensual Vidiinha, acaba por se casar com Luisinha, moça sem atributos, mas amor de infância do rapaz.



*A volta de D. João para Lisboa*, por Jean Baptiste Debret, 1834.

Anotações:



Com a intenção de averiguarmos melhor a prosa atípica do autor, vejamos, na sua linguagem irônica e coloquial, como o narrador conta o envolvimento dos pais de Leonardo e o seu nascimento:

O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era **maganão**. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente **pisadela** no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo **beliscão** nas costas da mão esquerda. **Era isto uma declaração em forma**, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos. Quando saltaram em terra começou a Maria a sentir certos enjoos: foram os dois morar juntos: e daí a um mês manifestaram-se claramente **os efeitos da pisadela e do beliscão**; sete meses depois teve a Maria um filho, formidável menino de quase **três palmos de comprimento, gordo e vermelho, cabeludo, esperneador e chorão**; o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem falamos é o **herói** desta história.

Coloquialismo

Namoro guiado por desejos e não pelos sentimentos: afastamento da conduta romântica.

Ironia

Descrição realista

Anti-herói, herói às avessas

## Bernardo Guimarães

O escritor Bernardo Guimarães nasceu em Ouro Preto, Minas Gerais. Depois de ter se dedicado à poesia da segunda geração, encontrou reconhecimento literário na prosa de ficção com *O seminarista* e *O garimpeiro* e, principalmente, com o romance de 1875, chamado *A escrava Isaura*.

*A escrava Isaura* narra os sofrimentos pelos quais a jovem e bela Isaura passa na condição de escrava em uma fazenda em Campos dos Goitacazes. Criada na casa grande, e não na senzala, por mando de sua senhora, a jovem adquire todos os atributos de uma moça de salão, desenhando uma série de paixões.

Leôncio, que assumira a fazenda depois da morte da mãe, é um dos enamorados. Extremamente violento, pretende se aproximar da escrava, enquanto o pai de Isaura elabora um plano de fuga para a Europa.

Depois de muitas reviravoltas, Isaura e o pai, Miguel, fogem para Recife, de onde partiriam para o velho mundo. Lá a jovem (que estava ocultando sua identidade com o nome de Elvira) conquista o amor do nobre Álvaro, mas é desmascarada por Martinho, que avisa Leôncio do paradeiro da moça.

No desfecho, Álvaro compra os bens do rival, inclusive seu grande amor. Leôncio, vencido, suicida-se.

É importante destacar, em relação a esse folhetim, o grande número de adaptações para o cinema e, notadamente, para a televisão. O enredo, muito preocupado com os problemas de ordem sentimental do personagem, garante o sabor atemporal da narrativa, fazendo com que tenhamos um dos romances mais conhecidos da literatura brasileira.



Leitura, por Almeida Júnior, 1892.

Anotações:



## Visconde de Taunay

Visconde de Taunay defendeu o Brasil na Guerra do Paraguai. A experiência militar na região do Mato Grosso fez com que o escritor adquirisse conhecimento necessário para criar o romance que melhor captou a essência do pensamento sertanejo: a obra *Inocência*.

O livro conta a trágica história de amor da sertaneja Inocência com o viajado boticário Cirino. O pai de Inocência, Pereira, desesperado com um mal repentino da filha, parte em busca de alguém que pudesse ajudá-la. Nas suas andanças, encontra Cirino. O jovem apaixonou-se pela moça e é correspondido, porém Pereira já havia dado a mão da filha em casamento ao vaqueiro Manecão.

O casal, então, planeja a intervenção de Antônio Cesário, padrinho da moça, junto a Pereira. A partir dessa ideia, Cirino explica seu sentimento ao sujeito, que promete pensar sobre o assunto. No retorno, Cirino encontra Manecão, que havia descoberto a aproximação do forasteiro e sua noiva. Fora de si, o vaqueiro assassina brutalmente Cirino. Inocência, triste, acaba morrendo pouco tempo depois.

O romance, pelo conjunto da obra, ficou conhecido como o *Romeu e Julieta* do sertão.

## Franklin Távora

Franklin Távora é responsável por inaugurar a Literatura do Norte, porém ambientada predominantemente no Nordeste. O romance *O Cabeleira* é a sua obra mais consagrada, acompanhando a vida dos cangaceiros que viviam no ambiente da seca.

Já no século XX, o movimento cultural Cinema Novo (influenciado pela *Nouvelle Vague* francesa), capitaneado pelo premiado diretor Glauber Rocha, retomou a temática do cangaço com filmes que, hoje, são considerados grandes clássicos do cinema brasileiro, como *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de 1964, e *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro*, de 1969.

---

Anotações:





AULA-  
-PÍLULA

## » Realismo - Naturalismo

O **Realismo** e o **Naturalismo** desenvolveram-se como estilos de época como uma consequência estética de um mundo em transformação. A segunda metade do século XIX ficou marcada pelo inacreditável progresso científico, que fez com que surgisse toda a sorte de teorias, transformando a maneira do homem de se relacionar com a realidade. É o contexto da aparição do **Evolucionismo**, de Darwin; do **Determinismo**, de Taine; do **Positivismo**, de Comte; do **Comunismo**, de Marx e Engels; entre outras correntes menores.

Essa efervescência no campo do pensamento favoreceu a ascensão de um novo tipo de mentalidade intelectual, que suprimiu a idealização romântica e abriu um caminho estético no qual a **objetividade** e a **busca pela verdade** tornaram-se quase uma obsessão para os escritores.

A partir dessa perspectiva, as características de ambas as escolas estruturaram-se com base nessas premissas. Elencaremos, a seguir, os elementos essenciais encontrados na literatura dos autores que produziram nesse período.

A principal marca comum entre Realismo e Naturalismo é a **objetividade**. Os artistas da época, em oposição à conduta romântica, tentaram criar histórias que buscavam, em tudo, reproduzir a vida como ela era, evidenciando suas injustiças e imperfeições. Por isso, deu-se o caráter iminente crítico dessa literatura, que encontra, na exposição ímpessoal, uma maneira de expor as contradições sociais e humanas.

A segunda característica é a **verossimilhança**. Os enredos são tramados com a intenção de passar uma sensação de veracidade, de vida real. Assim, as histórias tornam-se factíveis, explorando o que poderia ter ocorrido no mundo concreto.

Além disso, a **contemporaneidade** também se destaca. Como a ideia de realismo era uma meta a ser alcançada, os escritores voltaram suas atenções para a sociedade na qual viviam, esmiuçando com palavras as diferentes esferas que a compunham.

Por fim, ainda, cabe destacar o **cuidado formal**. A imparcialidade realista implica, necessariamente, uma preferência pelas frases curtas e comedimento no uso de adjetivos e figuras de linguagem. A descrição, em contrapartida, passa a assumir um papel fundamental na prosa do período.

A fim de diferenciarmos **Realismo** e **Naturalismo**, é necessário, primeiramente, partirmos do fato de que o Realismo nasce primeiro, desenvolvendo-se à luz da decomposição do caráter dos personagens, motivado pela **análise psicológica** proposta pelo narrador. Em consequência do paulatino rigor científico que foi se imiscuindo no mundo das artes, o Naturalismo floresceu. Diferente do Realismo, o Naturalismo sedimentou-se nos **romances de tese**, que primavam pela tentativa de comprovar, por meio da literatura, as ideias apresentadas pelas comunidades científicas. A principal influência da escola foi o **Determinismo**. Em acordo com essa teoria, os romances naturalistas procuraram, de modo geral, revelar o homem determinado por suas condições sociais (meio, contexto histórico) ou biológicas (raça, hereditariedade), desencadeando uma série de comportamentos patológicos que vicejavam naturalmente.

Anotações:



Eram cinco horas da manhã e o **cortiço acordava**, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.

**Zoomorfismo: homem-animal.**

**Concisão**

**Contemporaneidade**

**Pobreza**

Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de **machos e fêmeas**. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O **chão inundava-se**. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; **as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo**, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

**Prosopopeia: o cortiço como meio determinante.**

**Cortiço: habitação coletiva comum na paisagem fluminense da época.**

**Narração descritiva**

Aluísio Azevedo – O cortiço.



As Respigadeiras, por Jean-François Millet, 1857.



Os comedores de batata, por Vincent Van Gogh, 1885.

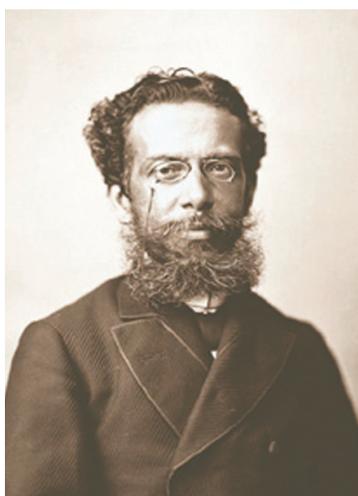
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

## • Autores e obras

### Machado de Assis

A maior expressão das letras brasileiras, Joaquim Maria Machado de Assis, nasceu, viveu, escreveu e morreu no Rio de Janeiro. Escritor profícuo, aventurou-se no conto, na crônica, na crítica literária, na poesia, no teatro e, evidentemente, na narrativa de fôlego: o romance. A despeito da infância pobre, da dificuldade de comunicação (era gago) e da epilepsia, Machado conquistou público e crítica ainda vivo, tornando-se um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e seu primeiro presidente.

Em relação à sua obra, analisada cronologicamente, podemos dividi-la em **duas fases** diametralmente distintas: a primeira, de voga **romântica**, e a segunda, a qual é motivo de sua consa-



Machado de Assis.

gração, **realista**. Nessa última, concentrou-se na análise psicológica, na metalinguagem, na estruturação não linear do enredo, na reflexão crítica da sociedade e na abordagem de temas, como a vaidade, a ganância, a loucura, a traição e a mesquinhez humana.

Os contos mais notáveis de sua produção tornaram-se exemplares como pequenas pérolas do gênero, como *A cartomante*, *Missa do galo*, *Pai contra mãe*, *O alienista*, *O enfermeiro* e *Noite de almirante*. No que concerne ao romance, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro* formam um conjunto apurado de perfeição formal e genialidade estilística.



Vídeo: Por que Machado de Assis é genial?



*Memórias póstumas de Brás Cubas*, como o próprio título antevê, é um livro em que o narrador, depois de morto, conta a história de sua vida. Filho de uma família abastada, Brás não fornece sentido algum à sua existência, encarando-a apenas como uma sucessão de acontecimentos. Do seu primeiro amor com a prostituta Marcela ao extenso relacionamento com a casada Virgília; da amizade com o filósofo Quincas Borba ao sonho de criar um emplastro com o seu nome, nada ganha um relevo especial. No desfecho, de teor pessimista, conclui que leva um saldo positivo da vida por não ter tido filhos para, assim, deixar a alguma criatura o legado da miséria do mundo.

Em *Quincas Borba*, narrado em terceira pessoa, o professor primário Rubião recebe a herança do filósofo Quincas Borba (o mesmo de *Memórias Póstumas*) com a condição de cuidar do cachorro chamado, também, de Quincas Borba. O personagem muda-se, então, do interior de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, onde assume a condição de capitalista. Na viagem, conhece o casal Sofia e Palha e acaba por se apaixonar pela mulher. O poder, as novas relações por interesse, o dinheiro e o novo estilo de vida afetam a sua saúde mental. Com mania de grandeza, gasta toda a fortuna e morre pobre, coroando a si mesmo como Napoleão e repetindo a frase de Quincas: “Ao vencedor, as batatas”. Enquanto isso, as estrelas continuam brilhando no céu, insensíveis à sorte dos homens.

Já em *Dom Casmurro*, obra-prima do escritor, Bento Santiago reconstitui, por força da memória, a vida afetiva ao lado da vizinha Capitu. Sozinho e taciturno, Bento volta à adolescência quando, movido pelos impulsos da idade, apaixona-se pela moça. Apesar das dificuldades, como a contrariedade disfarçada do agregado José Dias e a promessa da mãe de torná-lo padre, os dois se casam.

Estabelecidos, nasce o filho Ezequiel. Aos poucos, a criança vai assumindo os ares de Escobar, seu amigo desde a época em que viviam juntos no seminário, agora casado com Sancha, que, por sua vez, também era muito próxima de Capitu. O ciúme doentio e a capacidade imaginativa vão dominando seu pensamento, fazendo com que ele desconfie da paternidade da criança. Apesar da morte trágica do amigo, Bento analisa o comportamento da esposa e vê, nos olhos de Capitu, os olhos de ressaca que “imitavam as vagas do mar”. José Dias, anos antes, já havia advertido sobre estes olhos de cigana oblíqua e dissimulada da moça. Assim, acaba por ter certeza da traição da esposa.

Bento, então, separa-se de Capitu, mesmo mantendo as aparências. Ela morre pouco tempo depois, e o filho ainda lhe faz uma visita. No entanto, também falece, vítima da febre. E, assim, Bento resolve contar sua história, comprovando que Capitu sempre fora a mesma, desde a juventude.

O livro, contudo, abre-se em infinitas possibilidades pela não confirmação do adultério de Capitu. Sendo assim, a acusação unilateral de Bento (ele era advogado) torna-se insuficiente para comprovar a verdade dos fatos. Em contrapartida, o que não podemos esquecer é a inviabilidade de encontrar algo concreto, pois Capitu é personagem ficcional e, portanto, feita de tinta e papel.

### Capítulo CXXIII / Olhos de ressaca

Frases curtas:  
concisão.

Análise criteriosa  
de Bento

Comparação dos  
olhos de Capitu  
com as ondas do  
mar que tragaram  
Escobar.

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.

Capitu não chora,  
diferente de todas  
as outras mulhe-  
res. Mesmo assim,  
Bento enxerga seu  
olhar apaixonado.

Apesar da convic-  
ção de Bento, o  
verbo “parecer”  
não indica certeza  
absoluta.

Machado de Assis – *Dom Casmurro*.

## Aluísio Azevedo

A produção literária de Aluísio Azevedo, quando exposta à análise crítica, revela-se extremamente intrigante, pois é composta da alternância de grandes obras naturalistas e folhetins românticos de pouco apreço artístico. Como o escritor valeu-se desses últimos apenas para obter ganhos financeiros, ele imortalizou-se, principalmente, pelas obras *O Mulato*, *Casa de Pensão* e *O Cortiço*, todas de matiz essencialmente determinista.

Em *O Cortiço*, por exemplo, a habitação coletiva característica do Rio de Janeiro do século XIX torna-se o meio responsável por condicionar a ação dos personagens, fazendo com que ajam conforme seus instintos, bem ao modelo naturalista. Assim, aflora toda a sorte de patologias associadas aos estudos científicos da época, como o alcoolismo, a avareza, os distúrbios sexuais, entre outros. Nesse contexto, aparece João Romão, vendeiro português que constrói





um cortiço imenso com a ajuda de uma escrava chamada Bertoleza, com quem vivia. Dessa forma, o livro vai acompanhando, concomitantemente, a ascensão econômica e social de João Romão (e sua disputa com o também português Miranda) e a vida conturbada no cortiço, com seus personagens desajustados.

O português Jerônimo sucumbe à sensualidade de Rita Baiana. Na visão naturalista do escritor, a personagem europeia é atingida pelo determinismo do meio, assumindo atitudes correspondentes àquelas dos outros personagens que viviam ali.

O chorado arrastava-os a todos, despoticamente, desesperando aos que não sabiam dançar. Mas, ninguém como a Rita; só ela, só aquele demônio, tinha o mágico segredo daqueles movimentos de cobra amaldiçoada; aqueles requebros que não podiam ser sem o cheiro que a mulata soltava de si e sem aquela voz doce, quebrada, harmoniosa, arrogante, meiga e suplicante.

E Jerônimo via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos enamorados.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestras da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doída, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca.

Aluísio Azevedo – O cortiço.

Animalização

Rita é vista por Jerônimo como uma personificação da natureza tropical.

Comparações

## Raul Pompeia

Raul Pompeia é, de fato, um caso à parte na Literatura Brasileira. Se, em *Canções sem metro*, o escritor elabora um livro encantador de poesia em formato de prosa, é *O ateneu* que o coloca na condição de artista canônico.

Classificar *O ateneu* como uma obra puramente naturalista pode ser considerado um erro, pois, em muitos quesitos estéticos, o livro apresenta elementos que vão de encontro à escola. De naturalista, há a influência determinista do meio sobre os personagens e, em certos momentos, algumas descrições típicas do período. No entanto, a linguagem ornamental, os desenhos feitos pelo próprio escritor e a subjetividade da narração em primeira pessoa remetem a um **estilo impressionista**, segundo Mário de Andrade, e, por que não, **artenovista**, como aponta José Paulo Paes.

Em relação ao enredo, Sérgio lembra-se do período de dois anos que viveu no internato Ateneu. A partir de suas memórias, recorda a relação com os colegas, a descoberta do universo literário e dos primeiros amores. O tom crítico do romance registra-se na forma com que o narrador descreve Aristarco, diretor corrupto da instituição. Com isso, Pompeia pretendia, como republicano, atingir o desgastado sistema monárquico, já que a escola representava uma espécie de emblema, um microcosmo do que estava acontecendo no país.



O encontro - O Ateneu.

Marie Besikireff/BID

## Adolfo Caminha

O escritor cearense Adolfo Caminha teve seu enfoque narrativo nos casos de corrupção e animalização dos sujeitos. O determinismo do meio e da raça é uma das marcas do escritor. Em *O Bom Crioulo*, mostra a vida de Amaro, o Bom Crioulo, escravo fugido que ingressa na marinha e lá se envolve com o jovem Aleixo, sua antítese física. A despeito dos casos de relações sexuais homoafetivas existentes na marinha, a diferença de Amaro é que ele se envolve sentimentalmente com Aleixo, fazendo com que o rapaz lhe tome ojeriza. Assim, escravo de seus instintos e sentimentos, Amaro acaba por matar Aleixo quando descobre que este está envolvido com a portuguesa Carolina.





AULA-  
-PÍLULA

LITERATURA

# UNIDADE 4

## » Parnasianismo

O Parnasianismo é um movimento exclusivamente ligado à poesia. Muitas vezes, a crítica aponta, com equívoco, que esse movimento é o Realismo na poesia. Contudo, o Parnasianismo refugia-se no culto à forma, silenciando os aspectos sociais, a crítica e a profundidade psicológica do Realismo, versando mais sobre a aparência das coisas do mundo. Assim, o Parnasianismo compartilha com o Realismo apenas a visão cientificista do mundo e o rigor formal, sendo, dessa maneira, um movimento autônomo.

Esse olhar clássico em relação às artes surgiu especificamente na França, seu ambiente *par excellence*. Em Paris, no ano de 1866, poetas como Théophile Gautier, Lesconte de Lisle e Charles Baudelaire organizaram a *Le Parnase Contemporain*, uma publicação que reunia textos estruturados em conformidade com esse novo paradigma de produção literária. O nome da escola é uma referência ao Monte Parnaso que, segundo a mitologia grega, era onde deuses e poetas refugiavam-se em busca de inspiração.

É importante destacar que, além da França, apenas no Brasil essa estética acabou se consolidando. Talvez, por isso, torne-se evidente o descompasso entre as normas da escola e o contexto cultural das artes no Brasil.

As características do Parnasianismo são a **objetividade**, o **rigor formal**, o **descritivismo** e a **arte pela arte**,

essa última sendo expressão-síntese do movimento, que implica uma autonomia da literatura em relação ao sentimento e à ideologia. Em outras palavras, a literatura, sob esse ponto de vista, deixa de ser uma mera expressão de emoções humanas ou de pensamentos políticos para servir a si mesma e, assim, voltar-se às potencialidades linguísticas.

Ao simplificarmos ao máximo as premissas clássicas parnasianas, chegamos à seguinte conclusão:

Poesia = Verdade = Beleza = Forma



Apolo e as musas no Parnaso, por Nicolas Poussin.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

## • Autores e obras

### Alberto de Oliveira

De caráter eminentemente parnasiano, Alberto de Oliveira dedicou-se à **descrição de objetos** que, em si, materializam a beleza. Essa atitude fez com que Mário de Andrade afirmasse que uma lágrima de um poema de Goethe continha mais lirismo que a poética inteira de Alberto de Oliveira.

Independentemente disso, o autor é considerado um dos grandes nomes da nossa literatura, eternizado em versos que analisaremos na sequência:

#### Vaso Chinês

**Encadeamento**  
Estranho mimo aquele vaso! **Vi-o**,  
Casualmente, uma vez, de um **perfumado**  
Contador sobre o mármore **luzidio**,  
Entre um leque e o começo de um **bordado**.

**Rimas cruzadas**  
Fino artista chinês, enamorado,  
Nele pusera o coração doentio  
Em rubras flores de um sutil lavrado,  
Na tinta ardente, de um calor sombrio.

**Descritivismo**  
Mas, talvez por contraste à desventura,  
Quem o sabe?... de um velho mandarim  
Também lá estava a singular figura.

Que arte em pintá-la! A gente acaso vendo-a,  
Sentia um não sei quê com aquele chim  
De olhos cortados à feição de amêndoa.

Aluisio Azevedo.

**Rimas raras**

**Ênfase no labor artístico**

**Comparação**



Andreas Praefcke/Museu Rietberg, Zurique



### Vaso Grego

#### Descritivismo

Esta de áureos relevos, **trabalhada**,  
De divas mãos, brilhante copa, um **dia**,  
Já de aos deuses servir como **cansada**,  
Vinda do Olimpo, a um novo deus **servia**.

Rimas  
cruzadas

#### Mitologia

Era o poeta de Teos que o suspendia  
Então, e, ora repleta ora esvasada,  
**A taça** amiga aos dedos seus tinha,  
Toda de roxas pétalas colmada.

Vaso = Beleza

#### Objeto trabalhado

Depois... Mas, o lavor da taça admira,  
Toca-a, e do ouvido aproximando-a, às bordas  
Finas hás de lhe ouvir, canora e doce,

Ignota voz, qual se da antiga lira  
Fosse a encantada música das cordas,  
Qual se essa voz de Anacreonte fosse.

Hipérbatos



DerHeierfild

## Raimundo Correia

Assim como outros escritores parnasianos, Raimundo Correia moldou seus versos pela perfeição formal, pela construção de rimas ricas e raras e pelo uso de vocabulário precioso. Suas descrições, de grande carga imagética e recrutamento de sensações, são muito bem construídas, aproximando, muitas vezes, sua literatura de outra escola do período: o Simbolismo.

### A Cavalgada

Os sons rompem com o  
silêncio noturno.

A lua banha a solitária estrada...  
Silêncio!... Mas além, confuso e brando,  
O som longínquo vem-se aproximando  
Do galopar de estranha cavalgada.

A visão e, principalmen-  
te, a audição do leitor  
são recrutadas por  
meio da linguagem.

Após a passagem dos  
fidalgos, a solidão resta-  
belece-se. Porém, com  
uma ligeira modificação:  
o primeiro e o último  
versos, por apresen-  
tarem uma organiza-  
ção frasal diferente,  
sugerem que a paisa-  
gem não permanece  
exatamente igual.

São fidalgos que voltam da caçada;  
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando.  
E as trompas a soar vão agitando  
O remanso da noite embalsamada...

Diminuição dos sons

E o bosque estala, move-se, estremece...  
Da cavalgada o estrépito que aumenta  
Perde-se após no centro da montanha...

E o silêncio outra vez soturno desce...  
E límpida, sem mácula, alvacentas  
A lua a estrada solitária banha...

Raimundo Correia.

Anotações:



## Olavo Bilac

Olavo Bilac foi, além do principal poeta parnasiano, uma grande personalidade de seu tempo. Extremamente nacionalista, engajou-se na luta pela Proclamação da República, advogou pelo serviço militar obrigatório e escreveu o *Hino à Bandeira*, apenas para citar alguns exemplos.

Bilac é o responsável pelo sucesso do Parnasianismo no Brasil. Seus poemas metalinguísticos ensinaram os leitores a entender os propósitos da escola. No entanto, o poeta não se restringiu aos rígidos parâmetros temáticos do parnaso e compôs poemas carregados de lirismo, dissertando sobre o amor com sofisticação e profunda inventividade lírica. Essa característica fez com que Antonio Cândido, maior crítico brasileiro de todos os tempos, afirmasse que o que há de melhor no Parnasianismo brasileiro é o seu romantismo.

Analisemos, pois, dois poemas fundamentais:

### Profissão de Fé

Invejo o ourives quando escrevo:

Imito o amor  
Com que ele, em ouro, o alto relevo  
Faz de uma flor.

O poeta se equipara ao ourives, pelo detalhismo, esmero, trabalho árduo e manipulação de matéria-prima valiosa.

Licença poética: a palavra *rubim* é, na verdade, *rubí*. Ao forçar a rima, o poeta aça a atenção do leitor e reafirma sua busca pela perfeição formal.

Torce, aprimora, alteia, lima  
A frase; e, enfim,  
No verso de ouro engasta a rima,  
Como um *rubim*.

O trabalho árduo com a linguagem implica um afastamento social.

E horas sem conto passo, mudo,  
O olhar atento,  
A *trabalhar, longe de tudo*  
O pensamento.

Forma elevada à categoria de deusa.

Assim procedo. Minha pena  
Segue esta norma,  
Por te servir, Deusa serena,  
Serena Forma!

### Ouvir estrelas

Diálogo entre o eu-lírico e o interlocutor.

“Ora (*direis*) ouvir estrelas! Certo,  
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no *entanto*,  
Que, para ouvi-las, muitas vezes *desperto*  
E abro as janelas, pálido de *espanto*...

Perfeição formal: uso do soneto, rimas ricas e encadeamentos semânticos entre versos.

Constantes elisões

E conversamos toda a noite,  
enquanto a Via-Láctea, como um pálio aberto,  
Cintila. E, ao vir do sol, saudosos e em pranto,  
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: “*Tresloucado amigo!*  
*Que conversas com elas? Que sentido*  
*Tem o que dizem, quando estão contigo?”*”

Suposta voz do interlocutor

Resposta romântica ao interlocutor.

E eu vos direi: “*Amai para entendê-las!*  
*Pois só quem ama pode ter ouvido*  
*Capaz de ouvir e de entender estrelas*”.

Anotações:



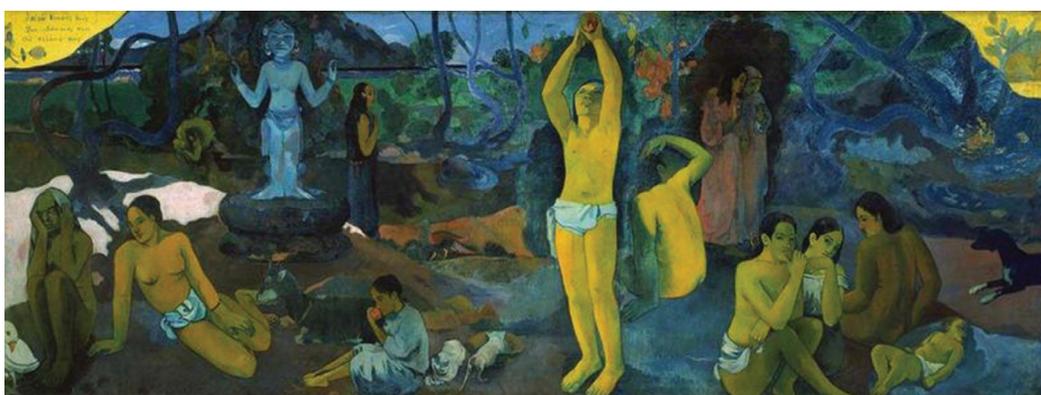


## » Simbolismo

O progresso científico e a visão materialista do mundo foram, aos poucos, perdendo sua unanimidade junto à comunidade artística. Os principais questionamentos sobre o homem e o mundo permaneciam sem respostas: de onde viemos? Para onde vamos? Sendo assim, brotou um descontentamento por parte dos poetas que, cada vez mais, voltavam-se ao misticismo e à espiritualidade.

No início, esses artistas foram chamados de **decadentistas**, mas, com a oficialização de um estilo de época, passaram a ser identificados como simbolistas. Diferente do Brasil, o Simbolismo gozou de grande prestígio na Europa de uma forma geral, tendo uma abrangência superior ao Parnasianismo, escola coetânea. Afinal, dois grandes gênios da linguagem da literatura finissecular, Mallarmé e Rimbaud, foram seus maiores representantes.

As características mais notáveis do Simbolismo incluem a **espiritualidade**, que visa à transcendência; a **sugestividade**, desencadeada pela plurissignificação da palavra; o **culto ao vago**, em oposição ao mundo material; e a **musicalidade**, que faz com que a poesia se associe à música e às sensações causadas por ela.



Paul Gauguin - De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos?, 1897.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

## • Autores e obras

### Cruz e Sousa

O poeta Cruz e Sousa, alcunhado de “Cisne Negro” por Olavo Bilac, foi a maior expressão do Simbolismo brasileiro. Ao longo de sua tumultuada existência, encontrou, na literatura, uma forma de libertar-se do sofrimento, causado, entre outras coisas, pelo preconceito racial do qual foi vítima a vida inteira.

No plano estético, trabalhou com poemas em prosa, textos longos e sonetos, sem jamais perder o gosto pelo requinte formal. Embora não tenha sido amplamente reconhecido em vida, hoje, Cruz e Sousa é um dos escritores brasileiros mais estudados fora do país, figurando em estudos sobre o Simbolismo como uma de suas principais vozes.

O grande diferencial da estilística de Cruz e Sousa é a linguagem. Destoando da objetividade parnasiana, o poeta abre mão quase integralmente da denotação, a fim de abrir espaço a uma sucessão de códigos, mensagens cifradas e símbolos linguísticos, nos quais abundam aliterações, assonâncias e sinestésias. No que tange aos temas, ele debruçou-se, principalmente, sobre a espiritualidade, o cromatismo e a angústia sexual.



Cruz e Sousa.

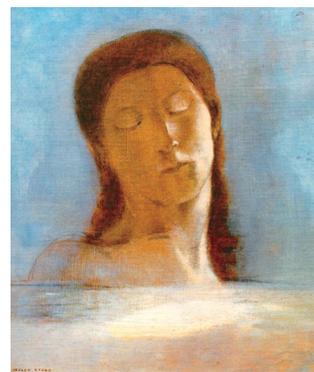
Maurício Jobim (seu amigo)/BID



Vejamos, agora, em texto, algumas características da poesia do autor:

### Antífona

<b>Sinestésias.</b>	Ó Formas <b>alvas, brancas</b> , Formas <b>claras</b> De <b>luares</b> , de <b>neves</b> , de <b>neblinas!</b> Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas... <b>Incensos</b> dos turíbulos das aras	<b>Obsessão pela cor branca e seus múltiplos significados simbólicos.</b>
<b>Ambiente místico: os rituais litúrgicos despertam mais interesse que a religiosidade em si.</b>	Formas do Amor, constelarmante puras, De Virgens e de Santas vaporosas... <b>Brilhos</b> errantes, mádidas frescuras E <b>dolências</b> de lírios e de rosas ...	<b>Uso de reticências: sugestão.</b>
<b>Aliteraões e assonâncias: musicalidade.</b>	Indefiníveis músicas supremas, <b>Harmonias da Cor e do Perfume...</b> Horas do Ocaso, trêmulas, extremas, Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...	<b>Correspondências sinestésicas.</b>
	Visões, salmos e cânticos serenos, Surdinas de órgãos flébeis, soluçantes... Dormências de volúpicos venenos Sutis e suaves, mórbidos, radiantes...	<b>Efeitos causados pelo ritual místico.</b>



De olhos fechados, por Odilon Redon, 1890.

### Cárcere das almas

<b>Soneto</b>	Ah! <b>Toda a alma num cárcere anda presa</b> , Soluçando nas trevas, entre as grades Do calabouço olhando imensidades, Mares, estrelas, tardes, natureza.	<b>O corpo é tratado, simbolicamente, como um cárcere, uma prisão.</b>
<b>Personificação da alma que anseia pela libertação.</b>	Tudo se veste de uma igual grandeza <b>Quando a alma</b> entre grilhões as liberdades <b>Sonha</b> e, sonhando, as imortalidades <b>Rasga</b> no etéreo o Espaço da Pureza.	<b>Letras maiúsculas: simbologia reforçada.</b>
<b>Musicalidade</b>	Ó almas presas, mudas e fechadas Nas prisões colossais e abandonadas, Da Dor no calabouço, atroz, funéreo!	<b>Chaveiro do céu: responsável pela libertação da alma.</b>
	Nesses silêncios solitários, graves, que <b>chaveiro do Céu possui as chaves</b> para abrir-vos as portas do Mistério?!	

Anotações:



## Alphonsus de Guimaraens

Alphonsus de Guimarães nasceu na região de Ouro Preto, Minas Gerais. Ainda muito jovem, o poeta sofreu um trauma que viria a marcar de forma indelével sua literatura: a sua noiva, Constança, filha do escritor Bernardo Guimarães, morreu, vítima da tuberculose. Apesar de seu casamento posterior, somado ao nascimento de seus quatorze filhos, Alphonsus jamais se libertou desse sofrimento, transformando-o em substrato emotivo para a composição de seus versos.

Sendo assim, os temas que mais se destacam na sua poética são a morte, vista de maneira espiritualizada, e a religiosidade, com motivos católicos e litúrgicos. Acompanhe, a seguir, todos esses elementos materializados no seu poema de maior reconhecimento: “Ismália”.



A Dama de Shalott, por John William Waterhouse, 1888.

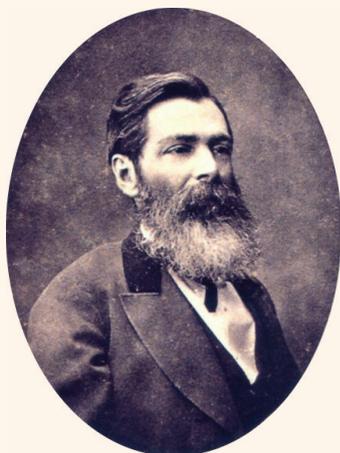
### Ismália

Anáfora	Quando Ismália enlouqueceu, Pôs-se na torre a <b>sonhar</b> ... <b>Viu</b> uma lua no céu, <b>Viu</b> outra lua no mar.	Universo onírico: relativo a sonhos, portanto distante da realidade imediata.
Seu afã por “subir ao céu” simboliza busca pelo misté- rio transcendental.	No <b>sonho</b> em que se perdeu, Baniu-se toda em luar... <b>Queria</b> subir ao céu, <b>Queria</b> descer ao mar...	Uso de reticên- cias: sugestão.
Musicalidade nas rimas	E, no desvario seu, Na <b>torre</b> pôs-se a <b>cantar</b> ... Estava perto do céu, Estava longe do <b>mar</b> ...	Torre: símbolo de interioridade.
Comparação	E <b>como um anjo</b> pendeu As asas para voar... Queria a <b>lua</b> do céu, Queria a <b>lua</b> do mar...	
Libertação mística: corpo e alma.	As asas que <b>Deus</b> lhe deu Ruflaram de par em par... Sua <b>alma</b> subiu ao céu, Seu <b>corpo</b> desceu ao mar...	Lua: símbolo relativo ao universo feminino.



## DEMAIS VESTIBULARES

### Um pouco mais de Alencar



BID

José de Alencar buscou construir um painel da nossa pátria. Escreveu em diferentes estilos e com uma linguagem diferente do português europeu, na busca da formação da identidade cultural brasileira. Entre os estilos mais marcantes do escritor cearense, estão o romance urbano e o indianista, como nos exemplos de *Senhora* e *O guarani*, respectivamente:

No romance *Senhora*, narram-se as aventuras amorosas do casal Aurélia Camargo e Fernando Seixas. Aurélia, moça pobre e órfã, é abandonada por seu noivo, Seixas, que decide casar-se, por dinheiro, com outra mulher. Quando Aurélia recebe, inesperadamente, uma herança de um avô desconhecido, decide, sem se identificar, fazer uma proposta de união ao seu antigo noivo. O casamento acontece e, na noite de núpcias, Aurélia humilha Seixas, colocando-o na posição de mercador. Por longos onze meses, o casal convive na mesma casa, porém separados, mesmo que ocorram momentos que comprovem que ambos se amam. No final, Seixas devolve o dinheiro, resgatando, assim, sua honra. O casal perdoa-se e vive feliz para sempre.

*O guarani* passa-se no início do século XVII e remonta ao período de colonização do Brasil. Peri, guerreiro goitacá, decide, por intuição religiosa, servir, de maneira incondicional, à jovem Cecília Mariz, filha de uma família aristocrata portuguesa. Após diversas peripécias que envolvem as tramas do vilão Loredano e um ataque de índios Aimorés, Peri é batizado pelo pai da moça, D. Antônio, e salva a jovem do ataque indígena. O desfecho, em aberto, mostra Peri e Ceci (apelido de Cecília) em cima de uma palmeira, no rio, rumando em direção ao infinito.

## • A literatura portuguesa do século XIX

### Romantismo (1825-1865)

O Romantismo em Portugal não se consolidou de maneira rápida. Havia uma forte resistência dos intelectuais formados na escola neoclássica. Assim, em um primeiro momento, houve uma ideia romântica presa aos moldes de produção neoclássica. Entre nomes como **Almeida**

**Garret** e **Antônio de Castilho**, o grande destaque dessa fase é **Alexandre Herculano**.

Herculano ganha relevo com suas obras históricas. Foi um ficcionista abafado pelo seu lado historiador, pois buscava criar suas obras a partir de documentos e livros. Destacam-se seus contos de *Lendas e Narrativas* e o romance histórico *Eurico, o presbítero*.

### Realismo (1865-1890)

O Realismo em Portugal é uma reviravolta intelectual. Jovens estudantes de Coimbra voltam-se contra o estilo romântico; além disso, há uma forte crítica à monarquia e ao clero, o que ficou conhecido como *Questão Coimbrã*. O Realismo português apresenta uma forte carga de engajamento, ligado a ideias republicanas, anticlericais e, muitas vezes, socialistas. Diferentemente do Brasil, o Realismo, nesse viés crítico, apresentou-se também em forma de poesia, como o comprovam **Antero de Quental**, com uma poesia metafísica, e **Cesário Verde** e sua poesia do cotidiano.

#### Impossível

[...]

E podemos até, noites amadas!  
Dormir juntos dum modo galhofeiro,  
Com as nossas cabeças repousadas,  
No mesmo travesseiro.

Posso ser teu amigo até à morte,  
Sumamente amigo! Mas por lei,  
Ligar a minha sorte à tua sorte,  
Eu nunca poderei!

Eu posso amar-te como o Dante amou,  
Seguir-te sempre como a luz ao raio,  
Mas ir, contigo, à igreja, isso não vou,  
Lá essa é que eu não caio!

*Impossível*, de Cesário Verde.

Na narrativa, o grande destaque do Realismo português é **Eça de Queirós**. Eça é um escritor extremamente combativo. Critica as instituições (Monarquia, Igreja, Burguesia), tratando sua obra como ação política. Apresenta um estilo original, com uma narrativa fluida, sem exageros retóricos e introdução da oralidade. Entre suas obras, destacam-se *O crime do padre Amaro* e *O primo Basílio*.



BID

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.



# HABILIDADES À PROVA 1

## » Romantismo

### ○ 1. (ENEM-2020)

#### Leito de folhas verdes

Brilha a lua no céu, brilham estrelas,  
Correm perfumes no correr da brisa,  
A cujo influxo mágico respira-se  
Um quebranto de amor, melhor que a vida!  
A flor que desabrocha ao romper d'alva  
Um só giro do sol, não mais, vegeta:  
Eu sou aquela flor que espero ainda  
Doce raio do sol que me dê vida.

DIAS, G. Antologia poética. Rio de Janeiro: Agir, 1979 (fragmento).

Na perspectiva do Romantismo, a representação feminina espelha concepções expressas no poema pela

- a) reprodução de estereótipos sociais e de gênero.
- b) presença de traços marcadores de nacionalidade.
- c) sublimação do desejo por meio da espiritualização.
- d) correlação feita entre estados emocionais e natureza.
- e) mudança de paradigmas relacionados à sensibilidade.

### ○ 2. (ENEM)

#### Texto 1

##### Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

[...]

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar – sozinho, à noite  
– Mais prazer eu encontro lá;  
Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras  
Onde canta o Sabiá.

DIAS, G. Poesia e prosa completas. Rio de Janeiro: Aguilar, 1998.

#### Texto 2

##### Canto de regresso à Pátria

Minha terra tem palmares  
Onde gorjeia o mar  
Os passarinhos daqui  
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas  
E quase tem mais amores  
Minha terra tem mais ouro  
Minha terra tem mais terra  
Ouro terra amor e rosas  
Eu quero tudo de lá  
Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte pra São Paulo  
Sem que eu veja a rua 15  
e o progresso de São Paulo

ANDRADE, O. Cadernos de poesia do aluno Oswald. São Paulo: Circulo do Livro. s/d.

Os textos 1 e 2, escritos em contextos históricos e culturais diversos, enfocam o mesmo motivo poético: a paisagem brasileira entrevista a distância. Analisando-os, conclui-se que:

- a) o ufanismo, atitude de quem se orgulha excessivamente do país em que nasceu, é o tom de que se revestem os dois textos.
- b) a exaltação da natureza é a principal característica do texto 2, que valoriza a paisagem tropical realçada no texto 1.
- c) o texto 2 aborda o tema da nação, como o texto 1, mas sem perder a visão crítica da realidade brasileira.
- d) o texto 1, em oposição ao texto 2, revela distanciamento geográfico do poeta em relação à pátria.
- e) ambos os textos apresentam ironicamente a paisagem brasileira.

Anotações:



○ 3. (ENEM)

Texto I

Se eu tenho de morrer na flor dos anos,  
Meu Deus! não seja já;  
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,  
Cantar o sabiá!  
Meu Deus, eu sinto e bem vês que eu morro  
Respirando esse ar;  
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo  
Os gozos do meu lar!

Dá-me os sítios gentis onde eu brincava  
Lá na quadra infantil;  
Dá que eu veja uma vez o céu da pátria,  
O céu de meu Brasil!  
Se eu tenho de morrer na flor dos anos,  
Meu Deus! Não seja já!  
Eu quero ouvir cantar na laranjeira, à tarde,  
Cantar o sabiá!

ABREU, C. *Poetas românticos brasileiros*. São Paulo: Scipione, 1993.

Texto II

A ideologia romântica, argamassada ao longo do século XVIII e primeira metade do século XIX, introduziu-se em 1836. Durante quatro decênios, imperaram o “eu”, a anarquia, o liberalismo, o sentimentalismo, o nacionalismo, através da poesia, do romance, do teatro e do jornalismo (que fazia sua aparição nessa época).

MOISÉS, M. *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1971 (fragmento).

De acordo com as considerações de Massaud Moisés no texto II, o texto I centra-se:

- a) no imperativo do “eu”, reforçando a ideia de que estar longe do Brasil é uma forma de estar bem, já que o país sufoca o eu-lírico.
- b) no nacionalismo, reforçado pela distância da pátria e pelo saudosismo em relação à paisagem agradável onde o eu-lírico vivera a infância.
- c) na liberdade formal, que se manifesta na opção por versos sem métrica rigorosa e temática voltada para o nacionalismo.
- d) no fazer anárquico, entendida a poesia como negação do passado e da vida, seja pelas opções formais, seja pelos temas.
- e) no sentimentalismo, por meio do qual se reforça a alegria presente em oposição à infância, marcada pela tristeza.

Anotações:

Instrução: Textos para as questões 4 e 5.

O canto do guerreiro

Aqui na floresta  
Dos ventos batida,  
Façanhas de bravos  
Não geram escravos,  
Que estimem a vida  
Sem guerra e lidar.  
– Ouvi-me, Guerreiros,  
– Ouvi meu cantar.

Valente na guerra,  
Quem há, como eu sou?  
Quem vibra o tacape  
Com mais valentia?  
Quem golpes daria  
Fatais, como eu dou?  
– Guerreiros, ouvi-me;  
– Quem há, como eu sou?

Gonçalves Dias.

Macunaíma  
(Epílogo)

Acabou-se a história e morreu a vitória.

Não havia mais ninguém lá. Dera tangolomângolo na tribo Tapanhumas e os filhos dela se acabaram de um em um. Não havia mais ninguém lá. Aqueles lugares, aqueles campos, furos puxadouros arrastadouros meios-barrancos, aqueles matos misteriosos, tudo era solidão do deserto... Um silêncio imenso dormia à beira do rio Uraricoera. Nenhum conhecido sobre a terra não sabia nem falar da tribo nem contar aqueles casos tão pançudos. Quem podia saber do Herói?

Mário de Andrade.

○ 4. (ENEM) A leitura comparativa dos dois textos acima indica que:

- a) ambos têm como tema a figura do indígena brasileiro apresentada de forma realista e heroica, como símbolo máximo do nacionalismo romântico.
- b) a abordagem da temática adotada no texto escrito em versos é discriminatória em relação aos povos indígenas do Brasil.
- c) as perguntas “– Quem há, como eu sou?” (1º texto) e “Quem podia saber do Herói?” (2º texto) expressam diferentes visões da realidade indígena brasileira.
- d) o texto romântico, assim como o modernista, aborda o extermínio dos povos indígenas como resultado do processo de colonização no Brasil.
- e) os versos em primeira pessoa revelam que os indígenas podiam expressar-se poeticamente, mas foram silenciados pela colonização, como demonstra a presença do narrador, no segundo texto.

○ 5. (ENEM) Considerando-se a linguagem desses dois textos, verifica-se que:

- a) a função da linguagem centrada no receptor está ausente tanto no primeiro quanto no segundo texto.
- b) a linguagem utilizada no primeiro texto é coloquial, enquanto, no segundo, predomina a linguagem formal.
- c) há, em cada um dos textos, a utilização de pelo menos uma palavra de origem indígena.
- d) a função da linguagem, no primeiro texto, centra-se na forma de organização da linguagem e, no segundo, no relato de informações reais.
- e) a função da linguagem centrada na primeira pessoa, predominante no segundo texto, está ausente no primeiro.



○ 6. (ENEM-2020)

**O laço de fita**

Não sabes, criança? 'Stou louco de amores...  
Prendi meus afetos, formosa Pepita.

Mas onde? No templo, no espaço, nas névoas?!  
Não rias, prendi-me  
Num laço de fita.  
Na selva sombria de tuas madeixas,  
Nos negros cabelos de moça bonita,  
Fingindo a serpente qu'enlaça a folhagem,

Formoso enroscava-se  
O laço de fita.

[...]

Pois bem! Quando um dia na sombra do vale  
Abrirem-me a cova... formosa Pepita!

Ao menos arranca meus louros da frente,  
E dá-me por c'roa...  
Teu laço de fita.

ALVES, C. Espumas flutuantes. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 8 ago. 2015 (fragmento).

Exemplo da lírica de temática amorosa de Castro Alves, o poema constrói imagens caras ao Romantismo. Nesse fragmento, o lirismo romântico se expressa na:

- a) representação infantilizada da figura feminina.
- b) criatividade inspirada em elementos da natureza.
- c) opção pela morte como solução para as frustrações.
- d) ansiedade com as atitudes de indiferença da mulher.
- e) fixação por signos de fusão simbólica com o ser amado.

○ 7. (ENEM)

**Soneto**

Já da morte o palor me cobre o rosto,  
Nos lábios meus o alento desfalece,  
Surda agonia o coração fenece,  
E devora meu ser mortal desgosto!

Do leito embalde no macio encosto  
Tento o sono reter!... já esmorece  
O corpo exausto que o repouso esquece...  
Eis o estado em que a mágoa me tem posto!

O adeus, o teu adeus, minha saudade,  
Fazem que insano do viver me prive  
E tenha os olhos meus na escuridade.

Dá-me a esperança com que o ser mantive!  
Volve ao amante os olhos por piedade,  
Olhos por quem viveu quem já não vive!

AZEVEDO, A. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

O núcleo temático do soneto citado é típico da segunda geração romântica, porém configura um lirismo que o projeta para além desse momento específico. O fundamento desse lirismo é:

- a) a angústia alimentada pela constatação da irreversibilidade da morte.
- b) a melancolia que frustra a possibilidade de reação diante da perda.
- c) o descontrole das emoções provocado pela autopiedade.
- d) o desejo de morrer como alívio para a desilusão amorosa.
- e) o gosto pela escuridão como solução para o sofrimento.

○ 8. (UFRGS) Leia as estrofes seguintes, extraídas do poema *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias.

Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o sabiá  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam, como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

[...]

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Em relação à *Canção do Exílio*, é correto afirmar que:

- a) exalta a natureza brasileira em sua fauna e flora, destacando-se pela temática regionalista.
- b) se trata de um soneto clássico que celebrou o poeta como um dos mais importantes do Romantismo brasileiro.
- c) é um canto de amor à pátria e teve alguns dos seus versos incorporados à letra do Hino Nacional.
- d) as estrelas e as flores, referidas na segunda estrofe, simbolizam a falta de preocupação com os problemas do período colonial.
- e) os versos da última estrofe acentuam o sentimento do exílio e expressam o desejo do poeta de morrer em Portugal.

○ 9. (UFRGS) Leia os excertos abaixo, do poema *O Poeta Moribundo*, de Álvares de Azevedo.

"Poetas, amanhã ao meu cadáver  
Minha tripa cortai mais sonora!...  
Façam dela uma corda, e cantem nela  
Os amores da vida esperançosa!  
[...]  
Eu morro qual nas mãos da cozinheira  
O marreco piando na agonia...  
Como o cisne de outrora... que gemendo  
Entre os hinos de amor se enternecia.  
Coração, por que tremes? Vejo a morte,  
Ali vem lazarenta e desdentada...  
Que noiva!... E devo então dormir com ela?...  
Se ela ao menos dormisse mascarada!"

Considere as afirmações sobre os versos acima.

- I. A temática amorosa-sentimental e a linguagem elevada, evidenciadas nos versos citados, são constantes na obra de Álvares de Azevedo.
- II. O poeta manifesta a vontade de que seu corpo continue a ser um instrumento do cantar lírico, mesmo depois da morte.
- III. Os versos exemplificam a faceta irônica que convive com a lírica emocional e erótica do poeta da Lira dos Vinte Anos.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.



○ 10. (UFSM)

Saudades

[...]

E por três noites padeci três anos,  
Na vida cheia de saudade infinda...  
Três anos de esperança e de martírio...  
Três anos de sofrer – e espero ainda!

A ti se ergueram meus doridos versos,  
Reflexos sem calor de um sol intenso:  
Votei-os à imagem dos amores  
Pra velá-la nos sonhos como incenso!

Eu sonhei tanto amor, tantas venturas,  
Tantas noites de febre e d'esperança!  
Mas hoje o coração desbota, esfria,  
E do peito no túmulo descansa!  
[...]

*Saudades*, de Álvaro de Azevedo, é um típico poema romântico, cujo elemento dominante é o sofrimento por amor descrito pela experiência do sujeito lírico. Em relação ao trecho transcrito, é correto afirmar que:

- a) a dor de amor do sujeito lírico demonstra que o sentimento pela amada, embora intenso, não foi plenamente vivido.
- b) a tristeza do sujeito lírico é decorrente do pouco tempo de vivência desse amor, pois a amada está morta.
- c) a impotência do sujeito lírico quanto à realização do amor se deve ao fato de que ele não se declarou à amada enquanto ela vivia.
- d) a impossibilidade de viver esse amor levou o sujeito lírico a sepultar qualquer sentimento amoroso.
- e) a lembrança desse amor morre no peito do sujeito lírico, após a morte da amada.

○ 11. (UFSM) Leia com atenção as seguintes estrofes de *A cruz da estrada*, de Castro Alves:

Caminheiro que passas pela estrada,  
Seguindo pelo rumo do sertão,  
Quando vires a cruz abandonada,  
Deixa-a em paz dormir na solidão.

Caminheiro! do escravo desgraçado  
O sono agora mesmo começou!  
Não lhe toques no leito de noivado,  
Há pouco a liberdade o desposou.

As duas estrofes apresentam vocábulos do mesmo campo semântico, como cruz, paz, solidão, sono, leito. Pode-se, através dessas estrofes, inferir que

- I. o escravo dorme depois de um dia estafante de trabalho.
- II. "sono" e "liberdade o desposou" são eufemismos para a morte.
- III. o eu lírico, que é o próprio escravo, dirige-se ao leitor, em 2ª pessoa.
- IV. o eu lírico se dirige ao caminheiro.

Está(ão) correta(s):

- a) apenas I.
- b) apenas I e III.
- c) apenas I e IV.
- d) apenas II e III.
- e) apenas II e IV.

○ 12. (UFSM) No governo de D. João VI, diversas medidas progressistas - a abertura dos portos, a instituição de museu, arquivo, biblioteca pública, imprensa - contribuíram para estimular a emancipação política do Brasil. Em meados do século, a literatura veio impulsionar a formação da consciência nacional através da valorização da cor local e do indianismo.

Compare os dois poemas a seguir.

Poema 1

Minha terra tem palmeiras.  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida.  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar - sozinho, à noite -  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras.  
Onde canta o Sabiá.  
[...]

Poema 2

[...]  
"Minha terra é lá bem longe,  
Das bandas de onde o sol vem;  
Esta terra é mais bonita,  
Mas à outra eu quero bem!

O sol faz lá tudo em fogo.  
Faz em brasa toda a areia;  
Ninguém sabe como é belo  
Ver de tarde a papa-ceia\*!

Aquelas terras tão grandes,  
Tão compridas como o mar,  
Com suas poucas palmeiras  
Dão vontade de pensar...

Lá todos vivem felizes,  
Todos dançam no terreiro;  
A gente lá não se vende  
Como aqui, só por dinheiro".  
[...]

\* planeta Vênus

Verifique se as afirmações sobre os poemas são verdadeiras (V) ou falsas (F).

- ( ) No primeiro poema, o sujeito lírico encontra-se num país europeu; no segundo, o eu lírico está exilado no continente africano.
- ( ) Em ambos os poemas, as oposições espaciais são enfatizadas por advérbios de lugar.
- ( ) Tanto em um quanto em outro, a cor local é acentuada por adjetivos de conotações visuais.
- ( ) Ufanismo no primeiro e denúncia social no segundo situam, respectivamente, os poemas na primeira e terceira fases do romantismo brasileiro.
- ( ) O primeiro poema é de Gonçalves de Magalhães e o segundo, de Castro Alves. Ambos os textos são compostos por redondilhas maiores e apresentam rimas cruzadas.

A sequência correta é:

- a) V - V - F - V - F.
- b) F - F - V - V - F.
- c) V - F - V - F - V.
- d) F - V - F - V - F.
- e) V - V - F - F - V.



○ 13. (UFSM) Se tratamos de minorias, não é possível ignorar que as mulheres lutam, ainda, por seus direitos. No Romantismo elas não tinham essa opção e eram vistas de modo bem diferente. Leia agora o poema com atenção:

#### Soneto

Pálida à luz da lâmpada sombria,  
Sobre o leito de flores reclinada,  
Como a lua por noite embalsamada,  
Entre as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do mar, na espuma fria  
Pela maré das águas embalada!  
Era um anjo entre nuvens d'alvorada  
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bela! o seio palpitando...  
Negros olhos as pálpebras abrindo...  
Formas nuas no peito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!  
Por ti - as noites eu velei chorando,  
Por ti - nos sonhos morrerei sorrindo!

Considerando a primeira estrofe do Soneto de Álvares de Azevedo, há uma comparação entre a mulher amada e \_\_\_\_\_; considerando as duas primeiras estrofes, é possível afirmar que a mulher é esboçada como \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_.

Assinale as palavras que preenchem corretamente as lacunas.

- a) as flores - etérea - impalpável
- b) as flores - submissa - sensual
- c) a lua - etérea - impalpável
- d) a lua - submissa - sensual
- e) as nuvens - etérea - impalpável

○ 14. (UFSM) Leia com atenção estas estrofes de "Lembrança de morrer", de Álvares de Azevedo.

1 Quando em meu peito rebentar-se a fibra,  
Que o espírito enlaça à dor vivente,  
Não derramem por mim nem uma lágrima  
Em pálpebra demente.

5 E nem desfolhem na matéria impura  
A flor do vale que adormece ao vento:  
Não quero que uma nota de alegria  
Se cale por meu triste passamento.

Só levo uma saudade - é dessas sombras  
10 Que eu sentia velar nas noites minhas...  
De ti, ó minha mãe! pobre coitada  
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai... de meus únicos amigos,  
Poucos, - bem poucos - e que não zombavam  
15 Quando, em noites de febre endoidecido,  
Minhas pálidas crenças duvidavam.

De acordo com essas estrofes, é correto afirmar que:

- a) "sombras" (verso 9) remetem à vegetação do vale.
- b) o eu-lírico vai sentir falta das pessoas que velavam suas noites.
- c) o eu-lírico não quer uma nota de alegria na sua morte.
- d) "noites de febre" (verso 15) são noites de verão.
- e) ele só leva uma saudade, e essa saudade é de sua mãe, não de seu pai.

○ 15. (UFSM) Poeticamente, o sal metaforiza o mar, as lágrimas, a força de viver. Castro Alves, em sua obra poética, lança mão desse recurso para unir arte e crítica social. Observe os fragmentos:

#### Fragmento 1 - "A Canção do Africano"

Lá, na úmida senzala,  
Sentado na estreita sala,  
Junto ao braseiro, no chão,  
Entoa o escravo o seu canto,  
E ao cantar correm-lhe em pranto  
Saudades do seu torrão...

Fonte: CASTRO ALVES, 1995, p. 100.

#### Fragmento 2 - "O Navio Negreiro"

Senhor Deus dos desgraçados!  
Dizei-me vós, Senhor Deus!  
Se eu deliro... ou se é verdade  
Tanto horror perante os céus...  
Ó mar, por que não apagas  
Co'a esponja de tuas vagas  
De teu manto este borrão?...  
Astros! noite! tempestades!  
Rolai das imensidades!  
Varrei os mares, tufão!...

Fonte: CASTRO ALVES, 1995, p. 137.

Em relação a esses versos, é possível afirmar:

I - O canto, as saudades e o pranto do escravo, no primeiro fragmento, são decorrentes do cativo resultante da escravidão, situação aviltante ao ser humano.

II - O "horror perante os céus" a que se refere o eulírico, no segundo fragmento, corresponde ao tráfico de escravos, mácula sociomoral que envergonha o Brasil.

III - Em ambos os fragmentos, a crueldade da escravidão se faz presente.

Está(ão) correta(s) a(s) afirmativa(s):

- a) I apenas.
- b) II apenas.
- c) I e II apenas.
- d) III apenas.
- e) I, II e III.

Anotações:



○ 16. (UFSM)

Por que mentias? Por que mentias leviana e bela?  
Se minha face pálida sentias  
Queimada pela febre, e se minha vida  
Tu vias desmaiar, por que mentias?

Acordei da ilusão, a sós morrendo  
Sinto na mocidade as agonias.  
Por tua causa desespero e morro...  
Leviana sem dó, por que mentias?  
[...]  
Vê minha palidez – a febre lenta  
Esse fogo das pálpebras sombrias...  
Pousa a mão no meu peito! Eu morro! eu morro!  
Leviana sem dó, por que mentias?

Fonte: ÁLVARES DE AZEVEDO, 1994, p. 87.

Ainda uma vez – adeus! – [XVIII]  
Lerás porém algum dia  
Meus versos, d’alma arrancados,  
D’amargo pranto banhados,  
Com sangue escritos; e então  
Confio que te comovas,  
Que a minha dor te apiade,  
Que chores, não de saudade,  
Nem de amor, – de compaixão.

Fonte: CASTRO ALVES, 1995, p. 137.

Uma leitura comparativa dos excertos permite afirmar que os dois eus-líricos:

- a) sentem-se imperturbados pelo sentimento amoroso não correspondido.
- b) realizam o amor na sua plenitude justamente porque sofrem com ele.
- c) censuram o descaso com que é tratado seu sentimento amoroso.
- d) externam prazer quanto ao sentimento amoroso que despertam.
- e) sentem-se satisfeitos com o sofrimento amoroso, apesar da dor.

○ 17. (UFSM) A literatura romântica é conhecida por representar as doenças da alma. O poeta romântico não tenta controlar, esconder seus sentimentos, como fazia o poeta clássico. Ao contrário, ele confessa seus conflitos mais íntimos. Por isso, predominam no Romantismo o desespero, a aflição, a instabilidade, a sensação de desamparo que leva a maioria dos poetas a pensar na morte, como acontece no fragmento do poema “Mocidade e morte”, de Castro Alves:

E eu sei que vou morrer... dentro em meu peito  
Um mal terrível me devora a vida:  
Triste Ahasverus\*, que no fim da estrada,  
Só tem por braços uma cruz erguida.  
Sou o cipreste, qu’inda mesmo flórido,  
Sombra de morte no ramal encerra!  
Vivo - que vaga sobre o chão da morte,  
Morto - entre os vivos a vagar na terra.

\*Ahasverus: Jesus ter-lhe-ia amaldiçoado, condenando-o a vagar pelo mundo sem nunca morrer.

Qual o estado sentimental do sujeito lírico nessa estrofe?

- a) Sente-se muito próximo da morte, devido aos males causados por uma grave doença física.
- b) Deseja a morte, pois só na eternidade seria capaz de encontrar a paz do espírito.
- c) Sente-se muito próximo da morte, devido à tristeza profunda que lhe devora a alma.
- d) Sente-se totalmente morto, pois não lhe resta nenhum sinal de vida.
- e) Sente-se muito próximo da morte, pois não é capaz de lutar pela vida.

Anotações:



# HABILIDADES À PROVA 2

## » Prosa Romântica

○ 1. (ENEM) Estas palavras ecoavam docemente pelos atentos ouvidos de Guaraciaba, e lhe ressoavam n'álma como um hino celestial. Ela sentia-se ao mesmo tempo enternecida e ufana por ouvir aquele altivo e indômito guerreiro pronunciar a seus pés palavras do mais submisso e mavioso amor, e respondeu-lhe cheia de emoção: - Itajiba, tuas falas são mais doces para minha alma que os favos da jataí, ou o suco delicioso do abacaxi. Elas fazem-me palpitar o coração como a flor que estremece ao bafejo perfumado das brisas da manhã. Tu me amas, bem o sei, e o amor que te consagro também não é para ti nenhum segredo, embora meus lábios não o tenham revelado. A flor, mesmo nas trevas, se trai pelo seu perfume; a fonte do deserto, escondida entre os rochedos, se revela por seu murmúrio ao caminhante sequioso. Desde os primeiros momentos tu viste meu coração abrir-se para ti, como a flor do manacá aos primeiros raios do sol.

GUIMARÃES, B. *O ermitão de Muquém*. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br). Acesso em: 7 out. 2015.

O texto de Bernardo Guimarães é representativo da estética romântica. Entre as marcas textuais que evidenciam a filiação a esse movimento literário está em destaque a

- a) referência a elementos da natureza local.
- b) exaltação de Itajiba como nobre guerreiro.
- c) cumplicidade entre o narrador e a paisagem.
- d) representação idealizada do cenário descrito.
- e) expressão da desilusão amorosa de Guaraciaba.

○ 2. (ENEM) "Ele era o inimigo do rei", nas palavras de seu biógrafo, Lira Neto. Ou, ainda, "um romancista que colecionava desafetos, azucrinava D. Pedro II e acabou inventando o Brasil". Assim era José de Alencar (1829-1877), o conhecido autor de *O guarani* e *Iracema*, tido como o pai do romance no Brasil. Além de criar clássicos da literatura brasileira com temas nativistas, indianistas e históricos, ele foi também folhetinista, diretor de jornal, autor de peças de teatro, advogado, deputado federal e até ministro da Justiça. Para ajudar na descoberta das múltiplas facetas desse personagem do século XIX, parte de seu acervo inédito será digitalizada.

História Viva, n° 99, 2011.

Com base no texto, que trata do papel do escritor José de Alencar e da futura digitalização de sua obra, depreende-se que:

- a) a digitalização dos textos é importante para que os leitores possam compreender seus romances.
- b) o conhecido autor de *O guarani* e *Iracema* foi importante porque deixou uma vasta obra literária com temática atemporal.
- c) a divulgação das obras de José de Alencar, por meio da digitalização, demonstra sua importância para a história do Brasil Imperial.
- d) a digitalização dos textos de José de Alencar terá importante papel na preservação da memória linguística e da identidade nacional.
- e) o grande romancista José de Alencar é importante porque se destacou por sua temática indianista.

○ 3. (ENEM) No trecho abaixo, o narrador, ao descrever o personagem, critica sutilmente um outro estilo de época: o romantismo.

"Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos; era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça, e, com certeza, a mais voluntariosa. Não digo que já lhe coubesse a primazia da beleza, entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance, em que o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas; mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não. Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação."

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Jackson, 1957.

A frase do texto em que se percebe a crítica do narrador ao romantismo está transcrita na alternativa:

- a) ... o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas...
- b) ... era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça...
- c) Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno...
- d) Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos...
- e) ... o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação.

○ 4. (ENEM)

Talvez julguem que isto são voos de imaginação: é possível. Como não dar largas à imaginação, quando a realidade vai tomando proporções quase fantásticas, quando a civilização faz prodígios, quando no nosso próprio país a inteligência, o talento, as artes, o comércio, as grandes ideias, tudo pulula, tudo cresce e se desenvolve?

Na ordem dos melhoramentos materiais, sobretudo, cada dia fazemos um passo, e em cada passo realizamos uma coisa útil para o engrandecimento do país.

ALENCAR, J. *Ao correr da pena*. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br). Acesso em: 12 ago. 2013.

No fragmento da crônica de José de Alencar, publicada em 1854, a temática nacionalista constrói-se pelo elogio ao(a):

- a) passado glorioso.
- b) progresso nacional.
- c) inteligência brasileira.
- d) imponência civilizatória.
- e) imaginação exacerbada.



○ 5. (ENEM) Pobre Isaura! Sempre e em toda parte esta contínua importunação de senhores e de escravos, que não a deixam sossegar um só momento! Como não devia viver aflito e atribulado aquele coração! Dentro de casa contava ela quatro inimigos, cada qual mais porfiado em roubar-lhe a paz da alma, e torturar-lhe o coração: três amantes. Leôncio, Belchior, e André, e uma êmula terrível e desapiedada, Rosa. Fácil lhe fora repelir as importunações e insolências dos escravos e criados; mas que seria dela, quando viesse o senhor?!...

GUIMARÃES, B. *A escrava Isaura*. São Paulo: Ática, 1995 (adaptado).

O personagem Isaura, como afirma o título do romance, era uma escrava. No trecho apresentado, os sofrimentos por que passa a protagonista:

- a) assemelham-se aos das demais escravas do país, o que indica o estilo realista da abordagem do tema da escravidão pelo autor do romance.
- b) demonstram que, historicamente, os problemas vividos pelas escravas brasileiras, como Isaura, eram mais de ordem sentimental do que física.
- c) diferem dos que atormentavam as demais escravas do Brasil do século XIX, o que revela o caráter idealista da abordagem do tema pelo autor do romance.
- d) indicam que, quando o assunto era o amor, as escravas brasileiras, de acordo com a abordagem lírica do tema pelo autor, eram tratadas como as demais mulheres da sociedade.
- e) revelam a condição degradante das mulheres escravas no Brasil, que, como Isaura, de acordo com a denúncia feita pelo autor, eram importunadas e torturadas fisicamente pelos seus senhores.

○ 6. (ENEM) No decênio de 1870, Franklin Távora defendeu a tese de que no Brasil havia duas literaturas independentes dentro da mesma língua: uma do Norte e outra do Sul, regiões segundo ele muito diferentes por formação histórica, composição étnica, costumes, modismos linguísticos etc. Por isso, deu aos romances regionais que publicou o título geral de *Literatura do Norte*. Em nossos dias, um escritor gaúcho, Viana Moog, procurou mostrar com bastante engenho que no Brasil há, em verdade, literaturas setoriais diversas, refletindo as características locais.

CANDIDO, A. *A nova narrativa. A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2003.

Com relação à valorização, no romance regionalista brasileiro, do homem e da paisagem de determinadas regiões nacionais, sabe-se que:

- a) o romance do Sul do Brasil caracteriza-se pela temática essencialmente urbana, colocando em relevo a formação do homem por meio da mescla de características locais e dos aspectos culturais trazidos de fora pela imigração europeia.
- b) José de Alencar, representante, sobretudo, do romance urbano, retrata a temática da urbanização das cidades brasileiras e das relações conflituosas entre as raças.
- c) o romance do Nordeste caracteriza-se pelo acentuado realismo no uso do vocabulário, pelo temário local, expressando a vida do homem em face da natureza agreste, e assume frequentemente o ponto de vista dos menos favorecidos.
- d) a literatura urbana brasileira, da qual um dos expoentes é Machado de Assis, põe em relevo a formação do homem brasileiro, o sincretismo religioso, as raízes africanas e indígenas que caracterizam o nosso povo.
- e) Érico Veríssimo, Rachel de Queiroz, Simões Lopes Neto e Jorge Amado são romancistas das décadas de 30 e 40 do século XX, cuja obra retrata a problemática do homem urbano em confronto com a modernização do país promovida pelo Estado Novo.

○ 7. (ENEM) Quem não se recorda de Aurélia Camargo, que atravessou o firmamento da corte como brilhante meteoro e apagou-se de repente no meio do deslumbramento que produziu seu fulgor? Tinha ela dezoito anos quando apareceu a primeira vez na sociedade. Não a conheciam; e logo buscaram todos com avides informações acerca da grande novidade do dia. Dizia-se muita coisa que não repetirei agora, pois a seu tempo saberemos a verdade, sem os comentários malévolos de que usam vesti-la os noveleiros. Aurélia era órfã; tinha em sua companhia uma velha parenta, viúva, D. Firmina Mascarenhas, que sempre a acompanhava na sociedade. Mas essa parenta não passava de mãe de encomenda, para condescender com os escrúpulos da sociedade brasileira, que naquele tempo não tinha admitido ainda certa emancipação feminina. Guardando com a viúva as deferências devidas à idade, a moça não declinava um instante do firme propósito de governar sua casa e dirigir suas ações como entendesse. Constava também que Aurélia tinha um tutor; mas essa entidade era desconhecida, a julgar pelo caráter da pupila, não devia exercer maior influência em sua vontade, do que a velha parenta.

ALENCAR, J. *Senhora*. São Paulo: Ática, 2006.

O romance *Senhora*, de José de Alencar, foi publicado em 1875. No fragmento transcrito, a presença de D. Firmina Mascarenhas como "parenta" de Aurélia Camargo assimila práticas e convenções sociais inseridas no contexto do Romantismo, pois:

- a) o trabalho ficcional do narrador desvaloriza a mulher ao retratar a condição feminina na sociedade brasileira da época.
- b) o trabalho ficcional do autor mascara os hábitos sociais no enredo de seu romance.
- c) as características da sociedade em que Aurélia vivia são remodeladas na imaginação do narrador romântico.
- d) o narrador evidencia o cerceamento sexista à autoridade da mulher, financeiramente independente.
- e) o narrador incorporou em sua ficção hábitos muito avançados para a sociedade daquele período histórico.

○ 8. (ENEM)

### Texto I

#### A invasão dos marcianos

O cineasta Orson Welles, em outubro de 1938, propôs à rádio Columbia Broadcasting System uma transmissão diferente: uma adaptação de *A guerra dos mundos*. A obra é um dos livros de ficção científica mais famosos do escritor H. G. Wells. Na época de sua publicação, foi considerado perigoso, pois poderia causar fobias nos leitores.

Depois de passar 15 dias convencendo a direção da rádio a não colocar a locução na programação do dia, a transmissão foi ao ar às 20 horas do dia 30 de outubro daquele ano.

Depois das previsões meteorológicas, a rádio começou a tocar música. Houve uma interrupção brusca e o locutor disse: "A CBS interrompe seu programa para anunciar aos ouvintes que um meteoro de grandes dimensões caiu em Grovers Hill, no Estado de Nova Jersey, a algumas milhas de Nova York". A música voltou e novamente foi interrompida para a entrevista com um professor de meteorologia sobre a origem dos meteoros. Em seguida, entrou no ar um repórter falando sobre o meteoro e os muitos curiosos ao redor. Então, o enviado especial começou a descrever o meteoro se abrindo e dele saindo seres gigantescos com tentáculos. De repente, ele foi morto por raio disparado pelos seres extraterrestres.



Logo chegaram à CBS as primeiras notícias de que a população estava histórica. No entanto, o diretor da estação resolveu não anunciar que tudo não passava de uma transmissão fictícia e decidiu continuar “Vocês acabaram de ouvir a primeira parte de uma irradiação de Orson Welles, que radiofonizou a obra *A guerra de dois mundos*, do famoso escritor inglês H. G. Wells”.

Disponível em: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br). Acesso em: 10 out. 2011.

## Texto II

### Escrava Isaura

As novelas brasileiras fazem muito sucesso no exterior. A adaptação do romance *A Escrava Isaura* é um exemplo de sucesso mundial. Segundo o *Guia dos Curiosos*, “seu sucesso no exterior foi tamanho que influenciou acontecimentos importantes da História”. O site registra também que “em Cuba, o governo chegou a cancelar o racionamento de energia elétrica durante o horário da novela”.

Disponível em: [www.guiadoscuriosos.com.br](http://www.guiadoscuriosos.com.br). Acesso em: 10 out. 2011.

Os textos I e II tratam da adaptação de obras ficcionais para o rádio e a televisão, tecnologias de comunicação e informação predominantes em determinadas épocas. São efeitos sociais dessas respectivas transmissões:

- a) a negação dos avanços tecnológicos e a resistência a ideais políticos totalitários.
- b) a diminuição no número de leitores e o veto político a autores de pouca confiabilidade.
- c) a confirmação das limitações tecnológicas do rádio e a independência política da televisão.
- d) a alteração no modo de apreensão da realidade e a interferência em decisões oficiais.
- e) a desvalorização de obras literárias e a alteração na hegemonia do regime político de Cuba.

## 9. (ENEM)

### O Sertão e o Sertanejo

Ali começa o sertão chamado bruto. Nesses campos, tão diversos pelo matiz das cores, o capim crescido e ressecado pelo ardor do sol transforma-se em vicejante tapete de relva, quando lavra o incêndio que algum tropeiro, por acaso ou mero desenfado, atea com uma faúlha do seu isqueiro. Minando à surda na touceira, queda a vívida centelha. Corra daí a instantes qualquer aragem, por débil que seja, e levanta-se a língua de fogo esguia e trêmula, como que a contemplar medrosa e vacilante os espaços imensos que se alongam diante dela. O fogo, detido em pontos, aqui, ali, a consumir com mais lentidão algum estorvo, vai aos poucos morrendo até se extinguir de todo, deixando como sinal da avassaladora passagem o alvamento lençol, que lhe foi seguindo os velozes passos. Por toda a parte melancolia; de todos os lados tétricas perspectivas. É cair, porém, daí a dias copiosa chuva, e parece que uma varinha de fada andou por aqueles sombrios recantos a traçar as pressas jardins encantados e nunca vistos. Entra tudo num trabalho íntimo de espantosa atividade. Transborda a vida.

TAUNAY, A. *Inocência*. São Paulo: Ática, 1993 (adaptado).

O romance romântico teve fundamental importância na formação da ideia de nação. Considerando o trecho acima, é possível reconhecer que uma das principais e permanentes contribuições do Romantismo para construção da identidade da nação é a:

- a) possibilidade de apresentar uma dimensão desconhecida da natureza nacional, marcada pelo subdesenvolvimento e pela falta de perspectiva de renovação.

b) consciência da exploração da terra pelos colonizadores e pela classe dominante local, o que coibiu a exploração desenfreada das riquezas naturais do país.

c) construção, em linguagem simples, realista e documental, sem fantasia ou exaltação, de uma imagem da terra que revelou o quanto é grandiosa a natureza brasileira.

d) expansão dos limites geográficos da terra, que promoveu o sentimento de unidade do território nacional e deu a conhecer os lugares mais distantes do Brasil aos brasileiros.

e) valorização da vida urbana e do progresso, em detrimento do interior do Brasil, formulando um conceito de nação centrado nos modelos da nascente burguesia brasileira.

10. (ENEM-2020) Seixas era homem honesto; mas ao atrito da secretaria e ao calor das salas, sua honestidade havia tomado essa têmpera flexível da cera que se molda às fantasias da vaidade e aos reclamos da ambição.

Era incapaz de apropriar-se do alheio, ou de praticar um abuso de confiança; mas professava a moral fácil e cômoda, tão cultivada atualmente em nossa sociedade.

Segundo essa doutrina, tudo é permitido em matéria de amor; e o interesse próprio tem plena liberdade, desde que se transija com a lei e evite o escândalo.

ALENCAR, J. *Senhora*. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br). Acesso em: 7 out. 2015.

A literatura romântica reproduziu valores sociais em sintonia com seu contexto de mudanças. No fragmento de *Senhora*, as concepções românticas do narrador repercutem a:

- a) resistência à relativização dos parâmetros éticos.
- b) idealização de personagens pela nobreza de atitudes.
- c) crítica aos modelos de austeridade dos espaços coletivos.
- d) defesa da importância da família na formação moral do indivíduo.
- e) representação do amor como fator de aperfeiçoamento do espírito.

Anotações:



○ 11. (ENEM 2022)

**A escrava**

— Admira-me —, disse uma senhora de sentimentos sinceramente abolicionistas —; faz-me até pasmar como se possa sentir, e expressar sentimentos escravocratas, no presente século, no século dezanove! A moral religiosa e a moral cívica aí se erguem, e falam bem alto esmagando a hidra que envenena a família no mais sagrado santuário seu, e desmoraliza, e avilta a nação inteira! Levantai os olhos ao Gólgota, ou percorrei-os em torno da sociedade, eizei-me:

— Para que se deu em sacrifício o Homem Deus, que ali exalou seu derradeiro alento? Ah! Então não é verdade que seu sangue era o resgate do homem! É então uma mentira abominável ter esse sangue comprado a liberdade!? E depois, olhai a sociedade... Não vedes o abutre que a corrói constantemente!... Não sentis a desmoralização que a enerva, o cancro que a destrói?

Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e será sempre um grande mal. Dela a decadência do comércio; porque o comércio e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seu trabalho é forçado.

REIS, M. F. Úrsula e outras obras. Brasília: Câmara dos Deputados, 2018.

Inscrito na estética romântica da literatura brasileira, o conto descortina aspectos da realidade nacional no século XIX ao:

- a) revelar a imposição de crenças religiosas a pessoas escravizadas.
- b) apontar a hipocrisia do discurso conservador na defesa da escravidão.
- c) sugerir práticas de violência física e moral em nome do progresso material.
- d) relacionar o declínio da produção agrícola e comercial a questões raciais.
- e) ironizar o comportamento dos proprietários de terra na exploração do trabalho.

○ 12. (UFRGS) Assinale a alternativa correta a respeito de *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida.

- a) Leonardinho é filho de agricultores portugueses, imigrantes que vieram para o Brasil junto com D. Manuel.
- b) O compadre e a comadre representam o trabalhador da indústria que nascia na organização econômica brasileira.
- c) A união entre o jovem Leonardo e Luisinha estabelece-se como marca romântica no romance, pois recupera o ideal do amor juvenil coroado pelo casamento.
- d) Leonardo é o típico herói romântico: sonhador e devotado à amada.
- e) O romance não apresenta definição de coordenadas temporais e espaciais, pois sua ação pode ocorrer tanto no Rio de Janeiro quanto em Salvador.

○ 13. (UFRGS) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo, na ordem em que aparecem.

O primeiro romance brasileiro foi *O Filho do Pescador*, de Teixeira e Sousa. Foi, entretanto, \_\_\_\_\_ o responsável pelo surgimento do verdadeiro romance brasileiro, com \_\_\_\_\_. Ao fixar os costumes da sociedade carioca do seu tempo, atendendo às expectativas burguesas, este autor adequou o romance romântico \_\_\_\_\_ aos cenários \_\_\_\_\_ e às normas patriarcais.

- a) Joaquim Manuel de Macedo - *O Moço Loiro* - brasileiro - urbanos
- b) José de Alencar - *Lucíola* - europeu - locais
- c) Visconde de Taunay - *Inocência* - brasileiro - rurais
- d) Joaquim Manuel de Macedo - *A Moreninha* - europeu - locais
- e) José de Alencar - *Senhora* - europeu - urbanos

○ 14. (UFRGS) Assinale a alternativa correta sobre autores do Romantismo brasileiro.

- a) Gonçalves Dias, autor dos célebres *Canção do exílio* e *I-Juca-Pirrama*, dedicou a maioria de seus poemas à temática da escravidão.
- b) Joaquim Manuel de Macedo, em *A Moreninha*, afasta-se da estética romântica em muitos pontos, especialmente no tom paródico adotado pelo narrador que ridiculariza a sociedade burguesa fluminense.
- c) Álvares de Azevedo, em *A noite na taverna*, desvincula-se do nacionalismo paisagista e indianista e ingressa no universo juvenil da angústia, do erotismo e do sarcasmo.
- d) Manuel Antônio de Almeida, em *Memórias de um sargento de milícias*, vincula-se à estética romântica, em especial porque se centra em personagens da classe média urbana fluminense.
- e) Castro Alves é o principal poeta do indianismo romântico, pois toma o índio como figura prototípica da nacionalidade.

○ 15. (UFRGS) Assinale a alternativa correta em relação ao romance *Iracema*, de José de Alencar.

- a) Além do amor entre Iracema e Martim, a obra tematiza a colonização do Amazonas e o ódio das duas nações inimigas: Tabajara e Pitiguara.
- b) No romance, as três raças, branca, índia e negra, vivem em paz, sob a dominação da primeira.
- c) A chegada de Martim representa uma ruptura na relação de Iracema com seu meio.
- d) Ao dar a Martim o vinho de Tupã e entregar-se a ele, Iracema cumpre a profecia de Jurema.
- e) Iracema dá ao filho, que simboliza o primeiro brasileiro nascido da miscigenação, o nome de Moacir, "o filho das Américas".

Anotações:



○ 16. (UFRGS) Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas do texto abaixo, na ordem em que aparecem.

*Memórias de um Sargento de Milícias* é uma obra de tendência \_\_\_\_\_ que apresenta aspectos de transição social relacionados \_\_\_\_\_, podendo ser lida como \_\_\_\_\_, com traços de linguagem \_\_\_\_\_.

- a) naturalista - ao aumento da imigração no Brasil - relato documental - subjetiva
- b) romântica - ao reinado de D. Pedro II - narrativa em primeira pessoa - erudita
- c) realista - à vinda de D. João VI ao Brasil - crônica de costumes - coloquial
- d) romântica - à abolição da escravidão - narrativa de costumes - objetiva
- e) realista - ao reinado de D. Pedro II - romance histórico - satírica

○ 17. (UFRGS) No capítulo XXVI do romance *Iracema*, de José de Alencar, Martim decide acompanhar Poti, que volta à nação pitiguara, onde nascera, para defendê-la do ataque de povos inimigos. Antes da partida, os dois "irmãos" confabulam para decidir se Iracema deve acompanhá-los, ou não, à taba dos pitiguaras.

Com relação à sequência dos episódios relatados acima, considere as alternativas que seguem e assinale a que está de acordo com o romance de Alencar.

- a) Martim e Poti decidem partir sem falar com Iracema, pois as lágrimas dela poderiam "amolecer" seus corações e fazê-los desistir da viagem.
- b) Poti convence Martim a acompanhá-lo à taba dos pitiguaras para ajudar os irmãos de Iracema atacados por povos inimigos.
- c) Martim e Poti deixam fincada, no tronco de uma árvore, uma mensagem cifrada para Iracema.
- d) Iracema, contrariando o pedido de Martim, abandona a cabana e vai atrás dele, embrenhando-se na floresta.
- e) Ao ver a seta emplumada trespassando o 'goiamun', Iracema conclui que Martim e Poti haviam partido para a caça.

○ 18. (UFRGS) Considere as seguintes afirmações a respeito de *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.

- I. O campo de abrangência social focalizado pelo romance, narrado com linguagem humorística e irônica, é a classe média urbana do Rio de Janeiro, sobretudo do centro da cidade, constituída por homens livres, com relações interpessoais marcadas pela irreverência e a desordem.
- II. O romance introduz na literatura brasileira a figura do malandro, personagem que oscila entre as regras de conduta social e sua transgressão, entre o lícito e o ilícito, sem que esse dualismo receba tratamento moralizante por parte do autor.
- III. É um romance narrado em primeira pessoa, que privilegia o ponto de vista do narrador protagonista, Leonardo, e a sua avaliação crítica da sociedade carioca da segunda metade do século XIX.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

○ 19. (UFRGS) Em *Lucíola*, de José de Alencar, Paulo, protagonista do romance:

- a) narra seu conturbado relacionamento sentimental com Lucíola a uma interlocutora que também já exercera a prostituição.
- b) recorda que fora apresentado a Lucíola pelo devasso Sá, responsável também por orientar os investimentos financeiros de Lucíola.
- c) conta que a jovem Lucíola/Maria da Glória foi assediada e desvirginada pelo vizinho Couto, do qual recebeu algumas moedas de ouro.
- d) recorda uma festa em que Lucíola se despiu diante de vários homens para conquistar o papel principal em uma peça de teatro.
- e) conta que Lucíola viajou para a Europa a fim de obter recursos e aliados para vingar-se de Couto, seu antigo amante.

○ 20. (UFSM) *Inocência* é a história de um amor impossível que envolve Cirino, prático de Farmácia no exercício da Medicina, e Inocência, uma jovem do sertão de Mato Grosso, filha de Pereira, pequeno proprietário que reproduz a mentalidade vigente entre os habitantes da região.

O livro:

- I. destaca-se pelo estilo pitoresco, pelo emprego de termos e expressões típicos e regionais e pela descrição de aspectos da paisagem brasileira.
- II. classifica-se na vertente indianista do romantismo brasileiro.
- III. apresenta o desejo de explorar e investigar o Brasil do interior, filiando-se a uma tradição romanesca bastante apreciada em nossa literatura.

Está(ão) correta(s):

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas I e III.
- d) apenas II e III.
- e) I, II e III.

Anotações:



○ 21. (UFSM) Um importante ofício, na época, era o de barbeiro, porquanto este desempenhava também outras funções, numa cidade carente de serviços sociais. É o que se observa abaixo:



**BARBEIRO**  
Geralmente negro ou mulato, o "oficial de barbeiro", como era conhecido, também deveria ser um bom cabeleireiro, cirurgião e aplicador de sanguessugas, ou bichas - acreditava-se que a prática curava doenças.

No Largo do Paço um marujo que estava sentado em uma pedra junto ao mar chamou-o para que lhe fizesse a barba: mãos à obra, que já naquele dia não morria de fome.

Todo o barbeiro é tagarela, e principalmente quando tem pouco que fazer: começou portanto a puxar conversa com o freguês. Foi a sua salvação e fortuna.

[...]

- O mestre! disse o marujo no meio da conversa, você também não é sangrador?

- Sim, eu também sangro...

- Pois olhe, você estava bem bom, se quisesse ir conosco... para curar a gente a bordo: morre-se ali que é uma praga.

- Homem, eu da cirurgia não entendo muito...

- Pois já não disse que sabe também sangrar?

- Sim...

- Então já sabe até demais.

No dia seguinte saiu o nosso homem pela baixa fora: a fortuna tinha-lhe dado o meio, cumpria sabê-lo aproveitar: de oficial de barbeiro dava um salto mortal a médico de navio negreiro: restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta.

Por um feliz acaso logo nos primeiros dias de viagem adoceram dois marinheiros; chamou-se o médico: ele fez tudo o que sabia... sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam bons, perfeitos. Com isto ganhou imensa reputação, e começou a ser estimado.

O texto literário transcrito acima faz parte do romance \_\_\_\_\_, crônica da coletividade urbana do Rio de Janeiro contemporâneo de D. João VI. O barbeiro de que se fala é \_\_\_\_\_. As palavras "mãos à obra, que já não morria de fome" referem-se a ele e são expressas em \_\_\_\_\_.

Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas.

- a) Memórias de um sargento de milícias - José Manoel - discurso direto
- b) Memórias póstumas de Brás Cubas - Leonardo - discurso indireto
- c) Memórias de um sargento de milícias - o padrinho de Leonardo - discurso indireto livre
- d) Memórias póstumas de Brás Cubas - Vidigal - discurso direto
- e) Memórias de um sargento de milícias - o pai de Leonardo - discurso indireto livre

○ 22. (UFSM) Leia com atenção o fragmento de Memórias de um sargento de milícias, de Manuel Antônio de Almeida quando o narrador nos conta o que acontece depois da morte do capitão:

O capitão teve de fazer suas últimas disposições, e, como dissemos, tendo o médico granjeado grande amizade e confiança, foi escolhido para desempenhá-las.

O capitão chamou-o à parte, e em segredo lhe fez entrega de uma cinta de couro e uma caixa de pau pejudas de um bom par de doblas em ouro e prata, pedindo que fielmente as fosse entregar, apenas chegasse à terra, a uma filha sua, cuja morada lhe indicou. Além deste dinheiro encarregou-o também de receber a soldada daquela viagem e lhe dar o mesmo destino. Eram estas as suas únicas e últimas vontades que o encarregava de cumprir, declarando-lhe que lá do outro mundo o espiaria para ver como cuidava disso.

Poucas horas depois expirou.

Desse dia em diante nenhum só doente escapou mais, porque o médico já não sangrava tanto; andava preocupado, distraído, e assim levou até chegar à terra.

Apenas saltou, declarou que não se tinha dado bem, e que não embarcaria mais.

Quanto às ordens do capitão... histórias; quem é que lhe havia de vir tomar contas disso? Ninguém viu o que se passou; de nada se sabia. Os únicos que podiam ter desconfiado e fazer alguma coisa eram os marinheiros; porém estes partiram em breve de novo para a Costa.

O compadre decidiu-se a instituir-se herdeiro do capitão, e assim o fez.

Eis aqui como se explica o arranjei-me, e como se explicam muitos outros que vão aí pelo mundo.

O último parágrafo do fragmento sustenta que a falta de honestidade e o egoísmo, durante o século XIX,

- a) não é um caso isolado, mas comum no mundo.
- b) são característicos de todos os homens do mundo.
- c) são característicos de todos os médicos.
- d) só acometem os amigos de militares.
- e) só acometem os preocupados e distraídos.



○ 23. (UFSM) Leia com atenção o excerto a seguir, retirado do capítulo XXI de “A Moreninha”, de Joaquim Manuel de Macedo (1998, p. 140-141).

“Em uma das ruas do jardim duas rolinhas mariscavam: mas, ao sentirem passos, voaram e pousando não longe, em um arbusto, começaram a beijar-se com ternura; e esta cena se passava aos olhos de Augusto e Carolina!...”

Igual pensamento, talvez, brilhou em ambas aquelas almas, porque os olhares da menina e do moço se encontraram ao mesmo tempo e os olhos da virgem modestamente se abaixaram e em suas faces se acendeu um fogo, que era o do pejo. E o mancebo, apontando para ambos, disse:

– Eles se amam!

E a menina murmurou apenas:

– São felizes!

– Pois acredita que em amor possa haver felicidade?

– Às vezes.

– Acaso, já tem a senhora amado?

– Eu?!... e o senhor?

– Comecei a amar há poucos dias.

A virgem guardou o silêncio e o mancebo, depois de alguns instantes, perguntou tremendo:

– E a senhora já ama também?

Novo silêncio; ela pareceu não ouvir, mas suspirou. Ele falou menos baixo:

– Já ama também?

Ela abaixou ainda mais os olhos e com voz quase extinta disse:

– Não... Não sei... talvez...”

Fonte: MACEDO, J. M. de. A Moreninha. 7. ed. São Paulo: FTD, 1998.

Quanto ao referido romance, é correto afirmar que:

- a) as duas aves se beijando, aos olhos de Carolina e Augusto, representam a zoomorfação, característica do Naturalismo.
- b) as respostas de Carolina a Augusto são evasivas porque refletem o comportamento feminino típico do Romantismo: a dissimulação, a afetação, o ardid.
- c) a fragmentação, a hipocrisia, o nacionalismo e a ironia estão presentes no trecho em destaque, caracterizando “A Moreninha” como um romance romântico.
- d) aspectos como o baixar os olhos, o rubor nas faces e o suspiro de Carolina, durante a conversa com Augusto, evidenciam a idealização do amor romântico.
- e) os jovens Augusto e Carolina, por questões financeiras, eram noivos prometidos desde a infância, o que se constitui uma crítica social do autor ao seu tempo – século XIX.

○ 24. (UFSM) O nacionalismo literário do Romantismo brasileiro tem na prosa indianista sua maior expressão. Leia atentamente o excerto seguinte e marque verdadeira (V) ou falsa (F) em cada afirmativa sobre ele.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Fonte: ALENCAR, 1999, p. 20.

( ) O nacionalismo se traduz, nesse trecho, pela escolha do léxico, que incorpora palavras em tupi, por exemplo.

( ) Os atributos da protagonista metaforizam o paraíso, traçando um paralelo entre Iracema e a terra que recebe o colonizador.

( ) A figura indígena é idealizada, como são idealizados também o espaço e as origens do povo brasileiro ao longo do romance.

( ) A caracterização de Iracema assinala sua total integração à natureza.

A sequência correta é:

a) F – V – V – F.

b) V – F – F – V.

c) F – V – F – V.

d) V – V – V – F.

e) V – V – V – V.

○ 25. (UFSM) Leia o texto, a seguir sobre o romance “Iracema”, de José de Alencar.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, tinha como companheira e amiga “a graciosa ará” (p. 17), que a chamava pelo nome. Com a chegada de Martim, a ave foi esquecida. Iracema não a alimentava mais, “nem a doce mão a afagara uma só vez” (p. 32). Triste e muda ficou a jandaia. Passado o tempo, Iracema percebeu a sua ingratidão, a jandaia permanecera com ela tanto nos momentos de felicidade como nos de desventura. “A linda ave não deixou mais a sua senhora” (p. 69), viu o nascimento de Moacir e “desde então [...] unia em seu canto ao nome da mãe, o nome do filho” (p. 75). Mesmo no leito de morte, a jandaia, pousada no olho da palmeira, permaneceu fiel a sua amiga, velando-a tristemente. Posteriormente, “Martim partiu das praias do Ceará, levando no frágil barco o filho e o cão fiel. A jandaia não quis deixar a terra onde repousava sua amiga e senhora” (p. 81).

Fonte: ALENCAR, J. de. Iracema. 29. ed. São Paulo: Ática, 1995.

Tendo como referência o texto lido e as características do Romance Indianista, considere as afirmativas a seguir.

- I. A natureza e os indígenas, na narrativa alencariana, são tão idealizados, que o índio é visto como herói nacional.
- II. A ironia, a personificação e a metáfora são comuns ao longo da narrativa.
- III. O Romantismo se caracteriza pela crítica à sociedade brasileira miscigenada, sendo o filho de Iracema o primeiro cearense.
- IV. Na prosa Indianista, há valorização da cultura local, com a presença de termos e expressões indígenas, para dar verossimilhança e identidade.

Está(ão) correta(s):

a) apenas I.

b) apenas III.

c) apenas I e II.

d) apenas I e IV.

e) apenas II, III e IV.



# HABILIDADES À PROVA 3

## » Realismo - Naturalismo

### ○ 1. (ENEM-2021)

#### TEXTO I

Correu à sala dos retratos, abriu o piano, sentou-se e espalmou as mãos no teclado. Começou a tocar alguma coisa própria, uma inspiração real e pronta, uma polca, uma polca buliçosa, como dizem os anúncios. Nenhuma repulsa da parte do compositor; os dedos iam arrancando as notas, ligando-as, meneando-as; dir-se-ia que a musa compunha e bailava a um tempo. [...] Compunha só, teclando ou escrevendo, sem os vãos esforços da véspera, sem exasperação, sem nada pedir ao céu, sem interrogar os olhos de Mozart. Nenhum tédio. Vida, graça, novidade, escorriam-lhe da alma como de uma fonte perene.

ASSIS, M. Um homem célebre. Disponível em: [www.biblio.com.br](http://www.biblio.com.br). Acesso em: 2 jun. 2019.

#### TEXTO II

Um homem célebre expõe o suplício do músico popular que busca atingir a sublimidade da obra-prima clássica, e com ela a galeria dos imortais, mas que é traído por uma disposição interior incontrolável que o empurra implacavelmente na direção oposta. Pestana, célebre nos saraus, salões, bailes e ruas do Rio de Janeiro por suas composições irresistivelmente dançantes, esconde-se dos rumores à sua volta num quarto povoado de ícones da grande música europeia, mergulha nas sonatas do classicismo vienense, prepara-se para o supremo salto criativo e, quando dá por si, é o autor de mais uma inelutável e saltitante polca.

WISNIK, J. M. Machado maxixe: o caso Pestana. Teresa: revista de literatura brasileira, 2004 (adaptado).

O conto de Machado de Assis faz uma referência velada ao maxixe, gênero musical inicialmente associado à escravidão e à mestiçagem. No Texto II, o conflito do personagem em compor obras do gênero é representativo da:

- a) pouca complexidade musical das composições ajustadas ao gosto do grande público.
- b) prevalência de referências musicais africanas no imaginário da população brasileira.
- c) incipiente atribuição de prestígio social a músicas instrumentais feitas para a dança.
- d) tensa relação entre o erudito e o popular na constituição da música brasileira.
- e) importância atribuída à música clássica na sociedade brasileira do século XIX.

Anotações:

### ○ 2. (ENEM)

Garcia tinha-se chegado ao cadáver, levantara o lenço e contemplara por alguns instantes as feições defuntas. Depois, como se a morte espiritualizasse tudo, inclinou-se e beijou-a na testa. Foi nesse momento que Fortunato chegou à porta. Estacou assombrado; não podia ser o beijo da amizade, podia ser o epílogo de um livro adúltero [...].

Entretanto, Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver, mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranquilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa.

ASSIS, M. A causa secreta. Disponível em: [www.dominimopublico.gov.br](http://www.dominimopublico.gov.br). Acesso em: 9 out. 2015.

No fragmento, o narrador adota um ponto de vista que acompanha a perspectiva de Fortunato. O que singulariza esse procedimento narrativo é o registro do(a):

- a) indignação face à suspeita do adultério da esposa.
- b) tristeza compartilhada pela perda da mulher amada.
- c) espanto diante da demonstração de afeto de Garcia.
- d) prazer da personagem em relação ao sofrimento alheio.
- e) superação do ciúme pela comoção decorrente da morte.

### ○ 3. (ENEM)

– Recusei a mão de minha filha, porque o senhor é... filho de uma escrava.

– Eu?

– O senhor é um homem de cor!... Infelizmente esta é a verdade...

Raimundo tornou-se lívido. Manoel prosseguiu, no fim de um silêncio:

– Já vê o amigo que não é por mim que lhe recusei Ana Rosa, mas é por tudo! A família de minha mulher sempre foi muito escrupulosa a esse respeito, e como ela é toda a sociedade do Maranhão! Concordo que seja uma asneira; concordo que seja um prejuízo tolo! O senhor porém não imagina o que é por cá a prevenção contra os mulatos!... Nunca me perdoariam um tal casamento; além do que, para realizá-lo, teria que quebrar a promessa que fiz a minha sogra, de não dar a neta senão a um branco de lei, português ou descendente direto de portugueses!

AZEVEDO, A. O mulato. São Paulo: Escala, 2008

Influenciada pelo ideário cientificista do Naturalismo, a obra destaca o modo como o mulato era visto pela sociedade de fins do século XIX. Nesse trecho, Manoel traduz uma concepção em que a:

- a) miscigenação racial desqualificava o indivíduo.
- b) condição econômica anulava os conflitos raciais.
- c) discriminação racial era condenada pela sociedade.
- d) escravidão negava o direito da negra à maternidade.
- e) união entre mestiços era um risco à hegemonia dos brancos.



#### ○ 4. (ENEM)

##### BONS DIAS!

14 de junho de 1889

Ó doce, ó longa, ó inexprimível melancolia dos jornais velhos! Conhece-se um homem diante de um deles. Pessoa que não sentir alguma coisa ao ler folhas de meio século, bem pode crer que não terá nunca uma das mais profundas sensações da vida, – igual ou quase igual à que dá a vista das ruínas de uma civilização. Não é a saudade piegas, mas a recomposição do extinto, a revivescência do passado.

ASSIS, M. *Bons dias!* (Crônicas 1888-1889). Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Hucitec, 1990.

O jornal impresso é parte integrante do que hoje se compreende por tecnologias de informação e comunicação. Nesse texto, o jornal é reconhecido como:

- a) objeto de devoção pessoal.
- b) elemento de afirmação da cultura.
- c) instrumento de reconstrução da memória.
- d) ferramenta de investigação do ser humano.
- e) veículo de produção de fatos da realidade.

#### ○ 5. (ENEM 2022)

A senhora manifestava-se por atos, por gestos, e sobretudo por um certo silêncio, que amargava, que esfolava. Porém desmoralizar escancaradamente o marido, não era com ela. [...]

As negras receberam ordem para meter no serviço a gente do tal compadre Silveira: as cunhadas, ao fuso; os cunhados, ao campo, tratar do gado com os vaqueiros; a mulher e as irmãs, que se ocupassem da ninhada. Margarida não tivera filhos, e como os desejasse com a força de suas vontades, tratava sempre bem aos pequenitos e às mães que os estavam criando. Não era isso uma sentimentalidade cristã, uma ternura, era o egoísta e cru instinto da maternidade, obrando por mera simpatia carnal. Quanto ao pai do lote (referia-se ao Antônio), esse que fosse ajudar ao vaqueiro das bestas.

Ordens dadas, o Quinquim referendava. Cada um moralizava o outro, para moralizar-se.

PAIVA, M. O. *Dona Guidinha do Poço*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.

No trecho do romance naturalista, a forma como o narrador julga comportamentos e emoções das personagens femininas revela influência do pensamento:

- a) capitalista, marcado pela distribuição funcional do trabalho.
- b) liberal, buscando a igualdade entre pessoas escravizadas e livres.
- c) científico, considerando o ser humano como um fenômeno biológico.
- d) religioso, fundamentado na fé e na aceitação dos dogmas do cristianismo.
- e) afetivo, manifesto na determinação de acolher familiares e no respeito mútuo.

Anotações:

#### ○ 6. (ENEM 2022)

##### Notas

Soluços, lágrimas, casa armada, veludo preto nos portais, um homem que veio vestir o cadáver, outro que tomou a medida do caixão, caixão, essa, tocheiros, convites, convidados que entravam, lentamente, a passo surdo, e apertavam a mão à família, alguns tristes, todos sérios e calados, padre e sacristão, rezas, aspersões d'água benta, o fechar do caixão, a prego e martelo, seis pessoas que o tomam da essa, e o levantam, e o descem a custo pela escada, não obstante os gritos, soluços e novas lágrimas da família, e vão até o coche fúnebre, e o colocam em cima e traspassam e apertam as correias, o rodar do coche, o rodar dos carros, um a um... Isto que parece um simples inventário eram notas que eu havia tomado para um capítulo triste e vulgar que não escrevo.

ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br). Acesso em: 25 jul. 2022.

O recurso linguístico que permite a Machado de Assis considerar um capítulo de *Memórias póstumas de Brás Cubas* como inventário é a:

- a) enumeração de objetos e fatos.
- b) predominância de linguagem objetiva.
- c) ocorrência de período longo no trecho.
- d) combinação de verbos no presente e no pretérito.
- e) presença de léxico do campo semântico de funerais.

○ 7. (ENEM) Abatidos pelo fadinho harmonioso e nostálgico dos desterrados, iam todos, até mesmo os brasileiros, se concentrando e caindo em tristeza; mas, de repente, o cavaquinho de Pórfiro, acompanhado pelo violão do Firmo, romperam vibrantemente com um chorado baiano. Nada mais que os primeiros acordes da música crioula para que o sangue de toda aquela gente despertasse logo, como se alguém lhe fustigasse o corpo com urtigas bravas. E seguiram-se outras notas, e outras, cada vez mais ardentes e mais delirantes. Já não eram dois instrumentos que soavam, eram líbricos gemidos e suspiros soltos em torrente, a correrem serpenteando, como cobras numa floresta incendiada; eram ais convulsos, chorados em frenesi de amor: música feita de beijos e soluços gostosos; carícia de fera, carícia de doer, fazendo estalar de gozo.

AZEVEDO, A. *O Cortiço*: São Paulo Ática, 1983 (fragmento).

No romance *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, os personagens são observados como elementos coletivos caracterizados por condicionantes de origem social, sexo e etnia. Na passagem transcrita, o confronto entre brasileiros e portugueses revela prevalência do elemento brasileiro, pois:

- a) destaca o nome de personagens brasileiras e omite o de personagens portuguesas.
- b) exalta a força do cenário natural brasileiro e considera o do português inexpressivo.
- c) mostra o poder envolvente da música brasileira, que cala o fado português.
- d) destaca o sentimentalismo brasileiro, contrário à tristeza dos portugueses.
- e) atribui aos brasileiros uma habilidade maior com instrumentos musicais.



○ **8. (ENEM)** Quincas Borba mal podia encobrir a satisfação do triunfo. Tinha uma asa de frango no prato, e trincava-a com filosófica serenidade. Eu fiz-lhe ainda algumas objeções, mas tão frouxas, que ele não gastou muito tempo em destruí-las.

– Para entender bem o meu sistema, concluiu ele, importa não esquecer nunca o princípio universal, repartido e resumido em cada homem. Olha: a guerra, que parece uma calamidade, é uma operação conveniente, como se disséssemos o estalar dos dedos de Humanitas; a fome (e ele chupava filosoficamente a asa do frango), a fome é uma prova a que Humanitas submete a própria víscera. Mas eu não quero outro documento da sublimidade do meu sistema, senão este mesmo frango. Nutriu-se de milho, que foi plantado por um africano, suponhamos, importado de Angola. Nasceu esse africano, cresceu, foi vendido; um navio o trouxe, um navio construído de madeira cortada no mato por dez ou doze homens, levado por velas, que oito ou dez homens teceram, sem contar a cordoalha e outras partes do aparelho náutico. Assim, este frango, que eu almocei agora mesmo, é o resultado de uma multidão de esforços e lutas, executadas com o único fim de dar mate ao meu apetite.

ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

A filosofia de Quincas Borba – a Humanitas – contém princípios que, conforme a explanação do personagem, consideram a cooperação entre as pessoas uma forma de:

- a) erradicar a desigualdade social.
- b) lutar pelo bem da coletividade.
- c) estabelecer vínculos sociais profundos.
- d) atender a interesses pessoais.
- e) minimizar as diferenças individuais.

○ **9. (ENEM)** Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Meneses que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse consigo. Nessas ocasiões, a sogra fazia uma careta, e as escravas riam à socapa; ele não respondia, vestia-se, saía e só tornava na manhã seguinte. Mais tarde é que eu soube que o teatro era um eufemismo em ação. Meneses trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana. Conceição padecera, a princípio, com a existência da comborça; mas, afinal resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito.

ASSIS, M. et al. *Missa do galo: variações sobre o mesmo tema*. São Paulo: Summus, 1977 (fragmento).

No fragmento desse conto de Machado de Assis, “ir ao teatro” significa “ir encontrar-se com a amante”. O uso do eufemismo como estratégia argumentativa significa:

- a) exagerar quanto ao desejo em “ir ao teatro”.
- b) personificar a prontidão em “ir ao teatro”.
- c) esclarecer o valor denotativo de “ir ao teatro”.
- d) reforçar compromisso com o casamento.
- e) suavizar uma transgressão matrimonial.

Anotações:

○ **10. (ENEM)** Viam-se de cima as casas acavaladas umas pelas outras, formando ruas, contornando praças. As chaminés principiavam a fumar; deslizavam as carrocinhas multicores dos pa-deiros; as vacas de leite caminhavam com o seu passo vagaroso, parando à porta dos fregueses, tilintando o chocalho; os quiosques vendiam café a homens de jaqueta e chapéu desabado; cruzavam-se na rua os libertinos retardios com os operários que se levantavam para a obrigação; ouvia-se o ruído estalado dos carros de água, o rodar monótono dos bondes.

AZEVEDO, Aluisio de. *Casa de Pensão*. São Paulo: Martins, 1973.

O trecho, retirado de romance escrito em 1884, descreve o cotidiano de uma cidade, no seguinte contexto:

- a) a convivência entre elementos de uma economia agrária e os de uma economia industrial indicam o início da industrialização no Brasil, no século XIX.
- b) desde o século XVIII, a principal atividade da economia brasileira era industrial, como se observa no cotidiano descrito.
- c) apesar de a industrialização ter-se iniciado no século XIX, ela continuou a ser uma atividade pouco desenvolvida no Brasil.
- d) apesar da industrialização, muitos operários levantavam cedo, porque iam diariamente para o campo desenvolver atividades rurais.
- e) a vida urbana, caracterizada pelo cotidiano apresentado no texto, ignora a industrialização existente na época.

○ **11. (ENEM)**

— Não digo que seja uma mulher perdida, mas recebeu uma educação muito livre, saracoteia sozinha por toda a cidade e não tem podido, por conseguinte, escapar à implacável maledicência dos fluminenses. Demais, está habituada ao luxo, ao luxo da rua, que é o mais caro; em casa arranjam-se ela e a tia sabe Deus como. Não é mulher com quem a gente se case. Depois, lembra-te que apenas começas e não tens ainda onde cair morto. Enfim, és um homem: faze o que bem te parecer.

Essas palavras, proferidas com uma franqueza por tantos motivos autorizada, calaram no ânimo do bacharel. Intimamente ele estimava que o velho amigo de seu pai o dissuadisse de requestar a moça, não pelas consequências morais do casamento, mas pela obrigação, que este lhe impunha, de satisfazer uma dívida de vinte contos de réis, quando, apesar de todos os seus esforços, não conseguira até então pôr de parte nem o terço daquela quantia.

AZEVEDO, A. A dívida. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br). Acesso em: 20 ago. 2017.

O texto, publicado no fim do século XIX, traz à tona representações sociais da sociedade brasileira da época. Em consonância com a estética realista, traços da visão crítica do narrador manifestam-se na

- a) caracterização pejorativa do comportamento da mulher solteira.
- b) concepção irônica acerca dos valores morais inerentes à vida conjugal.
- c) contraposição entre a idealização do amor e as imposições do trabalho.
- d) expressão caricatural do casamento pelo viés do sentimentalismo burguês.
- e) sobreposição da preocupação financeira em relação ao sentimento amoroso.



○ 12. (ENEM)

**Esaú e Jacó**

Ora, aí está justamente a epígrafe do livro, se eu lhe quisesse pôr alguma, e não me ocorresse outra. Não é somente um meio de completar as pessoas da narração com as ideias que deixarem, mas ainda um par de Lunetas para que o leitor do livro penetre o que for menos claro ou totalmente escuro.

Por outro lado, há proveito em irem as pessoas da minha história colaborando nela, ajudando o autor, por uma lei de solidariedade, espécie de troca de serviços, entre o enxadrista e os seus trabalhos.

Se aceita a comparação, distinguirás o rei e a dama, o bispo e o cavalo, sem que o cavalo possa fazer de torre, nem a torre de peão. Há ainda a diferença da cor, branca e preta, mas esta não tira o poder da marcha de cada peça, e afinal umas e outras podem ganhar a partida, e assim vai o mundo.

ASSIS, M. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1964 (fragmento).

O fragmento do romance *Esaú e Jacó* mostra como o narrador concebe a leitura de um texto literário. Com base nesse trecho, tal leitura deve levar em conta:

- a) o leitor como peça fundamental na construção dos sentidos.
- b) a luneta como objeto que permite ler melhor.
- c) o autor como único criador de significados.
- d) o caráter de entretenimento da literatura.
- e) a solidariedade de outros autores.

○ 13. (ENEM 2022)

**Firmo, o vaqueiro**

No dia seguinte, à hora em que saía o gado, estava eu debruçado à varanda quando vi o cafuzo que preparava o animal viajeiro:

- Raimundinho, como vai ele?...
- De longe apontou a palhoça.
- Sim.

O braço caiu-lhe, olhou-me algum tempo comovido; depois, saltando para o animal, levou o polegar à boca fazendo estalar a unha nos dentes: “Às quatro horas da manhã... Atirei um verso e disse, para bulir com ele: Pega, velho! Não respondeu. Tio Firmo, mesmo velho e doente, não era homem para deixar um verso no chão... Fui ver, coitado!... estava morto”. E deu de esporas para que eu não lhe visse as lágrimas.

NETTO, C. In: MARCHEZAN, L. G. (Org.). *O conto regionalista*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

A passagem registra um momento em que a expressividade lírica é reforçada pela:

- a) plasticidade da imagem do rebanho reunido.
- b) sugestão da firmeza do sertanejo ao arrear o cavalo.
- c) situação de pobreza encontrada nos sertões brasileiros.
- d) afetividade demonstrada ao noticiar a morte do cantador.
- e) preocupação do vaqueiro em demonstrar sua virilidade.

○ 14. (ENEM-2021)

**Singular ocorrência**

— Há ocorrências bem singulares. Está vendo aquela dama que vai entrando na igreja da Cruz? Parou agora no adro para dar uma esmola.

- De preto?
- Justamente; lá vai entrando; entrou.
- Não ponha mais na carta. Esse olhar está dizendo que a dama é uma recordação de outro tempo, e não há de ser muito tempo, a julgar pelo corpo: é moça de truz.
- Deve ter quarenta e seis anos.
- Ah! conservada. Vamos lá; deixe de olhar para o chão e conte-me tudo. Está viúva, naturalmente?
- Não.
- Bem; o marido ainda vive. É velho?
- Não é casada.
- Solteira?
- Assim, assim. Deve chamar-se hoje D. Maria de tal. Em 1860 florescia com o nome familiar de Marocas. Não era costureira, nem proprietária, nem mestra de meninas; vá excluindo as profissões e chegará lá. Morava na Rua do Sacramento. Já então era esbelta, e, seguramente, mais linda do que hoje; modos sérios, linguagem limpa.

ASSIS, M. Machado de Assis: seus 30 melhores contos. Rio de Janeiro: Aguilar, 1961.

No diálogo, descortinam-se aspectos da condição da mulher em meados do século XIX. O ponto de vista dos personagens manifesta conceitos segundo os quais a mulher:

- a) encontra um modo de dignificar-se na prática da caridade.
- b) preserva a aparência jovem conforme seu estilo de vida.
- c) condiciona seu bem-estar à estabilidade do casamento.
- d) tem sua identidade e seu lugar referendados pelo homem.
- e) renuncia à sua participação no mercado de trabalho.

Anotações:



○ **15. (ENEM-2021)** Naquele tempo, Itaguaí, que, como as demais vilas, arraiais e povoações da colônia, não dispunha de imprensa, tinha dois modos de divulgar uma notícia; ou por meio de cartazes manuscritos e pregados na porta da Câmara, e da matriz; — ou por meio de matraca.

Eis em que consistia este segundo uso. Contratava-se um homem, por um ou mais dias, para andar as ruas do povoado, com uma matraca na mão. De quando em quando tocava a matraca, reunia-se gente, e ele anunciava o que lhe incumbiam, — um remédio para sezões, umas terras lavradas, um soneto, um donativo eclesiástico, a melhor tesoura da vila, o mais belo discurso do ano, etc. O sistema tinha inconvenientes para a paz pública; mas era conservado pela grande energia de divulgação que possuía. Por exemplo, um dos vereadores desfrutava a reputação de perfeito educador de cobras e macacos, e aliás nunca domesticara um só desses bichos; mas tinha o cuidado de fazer trabalhar a matraca todos os meses. E dizem as crônicas que algumas pessoas afirmavam ter visto cascavéis dançando no peito do vereador; afirmação perfeitamente falsa, mas só devida à absoluta confiança no sistema. Verdade, verdade, nem todas as instituições do antigo regímen mereciam o desprezo do nosso século.

ASSIS, M. O alienista. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br). Acesso em: 2 jun. 2019 (adaptado).

O fragmento faz uma referência irônica a formas de divulgação e circulação de informações em uma localidade sem imprensa. Ao destacar a confiança da população no sistema da matraca, o narrador associa esse recurso à disseminação de:

- a) campanhas políticas.
- b) anúncios publicitários.
- c) notícias de apelo popular.
- d) informações não fidedignas.
- e) serviços de utilidade pública.

○ **16. (ENEM)** O *Bom-crioulo*, de Adolfo Caminha, representa uma relação homoafetiva entre Aleixo e Amaro. Os sentimentos de Amaro por Aleixo são intensos e verdadeiros, conduzindo seus pensamentos e suas atitudes e determinando sua trajetória na história. Sobre a maneira como Amaro concebe seus próprios sentimentos e sobre a forma como, em geral, as demais personagens o veem, é correto afirmar:

- a) Amaro não aceita totalmente seu sentimento, concebendo-o como uma anomalia da natureza, sobre a qual, no entanto, não tem controle. As demais personagens, em geral, demonstram desconfiança, preconceito ou indiferença pelos sentimentos que atormentam Amaro.
- b) Amaro entende seu sentimento como bastante saudável, tornando-se mais amoroso, tranquilo e pacífico. Sofre, porém, o preconceito das demais personagens.
- c) Amaro entende seu sentimento como uma doença, por se revelar apenas como desejo carnal e desfrute sexual. As demais personagens, em geral, demonstram desconfiança, preconceito ou indiferença pelos sentimentos que o atormentam.
- d) Amaro mostra-se em profundo conflito, por perceber-se totalmente diferente dos companheiros com quem se relaciona. As demais personagens, no entanto, nem desconfiam dos seus sentimentos.
- e) Amaro aceita seu sentimento como normal, recebendo apoio e compreensão dos demais personagens.

○ **17. (ENEM)** E vejam agora com que destreza, com que arte faço eu a maior transição deste livro. Vejam: o meu delírio começou com a presença de Virgília. Virgília foi o meu grão de pecado de juventude; não há juventude sem meninice; meninice supõe nascimento; e eis aqui como chegamos nós, sem esforço, ao dia 20 de outubro de 1805, em que nasci. Viram?

ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1974 (fragmento).

A repetição é um recurso linguístico utilizado para promover a progressão textual, pois indica entrelaçamento de ideias. No fragmento de romance, as repetições foram utilizadas com o objetivo de:

- a) marcar a transição entre dois momentos distintos da narrativa, do amor do narrador por Virgília e seu nascimento.
- b) tornar mais lento o fluxo de informações, para finalmente conduzir o leitor ao tema principal.
- c) reforçar, pelo acúmulo de informações, a ideia do quanto é grande o sentimento do narrador por Virgília.
- d) representar a monotonia, caracterizadora das etapas da vida do autor: a juventude e a velhice.
- e) assegurar a sequenciação cronológica dos fatos representados e a precisão das informações.

○ **18. (ENEM)** Um dia, meu pai tomou-me pela mão, minha mãe beijou-me a testa, molhando-me de lágrimas os cabelos e eu parti.

Duas vezes fora visitar o Ateneu antes da minha instalação.

Ateneu era o grande colégio da época. Afamado por um sistema de nutrido reclame, mantido por um diretor que de tempos a tempos reformava o estabelecimento, pintando-o jeitosamente de novidade, como os negociantes que liquidam para recomeçar com artigos de última remessa; o Ateneu desde muito tinha consolidado crédito na preferência dos pais, sem levar em conta a simpatia da meninada, a cercar de aclamações o bombo vistoso dos anúncios.

O Dr. Aristarco Argolo de Ramos, da conhecida família do Visconde de Ramos, do Norte, enchia o império com o seu renome de pedagogo. Eram boletins de propaganda pelas províncias, conferências em diversos pontos da cidade, a pedidos, à substância, atochando a imprensa dos lugarejos, caixões, sobretudo, de livros elementares, fabricados às pressas com o ofegante e esbaforido concurso de professores prudentemente anônimos, caixões e mais caixões de volumes cartonados em Leipzig, inundando as escolas públicas de toda a parte com a sua invasão de capas azuis, róseas, amarelas, em que o nome de Aristarco, inteiro e sonoro, oferecia-se ao pasmo venerador dos esfaimados de alfabeto dos confins da pátria. Os lugares que não os procuravam eram um belo dia surpreendidos pela enchente, gratuita, espontânea, irresistível! E não havia senão aceitar a farinha daquela marca para o pão do espírito.

POMPEIA, R. *O Ateneu*. São Paulo: Scipione, 2005.

Ao descrever o Ateneu e as atitudes de seu diretor, o narrador revela um olhar sobre a inserção social do colégio demarcado pela:

- a) ideologia mercantil da educação, repercutida nas vaidades pessoais.
- b) interferência afetiva das famílias, determinantes no processo educacional.
- c) produção pioneira de material didático, responsável pela facilitação do ensino.
- d) ampliação do acesso à educação, com a negociação dos custos escolares.
- e) cumplicidade entre educadores e famílias, unidos pelo interesse comum do avanço social.



○ 19. (ENEM) Leia o texto e examine a ilustração:

### Óbito do autor

[...] expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferiu à beira de minha cova: – “Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isto é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado.” [...]

Adaptado de: Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Ilustrado por Cândido Portinari. Rio de Janeiro: Cem Bibliófilos do Brasil, 1943, p. 1.



Compare o texto de Machado de Assis com a ilustração de Portinari. É correto afirmar que a ilustração do pintor:

- a) apresenta detalhes ausentes na cena descrita no texto verbal.
- b) retrata fielmente a cena descrita por Machado de Assis.
- c) distorce a cena descrita no romance.
- d) expressa um sentimento inadequado à situação.
- e) contraria o que descreve Machado de Assis.

○ 20. (ENEM)

### Inverno! inverno! inverno!

Tristes nevoeiros, frios negrumes da longa treva boreal, descampados de gelo cujo limite escapa-nos sempre, desesperadamente, para lá do horizonte, perpétua solidão inóspita, onde apenas se ouve a voz do vento que passa uivando como uma legião de lobos, através da cidade de catedrais e túmulos de cristal na planície, fantasmas que a miragem povoam e animam, tudo isto: decepções, obscuridade, solidão, desespero e a hora invisível que passa como o vento, tudo isto é o frio inverno da vida.

Há no espírito o luto profundo daquele céu de bruma dos lugares onde a natureza dorme por meses, à espera do sol avaro que não vem.

POMPEIA, R. *Canções sem metro*. Campinas: Unicamp, 2013.

Reconhecido pela linguagem impressionista, Raul Pompeia desenvolveu-a na prosa poética, em que se observa a:

- a) imprecisão no sentido dos vocábulos.
- b) dramaticidade como elemento expressivo.
- c) subjetividade em oposição à verossimilhança.
- d) valorização da imagem com efeito persuasivo.
- e) plasticidade verbal vinculada à cadência melódica.

○ 21. (ENEM)

### Capítulo LIV – A pêndula

Saí dali a saborear o beijo. Não pude dormir; estirei-me na cama, é certo, mas foi o mesmo que nada. Ouvi as horas todas da noite. Usualmente, quando eu perdia o sono, o bater da pêndula fazia-me muito mal; esse tique-taque soturno, vagaroso e seco parecia dizer a cada golpe que eu ia ter um instante menos de vida. Imaginava então um velho diabo, sentado entre dois sacos, o da vida e o da morte, e a contá-las assim:

- Outra de menos...
- Outra de menos...
- Outra de menos...
- Outra de menos...

O mais singular é que, se o relógio parava, eu dava-lhe corda, para que ele não deixasse de bater nunca, e eu pudesse contar todos os meus instantes perdidos. Invenções há, que se transformam ou acabam; as mesmas instituições morrem; o relógio é definitivo e perpétuo. O derradeiro homem, ao despedir-se do sol frio e gasto, há de ter um relógio na algibeira, para saber a hora exata que morre.

Naquela noite não padeci essa triste sensação de enfado, mas outra, e deleitosa. As fantasias tumultuavam-me cá dentro, vinham umas sobre as outras, à semelhança de devotas que se abalroam para ver o anjo-cantador das procissões. Não ouvia os instantes perdidos, mas os minutos ganhados.

ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992 (fragmento).

O capítulo apresenta o instante em que Brás Cubas revive a sensação do beijo trocado com Virgília, casada com Lobo Neves. Nesse contexto, a metáfora do relógio desconstrói certos paradigmas românticos, porque:

- a) o narrador e Virgília não têm percepção do tempo em seus encontros adúlteros.
- b) como “defunto autor”, Brás Cubas reconhece a inutilidade de tentar acompanhar o fluxo do tempo.
- c) na contagem das horas, o narrador metaforiza o desejo de triunfar e acumular riquezas.
- d) o relógio representa a materialização do tempo e redireciona o comportamento idealista de Brás Cubas.
- e) o narrador compara a duração do sabor do beijo à perpetuidade do relógio.

Anotações:



○ 22. (ENEM)

Capítulo III

Um criado trouxe o café. Rubião pegou na xícara e, enquanto lhe deitava açúcar, ia disfarçadamente mirando a bandeja, que era de prata lavrada. Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; não gostava de bronze, mas o amigo Palha disse-lhe que era matéria de preço, e assim se explica este par de figuras que aqui está na sala: um *Mefistófeles* e um *Fausto*. Tivesse, porém, de escolher, escolheria a bandeja, – primor de argenteira, execução fina e acabada. O criado esperava teso e sério. Era espanhol; e não foi sem resistência que Rubião o aceitou das mãos de Cristiano; por mais que lhe dissesse que estava acostumado aos seus crioulos de Minas, e não queria línguas estrangeiras em casa, o amigo Palha insistiu, demonstrando-lhe a necessidade de ter criados brancos. Rubião cedeu com pena. O seu bom pajem, que ele queria pôr na sala, como um pedaço da província, nem o pôde deixar na cozinha, onde reinava um francês, Jean; foi degradado a outros serviços.

ASSIS, M. *Quincas Borba*. In: *Obra completa*, V. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993 (fragmento).

*Quincas Borba* situa-se entre as obras-primas do autor e da literatura brasileira. No fragmento apresentado, a peculiaridade do texto que garante a universalização de sua abordagem reside:

- a) no conflito entre o passado pobre e o presente rico, que simboliza o triunfo da aparência sobre a essência.
- b) no sentimento de nostalgia do passado devido à substituição da mão de obra escrava pela dos imigrantes.
- c) na referência a *Fausto* e *Mefistófeles*, que representam o desejo de eternização de Rubião.
- d) na admiração dos metais por parte de Rubião, que metaforicamente representam a durabilidade dos bens produzidos pelo trabalho.
- e) na resistência de Rubião aos criados estrangeiros, que reproduz o sentimento de xenofobia.

○ 23. (ENEM 2022)

Esaú e Jacó

Bárbara entrou, enquanto o pai pegou da viola e passou ao patamar de pedra, à porta da esquerda. Era uma criaturinha leve e breve, saia bordada, chinelinha no pé. Não se lhe podia negar um corpo airoso. Os cabelos, apanhados no alto da cabeça por um pedaço de fita enxovalhada, faziam-lhe um solidéu natural, cuja borla era suprida por um raminho de arruda. Já vai nisto um pouco de sacerdotisa. O mistério estava nos olhos. Estes eram opacos, não sempre nem tanto que não fossem também lúcidos e agudos, e neste último estado eram igualmente compridos; tão compridos e tão agudos que entravam pela gente abaixo, revolviam o coração e tornavam cá fora, prontos para nova entrada e outro revolvimento. Não te minto dizendo que as duas sentiram tal ou qual fascinação. Bárbara interrogou-as; Natividade disse ao que vinha e entregou-lhe os retratos dos filhos e os cabelos cortados, por lhe haverem dito que bastava.

- Basta, confirmou Bárbara. Os meninos são seus filhos?
- São.

ASSIS, M. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

No relato da visita de duas mulheres ricas a uma vidente no Morro do Castelo, a ironia — um dos traços mais representativos da narrativa machadiana — consiste no:

- a) modo de vestir dos moradores do morro carioca.
- b) senso prático em relação às oportunidades de renda.
- c) mistério que cerca as clientes de práticas de vidência.
- d) misto de singeleza e astúcia dos gestos da personagem.
- e) interesse do narrador pelas figuras femininas ambíguas.

○ 24. (UFRGS) Leia o trecho final de *O cortiço*.

A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar.

Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado.

E depois embarcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue.

João Romão fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos.

Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito.

Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas.

Considere as seguintes afirmações sobre o trecho.

- I. O narrador em terceira pessoa aproxima-se de Bertoleza, assumindo seu ponto de vista para desmascarar o falso abolicionismo de João Romão; ao mesmo tempo, mantém-se distante dela ao descrevê-la com traços animalescos.
- II. A morte terrível de Bertoleza destoa do andamento geral do romance, marcado pelo lirismo da narração, característica naturalista presente no texto de Aluísio Azevedo.
- III. A última frase do trecho sugere que João Romão receberá a comissão a despeito do fim de Bertoleza, em uma alegoria do Brasil: abolicionista na sala de visitas, escravocrata na cozinha.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas II.
- b) Apenas III.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas I e III.
- e) I, II e III.

○ 25. (UFRGS) Leia o segmento abaixo.

No Brasil novecentista, uma sociedade escravocrata e patriarcal, o espaço de atuação das mulheres era restrito. Elas aparecem representadas em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e *O cortiço*, de Aluísio Azevedo. .... escolhe ficar com o homem que desperta seu desejo, sem a necessidade de casar. Paira sobre ..... a desconfiança sobre sua motivação para casar com o vizinho. Por sua vez, ..... casa e descarta o marido, em busca de uma vida livre do domínio masculino.

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do segmento acima, na ordem em que aparecem.

- a) Rita Baiana – Capitu – Pombinha
- b) Capitu – Rita Baiana – Pombinha
- c) Pombinha – Capitu – Rita Baiana
- d) Pombinha – Rita Baiana – Capitu
- e) Rita Baiana – Pombinha – Capitu



26. (UFRGS) Assinale a alternativa correta.

- a) Os seres humanos, no Naturalismo, não estão sujeitos à hereditariedade, mas à purificação pelo contato com a natureza.
- b) Os autores do movimento naturalista procuram ligar personagem/meio ambiente com laços puros, naturais e sentimentais.
- c) O Naturalismo procurou explicar cientificamente a conduta e o modo de ser dos personagens por fatores externos que condicionam a vida do homem.
- d) Havia um elo entre o Naturalismo e as Ciências Biológicas, mas se negava valor às influências da hereditariedade.
- e) As forças naturais, com interferência apenas de Deus, moviam o homem visto pelo Naturalismo.

27. (UFRGS) Assinale a alternativa **incorreta** sobre o Naturalismo.

- a) O Naturalismo fundamentou-se nas teorias científicas que predominavam na segunda metade do século XIX, notadamente no Determinismo.
- b) Os autores do Naturalismo utilizaram amplamente a análise psicológica dos personagens, apresentando com rigor as contradições humanas.
- c) O comportamento dos personagens no romance naturalista está submetido às forças das leis naturais.
- d) É pressuposto do Naturalismo a preocupação com a verossimilhança na construção do universo ficcional.
- e) Os personagens dos romances naturalistas, geralmente, sofrem um processo de degradação moral e social decorrente da opressão da sociedade e de sua ordem econômica.

28. (UFRGS) Assinale a alternativa correta em relação ao romance *Dom Casmurro*.

- a) Para libertar-se do cumprimento da promessa materna, sair do seminário e casar com a sua amiga de infância, Bentinho alega estar com lepra.
- b) Por sugestão do Imperador, Bentinho ingressa na Escola de Medicina no Rio de Janeiro com o apoio entusiasta de dona Glória e da família do Pádua.
- c) Nos capítulos dedicados ao enterro de Escobar, o narrador impressiona-se com o olhar que Capitu lança ao afogado, comparando-o com as ondas do mar.
- d) Trata-se de um romance realista, narrado de forma isenta e linear, evitando recuos, dubiedades e intromissões do narrador.
- e) Os capítulos finais narram a viagem de Bento à Europa, na tentativa de reencontrar Capitu e Ezequiel.

29. (UFRGS) Leia os trechos abaixo, extraídos de *Dom Casmurro*.

“José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias: não as havendo servia a prolongar as frases [...] Trazia as calças curtas, para que lhe ficassem bem esticadas. A gravata de cetim preto, com um arco de aço por dentro imobilizava-lhe o pescoço; era então moda. [...] Levantou-se com o passo vagaroso do costume, não aquele vagar arrastado dos preguiçosos, mas um vagar calculado e deduzido, um silogismo completo, a premissa antes da consequência, a consequência antes da conclusão.” (cap. IV)

“Como vê, Capitu, aos quatorze anos, tinha já ideias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois, mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto mas aos saltinhos. Não sei se me explico bem. Suponde uma concepção grande executada por meios pequenos. Assim, para não sair do desejo vago e hipotético de me mandar para a Europa, Capitu, se pudesse cumpri-lo, não me faria embarcar no paquete e fugir; estenderia uma fila de canoas daqui até lá, por onde eu, parecendo ir à fortaleza da Laje em ponte movediça, iria realmente até Bordéus, deixando minha mãe na praia à espera.” (cap. XVIII)

Assinale a alternativa correta em relação a esses trechos.

- a) José Dias, agregado da família Santiago, tem como características a retidão de caráter e a laboriosidade.
- b) Na descrição de José Dias, o narrador ressalta traços como a linguagem, o vestuário e o caminhar, compondo o retrato do alguém calculista e preocupado com a aparência.
- c) Pela leitura dos trechos, percebe-se que Capitu, desde a adolescência, é incapaz de disfarçar o seu atrevimento.
- d) O narrador descreve o modo firme, direto e transparente que caracteriza o comportamento de Capitu em busca da concretização de seus desejos.
- e) Capitu deseja mandar Bento para a Europa porque, desde o início da adolescência, já estava apaixonada por Escobar, de quem leva um filho.

30. (UFRGS) Leia o segmento abaixo, do terceiro capítulo de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo.

Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. [...] O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e rezingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as seguintes afirmações sobre o segmento.

- ( ) O segmento apresenta a descrição do cortiço sem destacar um personagem, com ênfase na coletividade para ações triviais de homens, mulheres e crianças.
- ( ) O despertar, matéria cotidiana, é figurado como fato rotineiro de pessoas executando seus hábitos higiênicos matinais.
- ( ) A linguagem do narrador, preocupado em mostrar a dimensão natural presente nas ações humanas, evidencia-se em expressões como “prazer animal de existir”.
- ( ) O objetivo, nesse segmento, é apresentar o cortiço e a venda como empreendimentos comerciais usados no enriquecimento de João Romão.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) V - V - F - F
- b) V - V - V - V
- c) V - F - F - V
- d) F - F - F - V
- e) V - V - V - F



○ 31. (UFRGS) Leia o capítulo abaixo, retirado de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

### CAPÍTULO VIII - É TEMPO

Mas é tempo de tornar àquela tarde de novembro, uma tarde clara e fresca, sossegada como a nossa casa e o trecho da rua em que morávamos. Verdadeiramente foi o princípio da minha vida; tudo o que sucedera antes foi como o pintar e vestir das pessoas que tinham de entrar em cena, o acender das luzes, o preparo das rabecas, a sinfonia... Agora é que eu ia começar a minha ópera. "A vida é uma ópera", dizia-me um velho tenor italiano que aqui viveu e morreu... E explicou-me um dia a definição, em tal maneira que me fez crer nela. Talvez valha a pena dá-la; é só um capítulo.

Considere as afirmações abaixo, sobre o capítulo.

- I. O narrador refere-se ao momento em que descobriu sua vocação para a vida religiosa.
- II. O narrador recorda saudosamente as tardes familiares e a fala de José Dias saudando seus amores com a vizinha, Capitu.
- III. O narrador diz que sua vida começou quando ouviu José Dias denunciar seus amores com Capitu.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e II.
- e) I, II e III.

○ 32. (UFRGS) Leia o seguinte trecho de *O cortiço*.

A criadagem da família do Miranda compunha-se de Isaura, mulata ainda moça, moleirona e tola, que gastava todo o vintenzinho que pilhava em comprar capilé na venda de João Romão; uma negrinha virgem, chamada Leonor, muito ligeira e viva, lisa e seca como um moleque, conhecendo de orelha, sem lhe faltar um termo, a vasta tecnologia da obscenidade, e dizendo, sempre que os caixeiros ou os fregueses da taverna, só para mexer com ela, lhe davam atacações: "Óia, que eu me queixo ao juiz de orfe!"; e finalmente o tal Valentim, filho de uma escrava que foi de Dona Estela e a quem esta havia alforriado.

Sobre o texto acima, assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as seguintes afirmações.

- ( ) O fragmento reflete o tom geral do romance, no qual o narrador em terceira pessoa distancia-se das personagens populares – especialmente as negras –, pois está atrelado às reduções do cientificismo naturalista que antepõe raça superior a raça inferior.
- ( ) A linguagem do narrador é diferente da linguagem da personagem: a fala de Leonor não segue o registro linguístico adotado pelo narrador.
- ( ) As personagens femininas descritas no trecho – e no romance de maneira geral – são estereotipadas, respondem ao imaginário da mulata sensual e ociosa, especialmente Bertoleza e Rita Baiana.
- ( ) O narrador em terceira pessoa simpatiza com as personagens populares; tal simpatia está presente em todo o romance, nas inúmeras vezes em que a narração em terceira pessoa cede espaço para o diálogo entre escravos.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) V - V - F - F
- b) F - F - V - V
- c) F - F - F - V
- d) F - V - F - V
- e) V - V - V - F

○ 33. (UFRGS) Assinale a alternativa correta sobre *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

- a) Brás Cubas candidatou-se a deputado, foi eleito e proferiu discursos que causaram impacto a ponto de ter seu nome considerado para o cargo de ministro.
- b) Brás Cubas estudou Direito em Coimbra, como outros brasileiros de sua classe, mas confessa ter aprendido pouco ao longo do curso.
- c) Dona Plácida, depois que um pretendente lhe propôs casamento, abandonou a tarefa de alcoviteira do amor clandestino entre Brás e Virgília.
- d) Quincas Borba considera Brás Cubas seu discípulo, mas só lhe revela alguns aspectos de sua filosofia para não causar mal-estar ao amigo.
- e) O cunhado Cotrim é um homem desagradável, mas bom pagador, e discreto a ponto de evitar que suas ações de caridade venham a ser divulgadas.

○ 34. (ENEM)

Conseguindo, porém, escapar à vigilância dos interessados, e depois de curtir uma noite, a mais escura de sua vida, numa espécie de jaula com grades de ferro, Amaro, que só temia regressar à "fazenda", voltar ao seio da escravidão, estremeceu diante de um rio muito largo e muito calmo, onde havia barcos vogando em todos os sentidos, à vela, outros deitando fumaça, e lá cima, beirando a água, um morro alto, em ponta, varando as nuvens, como ele nunca tinha visto...

[...] todo o conjunto da paisagem comunicava-lhe uma sensação tão forte de liberdade e vida, que até lhe vinha vontade de chorar, mas chorar francamente, abertamente, na presença dos outros, como se estivesse enlouquecendo... Aquele magnífico cenário gravava-se-lhe na retina para toda a existência; nunca mais o havia de esquecer, oh! Nunca mais! Ele, o escravo, "o negro fugido", sentia-se verdadeiramente homem, igual aos outros homens, feliz de o ser, grande como a natureza, em toda a pujança viril da sua mocidade, e tinha pena, muita pena dos que ficavam na "fazenda" trabalhando, sem ganhar dinheiro, desde a madrugada até... sabe Deus!

CAMINHA, A. Bom Crioulo. São Paulo: Martin Claret, 2008.

A situação descrita no fragmento aproxima-o dos padrões estéticos do Naturalismo em função da:

- a) fragilidade emocional atribuída ao indivíduo oprimido.
- b) influência da paisagem sobre a capacidade de resiliência.
- c) impossibilidade de superação dos traumas da escravidão.
- d) correlação de causalidade entre força física e origem étnica.
- e) condição moral do indivíduo vinculada aos papéis de gênero.



○ **35. (UFSM)** Através das mais variadas estratégias narrativas, o romance é capaz de criar um mundo verossímil sobre o qual incidem fenômenos históricos, sociológicos, cenários culturais e mesmo componentes psicológicos.

Sobre romances brasileiros do século XIX, atente para as afirmativas a seguir.

I. Escrito durante a permanência de D. João VI no Brasil, Memórias de um sargento de milícias é considerado o primeiro romance brasileiro e retrata as mazelas da pequena classe média carioca “no tempo do Rei”.

II. Tematizando o casamento por dinheiro em Senhora e os dramas da prostituição em Luciola, o José de Alencar urbano demonstra sensível compreensão da sociedade burguesa do Segundo Império, em que vivia.

III. Dom Casmurro e O Ateneu são romances escritos à moda de memórias, caracterizados pela ambiguidade dos fatos em virtude do ponto-de-vista do narrador; o seminário (no primeiro) e o internato (no segundo), microcosmos de uma sociedade movida por interesses financeiros e falsa moral, são espaços que, em diferentes graus, destacam-se nessas narrativas.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas I e III.
- d) apenas II e III.
- e) I, II e III.

○ **36. (UFSM)** Além do aumento do piso salarial dos professores, há um plano de educação continuada, para que eles se reciclem e tomem conhecimento de novas teorias e metodologias. Um dos métodos de ensino muito usado por professores no século XIX, o uso da palmatória, pode ser identificado no seguinte fragmento:

Tinha amarguras esse tempo; tinha os ralhos, os castigos, as lições árduas e longas, e ainda assim... Ó palmatória, terror dos meus dias pueris, tu que foste compelle intrare com que um velho mestre, ossudo e calvo, me incutiu no cérebro o alfabeto, a prosódia, a sintaxe, e o mais que ele sabia, benta palmatória, tão praguejada dos modernos (...) Vejo-te ainda agora entrar na sala, com as tuas chinelas de couro branco, capote, lenço na mão, calva à mostra, barba rapada; vejo-te sentar, bufar, grunhir, absorver uma pitada inicial, e chamar-nos depois à lição. E fizeste isso durante vinte e três anos, calado, obscuro, pontual, metido numa casinha da Rua do Piolho, sem enfadado mundo com a tua mediocridade, até que um dia deste o grande mergulho nas trevas, e ninguém te chorou, salvo um preto velho - ninguém, nem eu, que te devo os rudimentos da escrita. Chamava-se Ludgero o mestre; quero escrever-lhe o nome todo nesta página: Ludgero Barata, - um nome funesto, que servia aos meninos de eterno mote e chufas. Um de nós, o Quincas Borba, esse então era tão cruel com o pobre homem. Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças - umas largas calças de enfiar-, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta. Se ele a encontrava ainda nas horas de aula, dava um puto, circulava os olhos chamejantes, dizia-nos os últimos nomes: éramos sevandijas, capadócios, malcriados, moleques. - Uns tremiam, outros rosnavam; o Quincas Borba, porém, deixava-se estar quieto, com os olhos espetados no ar.

Pode-se constatar que, nesse excerto de Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, o narrador,

- a) em terceira pessoa, relata os fatos de maneira objetiva.
- b) em primeira pessoa, mostra que o professor Ludgero é tanto algoz quanto vítima.
- c) em primeira pessoa, afirma que só Quincas Borba debochava do professor Ludgero.
- d) em primeira pessoa, sente mais falta do professor Ludgero do que da palmatória.
- e) em terceira pessoa, descreve seu professor de português.

○ **37. (UFSM)** Se hoje as minorias têm as ações afirmativas que respeitam suas identidades, a Literatura Naturalista do século XIX pode ser considerada preconceituosa, se levarmos em consideração o seguinte fragmento de **O cortiço**, de Aluísio Azevedo:

Abriu-lhe logo uma conta corrente, e a quitandeira, quando precisava de dinheiro para qualquer coisa, dava um pulo até à venda e recebia-o das mãos do vendeiro, de “Seu João”, como ela dizia. Seu João debitava metodicamente essas pequenas quantias num caderninho, em cuja capa de papel pardo lia-se, mal escrito e em letras cortadas de jornal: “Ativo e passivo de Bertoleza”.

E por tal forma foi o tavemeiro ganhando confiança no espírito da mulher, que esta afinal nada mais resolvia só por si, e aceitava dele, cegamente, todo e qualquer arbítrio. Por último, se alguém precisava tratar com ela qualquer negócio, nem mais se dava ao trabalho de procurá-la, ia logo direito a João Romão.

Quando deram fé estavam amigos.

Ele propôs-lhe morarem juntos e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua.

Nesse fragmento, é possível identificar também:

- a) a teoria determinista, porque Bertoleza estava à procura de um homem de raça superior à sua.
- b) a exploração que João Romão sofria, na medida em que era um estrangeiro.
- c) a teoria existencialista, que explica a maneira como o amor de João Romão em relação a Bertoleza é emotivo e passionai.
- d) a teoria positivista, que no século XIX instituiu o interesse material nas relações humanas.
- e) que não há diferença entre negros, cafuzos e estrangeiros, pois, no Brasil do século XIX, não havia preconceito racial nem étnico, só nos textos literários.

Anotações:



○ 38. (UFSM)

Padecia deveras, no mais íntimo do amorpróprio [...].

Teso na cadeira, o Rangel estava atônito. De cabeça espatifou o Queirós; depois cogitou a possibilidade de um desastre qualquer, uma dor bastava, mas coisa forte, que levasse dali aquele intruso. Nenhuma dor, nada; o diabo parecia cada vez mais lépido, e toda a sala fascinada por ele.

Fonte: MACHADO DE ASSIS, 1997, p. 86.

A fina e contundente análise que Machado de Assis costuma fazer de suas personagens frequentemente aponta para as fraquezas e mazelas do caráter humano. O trecho evidencia que Rangel mostra-se:

- a) interesseiro, pois aquele casamento seria um bom negócio, na medida em que o dote de Joaquina era vultoso.
- b) sonhador, pois a vingança renovava seu secreto desejo de casar-se para simplesmente gozar as primícias do amor.
- c) desnortado, pois a ameaça representada por Queirós o impedia de viver as grandezas imaginadas com Joaquina.
- d) melancólico, pois não tinha forças para impedir que a futura noiva fosse cortejada nem coragem para afastar seus rivais.
- e) resoluto, pois, na sequência do conto, Rangel de fato casa-se com Joaquina, aniquilando todos os planos de seu rival.

○ 39. (UFSM)

Bom-Crioulo não pensou em dormir, cheio, como estava, de ódio e desespero. [...]

Amigado, o Aleixo! [...] Amigar-se, viver com uma mulher, sentir o contato de outro corpo que não o seu, deixar-se beijar, morder, nas ânsias do gozo, por outra pessoa que não o Bom-Crioulo!...

Agora é que tinha um desejo enorme, uma sofreguidão louca de vê-lo rendido, a seus pés [...] As palavras de Herculano (aquela história do grumete com uma rapariga) tinham-lhe despertado o sangue, fora como uma espécie de urtiga brava arranhando-lhe a pele, excitando-o, enfurecendo-o de desejo. [...] Não, não era somente o gozo comum, a sensação ordinária, o que ele queria depois das palavras de Herculano: era o prazer brutal, doloroso, fora de todas as leis, de todas as normas...

Fonte: CAMINHA, 2002, p. 108-109.

No trecho destacado, predominam as seguintes características da narrativa de Adolfo Caminha:

- a) a temática da sexualidade e a análise detalhista do meio.
- b) a temática da sexualidade e a prevalência do instinto sobre a razão.
- c) a prevalência do instinto sobre a razão e a análise detalhista do meio.
- d) a corrupção moral e religiosa e a análise social da personagem.
- e) a temática da sexualidade e o dilema ético do protagonista.

Anotações:



# HABILIDADES À PROVA 4

## » Parnasianismo

### ○ 1. (ENEM)

#### Ouvir estrelas

“Ora, (dizeis) ouvir estrelas! Certo perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto, que, para ouvi-las, muita vez desperto e abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda noite, enquanto a Via-Láctea, como um pálio aberto, cintila. E, ao vir o Sol, saudoso e em pranto, inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: “Tresloucado amigo! Que conversas com elas? Que sentido tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entendê-las! Pois só quem ama pode ter ouvido Capaz de ouvir e de entender estrelas”.

BILAC, Olavo. Ouvir estrelas. In: *Tarde*, 1919.

#### Ouvir estrelas

Ora, dizeis, ouvir estrelas! Vejo que estás beirando a maluquice extrema. No entanto o certo é que não perco o ensejo De ouvi-las nos programas de cinema.

Não perco fita; e dir-vos-ei sem pejo que mais eu gozo se escabroso é o tema. Uma boca de estrela dando beijo é, meu amigo, assunto p’ra um poema.

Dizeis agora: Mas, enfim, meu caro, As estrelas que dizem? Que sentido têm suas frases de sabor tão raro?

Amigo, aprende inglês para entendê-las, Pois só sabendo inglês se tem ouvido Capaz de ouvir e de entender estrelas.

TIGRE, Bastos. Ouvir estrelas. In: Becker, I. *Humor e humorismo: Antologia*. São Paulo: Brasiliense, 1961.

A partir da comparação entre os poemas, verifica-se que:

- no texto de Bilac, a construção do eixo temático deu-se em linguagem denotativa, enquanto no de Tigre, em linguagem conotativa.
- no texto de Bilac, as estrelas são inacessíveis, distantes, e no texto de Tigre, são próximas, acessíveis aos que as ouvem e as entendem.
- no texto de Tigre, a linguagem é mais formal, mais trabalhada, como se observa no uso de estruturas como “dir-vos-ei sem pejo” e “entendê-las”.
- no texto de Tigre, percebe-se o uso da linguagem metalinguística no trecho “Uma boca de estrela dando beijo/é, meu amigo, assunto p’ra um poema.”
- no texto de Tigre, a visão romântica apresentada para alcançar as estrelas é enfatizada na última estrofe de seu poema com a recomendação de compreensão de outras línguas.

### ○ 2. (ENEM)

#### Mal secreto

Se a cólera que espuma, a dor que mora N'alma, e destrói cada ilusão que nasce, Tudo o que punge, tudo o que devora O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse, o espírito que chora, Ver através da máscara da face, Quanta gente, talvez, que inveja agora Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, consigo Guarda um atroz, recôndito inimigo, Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe, Cuja ventura única consiste Em parecer aos outros venturosa!

CORREIA, R. In: PATRIOTA, M. *Para compreender Raimundo Correia*. Brasília: Alhambra, 1995.

Coerente com a proposta parnasiana de cuidado formal e racionalidade na condução temática, o soneto de Raimundo Correia reflete sobre a forma como as emoções do indivíduo são julgadas em sociedade. Na concepção do eu-lírico, esse julgamento revela que:

- a necessidade de ser socialmente aceito leva o indivíduo a agir de forma dissimulada.
- o sofrimento íntimo torna-se mais ameno quando compartilhado por um grupo social.
- a capacidade de perdoar e aceitar as diferenças neutraliza o sentimento de inveja.
- o instinto de solidariedade conduz o indivíduo a apiedar-se do próximo.
- a transfiguração da angústia em alegria é um artifício nocivo ao convívio social.



○ 3. (ENEM)

A

Esbraseia o Ocidente na agonia  
O sol... Aves em bandos destacados,  
Por céus de ouro e púrpura raiados,  
Fogem... Fecha-se a pálpebra do dia...

Delineiam-se além da serrania  
Os vértices de chamas aureolados,  
E em tudo, em torno, esbatem derramados  
Uns tons suaves de melancolia.

Um mundo de vapores no ar flutua...  
Como uma informe nódoa avulta e cresce  
A sombra à proporção que a luz recua.

A natureza apática esmaece...  
Pouco a pouco, entre as árvores, a lua  
Surge trêmula, trêmula... Anoi-tece.

CORRÊA, R. Disponível em: www.brasilliana.usp.br. Acesso em: 13 ago. 2017.

Composição de formato fixo, o soneto tornou-se um modelo particularmente ajustado à poesia parnasiana. No poema de Raimundo Corrêa, remete(m) a essa estética

- a) as metáforas inspiradas na visão da natureza.
- b) a ausência de emotividade pelo eu lírico.
- c) a retórica ornamental desvinculada da realidade.
- d) o uso da descrição como meio de expressividade.
- e) o vínculo a temas comuns à Antiguidade Clássica.

○ 4. (ENEM)

A pátria

Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!  
Criança! não verás nenhum país como este!  
Olha que céu! que mar! que rios! que floresta!  
A Natureza, aqui, perpetuamente em festa,  
É um seio de mãe a transbordar carinhos.  
Vê que vida há no chão! vê que vida há nos ninhos,  
Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos!  
Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!  
Vê que grande extensão de matas, onde impera,  
Fecunda e luminosa, a eterna primavera!

Boa terra! jamais negou a quem trabalha  
O pão que mata a fome, o teto que agasalha...

Quem com o seu suor a fecunda e umedece,  
Vê pago o seu esforço, e é feliz, e enriquece!

Criança! não verás país nenhum como este:  
Imita na grandeza a terra em que nasceste!

BILAC, O. Poesias infantis. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1929.

Publicado em 1904, o poema *A pátria* harmoniza-se com um projeto ideológico em construção na Primeira República. O discurso poético de Olavo Bilac ecoa esse projeto, na medida em que:

- a) a paisagem natural ganha contornos surreais, como o projeto brasileiro de grandeza.
- b) a prosperidade individual, como a exuberância da terra, independe de políticas de governo.
- c) os valores afetivos atribuídos à família devem ser aplicados também aos ícones nacionais.
- d) a capacidade produtiva da terra garante ao país a riqueza que se verifica naquele momento.
- e) a valorização do trabalhador passa a integrar o conceito de bem-estar social experimentado.

○ 5. (UFN) A busca da perfeição pela correção gramatical, a volta aos clássicos e o rebuscamento marcam uma posição de tipo aristocrático [...], correspondendo a um desejo generalizado de elegância ligado à modernização urbana do país, sobretudo sua capital, Rio de Janeiro. Do ponto de vista da literatura, foi uma barreira que petrificou a expressão, criando um hiato largo entre a língua falada e a língua escrita, além de favorecer o artificialismo que satisfaz as elites, porque marca distância em relação ao povo. [...]

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. São Paulo: Huma-nitas, 1999, p.61.

As palavras do crítico e teórico literário Antonio Candido se associam, de modo correto, ao seguinte estilo de época e seus principais autores:

- a) Simbolismo: Alphonsus de Guimaraens e Cruz e Sousa
- b) Parnasianismo: Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia
- c) Parnasianismo: Alphonsus de Guimaraens e Cruz e Sousa
- d) Romantismo: Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu
- e) Simbolismo: Coelho Neto e Rui Barbosa

○ 6. (PUC-RS) Leia o poema *A cavalgada*, de Raimundo Correia.

A lua banha a solitária estrada...  
Silêncio!... Mas além, confuso e brando,  
O som longínquo vem-se aproximando  
Do galopar de estranha cavalgada.

São fidalgos que voltam da caçada;  
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando,  
E as trompas a soar vão agitando  
O remanso da noite embalsamada...

E o bosque estala, move-se, estremece...  
Da cavalgada o estrépito que aumenta  
Perde-se após no centro da montanha...

E o silêncio outra vez soturno desce,  
E límpida, sem mácula, alvacenta  
A lua a estrada solitária banha...

O texto do crítico Sergius Gonzaga refere-se a características da obra de Raimundo Correia, também perceptíveis no poema da questão.

"Raimundo Correia é um dos poetas mais ligados aos padrões do movimento \_\_\_\_\_. Alguns críticos valorizam nele o \_\_\_\_\_, muitas vezes acrescido de uma \_\_\_\_\_ que \_\_\_\_\_".

GONZAGA, Sergius. *Curso de Literatura Brasileira*. Adaptado.

A alternativa que completa as lacunas do excerto adequadamente é:

- a) simbolista – grande potencial para a construção de imagens – euforia – dá vida ao culto à forma
- b) parnasiano – sentimentalismo nos conflitos humanos – subjetividade – subverte o mero culto à forma
- c) romântico – pendor à idealização da natureza – força – espiritualiza o humano
- d) simbolista – poder sugestivo da construção simbólica – musicalidade – valoriza a forma e o conteúdo
- e) parnasiano – sentido plástico de suas descrições da natureza – melancolia – humaniza a paisagem



○ 7. Os excertos abaixo fazem parte do soneto *Velhas árvores*, de Olavo Bilac. Leia-os com atenção.

### Velhas árvores

Olha estas velhas árvores, mais belas  
Do que as árvores novas, mais amigas:  
Tanto mais belas quanto mais antigas,  
Vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera, e o inseto, à sombra delas  
Vivem, livres de fomes e fadigas;  
E em seus galhos abrigam-se as cantigas  
E os amores das aves tagarelas.  
[...]

Velhas árvores. In: BILAC, Olavo. *Antologia: Poesias. Coleção a obra-prima de cada autor*. São Paulo: Martin Claret, 2002. Alma Inquieta. Disponível em: <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/>>. Acesso em: 13 fev. 15.

Olavo Bilac integrou a tríade parnasiana e, no soneto lido, a filiação ao Parnasianismo explicita-se, marcadamente, na:

- a) oposição entre desejos humanos e lei divina, manifesta na visão da árvore velha.
- b) manifestação idealizando o envelhecimento humano.
- c) preocupação em criticar os problemas sociais e sublinhar valores positivos, representados na força da árvore velha.
- d) busca de uma estética nacionalista que valoriza elementos da natureza brasileira.
- e) preocupação com o rigor formal, expressa na rima nos quartetos do soneto.

○ 8. (UPF) O \_\_\_\_\_ é um estilo de época do século XIX, que tem entre suas características a \_\_\_\_\_, a expressão da \_\_\_\_\_ e a preocupação com \_\_\_\_\_.

Assinale a alternativa cujas informações preenchem corretamente as lacunas do enunciado.

- a) Parnasianismo - subjetividade - individualidade - a perfeição formal
- b) Romantismo - objetividade - impessoalidade - o conteúdo
- c) Romantismo - subjetividade - impessoalidade - a perfeição formal
- d) Parnasianismo - objetividade - impessoalidade - a perfeição formal
- e) Parnasianismo - objetividade - individualidade - o conteúdo

○ 9. (UPF) Considere as afirmações a seguir em relação ao Parnasianismo.

I. Os autores realistas, diferentemente dos parnasianos, buscam a impessoalidade no tratamento dos temas.

II. A poesia de Olavo Bilac, embora cronologicamente esteja vinculada ao Parnasianismo, destaca-se pela defesa dos ideais românticos.

III. O culto da forma é uma característica marcante desse estilo de época, que surge no Brasil na segunda metade do século XIX.

Está correto apenas o que se afirma em:

- a) II.
- b) I.
- c) I e III.
- d) II e III.
- e) III.

**Instrução:** Responder às questões 10 a 12 com base no texto abaixo.

### XXXII

Como quisesse livre ser, deixando  
As paragens natais, espaço em fora,  
A ave, ao bafejo tépido da aurora,  
Abriu as asas e partiu cantando.

Estranhos climas, longes céus, cortando  
Nuvens e nuvens, percorreu: e, agora  
Que morre o sol, suspende o voo, e chora,  
E chora, a vida antiga recordando...

E logo, o olhar volvendo compungido  
Atrás, volta saudosa do carinho,  
Do calor da primeira habitação...

Assim por largo tempo andei perdido  
– Ali! que alegria ver de novo o ninho,  
Ver-te, e beijar-te a pequenina mão!

LAJOLO, Marisa. Os melhores poemas de Olavo Bilac. São Paulo: Global Editora, 2015.

○ 10. (PUC-RS) Sobre o poema de Olavo Bilac, é correto afirmar que:

- a) a ave sai voando ao longo da manhã como se quisesse buscar por liberdade.
- b) a ave não consegue voltar ao ninho, pois perdeu o rumo.
- c) o pássaro lamenta a falta de liberdade, mesmo querendo voltar.
- d) o eu lírico se identifica com a ave por trilharem rotas semelhantes.

○ 11. (PUC-RS) No poema em questão, é possível identificar uma das características que particularizam a poesia de Olavo Bilac:

- a) a postura intimista e subjetiva.
- b) o apego aos ideais clássicos.
- c) a tendência à metalinguagem.
- d) o descritivismo de objetos.

○ 12. (PUC-RS) Olavo Bilac foi \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, também considerado \_\_\_\_\_.

- a) sucessor – Alberto de Oliveira – romântico
- b) contemporâneo – Gonçalves Dias – romântico
- c) antecessor – Álvares de Azevedo – parnasiano
- d) contemporâneo – Raimundo Correa – parnasiano

Anotações:



○ 13. (ENEM)

**A escravidão**

Esses meninos que aí andam jogando peteca não viram nunca um escravo... Quando crescerem, saberão que já houve no Brasil uma raça triste, votada à escravidão e ao desespero; e verão nos museus a coleção hedionda dos troncos, dos vira-mundos e dos bacalhaus; e terão notícias dos trágicos horrores de uma época maldita: filhos arrancados ao seio das mães, virgens violadas em pranto, homens assados lentamente em fornos de cal, mulheres nuas recebendo na sua mísera nudez desvalida o duplo ultraje das chicotadas e dos olhares do feitor bestial. [...]

Mas a sua indignação nunca poderá ser tão grande como a daqueles que nasceram e cresceram em pleno horror, no meio desse horrível drama de sangue e lodo, sentindo dentro do ouvido e da alma, numa arrastada e contínua melopeia, o longo gemer da raça mártir — orquestração satânica de todos os soluços, de todas as impressões, de todos os lamentos que a tortura e a injustiça podem arrancar a gargantas humanas.

BILAC, O. Disponível em: [www.escritas.org](http://www.escritas.org). Acesso em: 29 out. 2021.

Publicado em 1902, o texto de Olavo Bilac enfatiza as mazelas da escravidão no Brasil ao:

- a) descrever de modo impessoal as consequências da exploração racial sobre as gerações futuras.
- b) contrapor a infância privilegiada das crianças da época à infância violentada das crianças escravizadas.
- c) antecipar o futuro apagamento das marcas da escravidão no contexto social.
- d) criticar a atenuação da violência contra os povos escravizados nas memórias retratadas pelos museus.
- e) imaginar a reação de indiferença de seus contemporâneos com os escravizados libertos.

○ 14. (UFSM)

**Tercetos**

Noite ainda, quando ela me pedia  
Entre dois beijos que me fosse embora,  
Eu, com os olhos em lágrimas, dizia:

“Espera ao menos que desponte a aurora!  
Tua alcova é cheirosa como um ninho...  
E olha que escuridão há lá por fora!

Como queres que eu vá, triste e sozinho,  
Casando a treva e o frio de meu peito  
Ao frio e à treva que há pelo caminho?!

Ouves? é o vento! é um temporal desfeito!  
Não me arrojés à chuva e à tempestade!  
Não me exiles do vale do teu leito!

Morrerei de aflição e de saudade...  
Espera! até que o dia resplandeça,  
Aquece-me com a tua mocidade!

Sobre o teu colo deixa-me a cabeça  
Repousar, como há pouco repousava...  
Espera um pouco! deixa que amanheça!”

— E ela abria-me os braços. E eu ficava.

BILAC, Olavo. *Alma inquieta*. Poesias. 13. ed. São Paulo, Francisco Alves, 1928. p. 171-72.

Olavo Bilac é um dos principais representantes da estética parnasiana. No entanto, esse poema apresenta algumas características que fogem do Parnasianismo e que o aproximam da Escola Romântica, como a fala do eu lírico sobre

- a) a noite, que pede que ele não vá embora.
- b) o vento, que pede que ele não abandone o leito de morte.
- c) a mocidade, pois tem medo de morrer de aflição e saudade dela.
- d) a aurora, que está indo embora deixando em seu lugar a escuridão e a morte.
- e) a amada, de quem não quer se separar, daí a súplica e o lamento.

○ 15. (UFSM) Leia o poema “Velhas Árvores”, de Olavo Bilac.

*Olha estas velhas árvores, mais belas  
Do que as árvores moças, mais amigas;  
Tanto mais belas quanto mais antigas,  
Vencedoras da idade e das procelas...*

*O homem, a fera e o inseto, à sombra delas  
Vivem, livres da fome e de fadigas;  
E em seus galhos abrigam-se as cantigas  
E os amores das aves tagarelas.*

*Não choremos, amigo, a mocidade!  
Envelheçamos rindo! Envelheçamos  
Como as árvores fortes envelhecem,*

*Na glória de alegria e da bondade,  
Agasalhando os pássaros nos ramos,  
Dando sombra e consolo aos que padecem!*

BILAC, O. *Poesias*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1978. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=135533>>. Acesso em: 06 nov. 2023.

Com relação ao poema, considere as afirmativas a seguir.

- I Quanto ao período literário, o poema remete à descrição de um elemento da natureza, usando ritmo e vocabulário característicos do Parnasianismo.
- II Quanto à estrutura, é um soneto composto por versos decassílabos, cujas rimas são interpoladas nos tercetos e alternadas nos quartetos.
- III Quanto ao sentido, o poema apresenta certo senso moral peculiar ao autor, relacionando as árvores velhas aos homens maduros e qualificando-os como amparo aos necessitados.

Está(ão) correta(s):

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas I e III.
- d) apenas II e III.
- e) I, II e III.



# HABILIDADES À PROVA 5

## » Simbolismo

### ○ 1. (ENEM)

#### Cárcere das almas

Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,  
Soluçando nas trevas, entre as grades  
Do calabouço olhando imensidades,  
Mares, estrelas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza  
Quando a alma entre grilhões as liberdades  
Sonha e, sonhando, as imortalidades  
Rasga no etéreo o Espaço da Pureza.

Ó almas presas, mudas e fechadas  
Nas prisões colossais e abandonadas,  
Da Dor no calabouço, atroz, funéreo!

Nesses silêncios solitários, graves,  
que chaveiro do Céu possui as chaves  
para abrir-vos as portas do Mistério?!

CRUZ E SOUSA, J. *Poesia completa*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura/Fundação Banco do Brasil, 1993.

Os elementos formais e temáticos relacionados ao contexto cultural do Simbolismo encontrados no poema *Cárcere das almas*, de Cruz e Sousa, são:

- a) a opção pela abordagem, em linguagem simples e direta, de temas filosóficos.
- b) a prevalência do lirismo amoroso e intimista em relação à temática nacionalista.
- c) o refinamento estético da forma poética e o tratamento metafísico de temas universais.
- d) a evidente preocupação do eu-lírico com a realidade social expressa em imagens poéticas inovadoras.
- e) a liberdade formal da estrutura poética que dispensa a rima e a métrica tradicionais em favor de temas do cotidiano.

○ 2. (UFRGS) No bloco superior abaixo, estão listados os movimentos literários brasileiros; no inferior, características desses movimentos.

Associe adequadamente o bloco inferior ao superior.

- 1 - Arcadismo
- 2 - Parnasianismo
- 3 - Simbolismo

- ( ) Representa um afastamento dos problemas sociais brasileiros, seguindo uma estética rígida.
- ( ) Surge na periferia intelectual brasileira: Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.
- ( ) Recupera o padrão estético clássico, fazendo ressurgir a epopeia.
- ( ) Busca transfigurar a condição humana, dando-lhe horizontes transcendentais.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) 1 - 1 - 3 - 2
- b) 1 - 3 - 2 - 2
- c) 2 - 3 - 1 - 3
- d) 2 - 3 - 3 - 1
- e) 3 - 1 - 3 - 2

○ 3. (UPF) O estilo de época que surge no Brasil, na última década do século XIX, e que se destaca pela produção poética dos autores a ele vinculados, entre os quais Cruz e Sousa, é o:

- a) Arcadismo.
- b) Romantismo.
- c) Simbolismo.
- d) Parnasianismo.
- e) Pré-Modernismo

○ 4. (UFRGS) Leia o poema *Siderações*, de Cruz e Souza.

Para as estrelas de cristais gelados  
As ânsias e os desejos vão subindo,  
Galgando azuis e siderais noivados,  
De nuvens brancas a amplidão vestindo...

Num cortejo de cânticos alados  
Os arcanjos, as cítaras ferindo,  
Passam, das sete vestes nos troféus prateados,  
As asas de ouro finamente abrindo...

Dos etéreos turíbulos de neve  
Claro incenso aromal, límpido e leve,  
Ondas nevoentas de visões levanta...

E as ânsias e desejos infinitos  
Vão com os arcanjos formulando ritos  
Da eternidade que nos astros canta...

A respeito do poema, é correto afirmar que:

- a) o poeta idealiza seus desejos, projetando-os para uma distância inatingível.
- b) o poema emprega descrições nítidas que garantem uma compreensão exata dos versos.
- c) o poeta expõe a sua avaliação sobre a realidade objetiva, utilizando imagens da natureza em linguagem precisa e direta.
- d) o poema, em forma de epigrama, traduz uma versão materialista do amor e da sensualidade.
- e) se trata da descrição de fantasias e alucinações apresentadas nos moldes de ficção científica.



○ 5. (UPF) A literatura \_\_\_\_\_ representa frequentemente o indivíduo que, impelido por forte emoção e pelo senso de liberdade, entra em choque com o mundo real que o cerca.

A narrativa \_\_\_\_\_ representa de modo objetivo e minucioso personagens, comportamentos e relações sociais, com a finalidade moral de desvelar os vícios e a mediocridade que os caracterizam.

A poesia \_\_\_\_\_ busca, pelas associações imagísticas, pela sonoridade e pelo ritmo, sugerir um mundo superior, que transcenda o mundo apreendido pelos órgãos dos sentidos.

A poesia \_\_\_\_\_, por meio de um estilo exuberante, feito frequentemente de antíteses e paradoxos, exprime uma visão de mundo contraditória, dividida entre os valores espirituais cristãos, próprios da Idade Média, e os valores racionais e sensoriais, próprios do Renascimento.

As palavras que preenchem corretamente as lacunas nas frases são, respectivamente:

- a) barroca - realista - romântica - simbolista
- b) realista - barroca - simbolista - romântica
- c) realista - romântica - barroca - simbolista
- d) romântica - realista - simbolista - barroca
- e) romântica - simbolista - realista - barroca

○ 6. (UPF) Sobre o Simbolismo e os poetas surgidos nesse momento no Brasil, apenas é correto afirmar que:

- a) na literatura europeia, o Simbolismo não exerceu a função relevante que o distinguiu no Brasil.
- b) os poetas simbolistas brasileiros não investem na sonoridade como forma de provocar sensações.
- c) a imagem, recurso empregado com frequência na poesia brasileira de outros períodos, está ausente nos versos dos simbolistas.
- d) a originalidade de Augusto dos Anjos não dificulta sua inserção no Simbolismo, uma vez que o poeta em nada se aproxima de outras tendências e estilos de época.
- e) destacam-se, entre os simbolistas brasileiros, Cruz e Souza e Alphonsus de Guimaraens.

○ 7. (PUC-RS) Leia o poema "O mar", de Cruz e Sousa.

Que nostalgia vem das tuas vagas,  
Ó velho mar, ó lutador oceano!  
Tu de saudades íntimas alagas  
O mais profundo coração humano.

Sim! Do teu choro enorme e soberano,  
Do teu gemer nas desoladas plagas,  
Saí o quer que é, rude sultão ufano,  
Que abre nos peitos verdadeiras chagas.

Ó mar! ó mar! embora esse eletrismo,  
Tu tens em ti o gérmen do lirismo,  
És um poeta lírico demais.

E eu para rir com bom humor das tuas  
Nevroses colossais, bastam-me as luas  
Quando fazem luzir os seus metais.

Com base no poema e em seu contexto, preencha os parênteses com V para verdadeiro e F para falso.

( ) A obsessão pelo branco, uma das características de Cruz e Sousa, aparece de forma intensa neste poema.

( ) O soneto, por meio do uso da personificação, estabelece uma relação de correspondência entre o mar e o poeta.

( ) O mar surge, no poema, como um elemento catalisador de memórias e de inspiração.

( ) O soneto expressa forte musicalidade, revelada no cuidado com a linguagem, embora seja composto de versos brancos.

O correto preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) F - V - V - V
- b) F - V - V - F
- c) F - V - F - F
- d) V - F - V - V
- e) V - F - F - V

○ 8. (PUC-RS) Considere o poema *Inefável*, em seu contexto, e leia as afirmativas que seguem.

Nada há que me domine e que me vença  
Quando a minh'alma mudamente acorda...  
Ela rebenta em flor, ela transborda  
Nos alvoroços da emoção imensa.

Sou como um Réu de celestial sentença,  
Condenado do Amor, que se recorda  
Do Amor e sempre no Silêncio borda  
De estrelas todo o céu em que erra e pensa.

Claros, meus olhos tornam-se mais claros  
E tudo vejo dos encantos raros  
E de outras mais serenas madrugadas!

Todas as vozes que procuro e chamo  
Ouço-as dentro de mim porque eu as amo  
Na minha alma volteando arrebatadas

I. A subjetividade, a sugestão no conteúdo e um cultivo à técnica formal revelam características da obra de um dos poetas mais importantes da escola simbolista.

II. Substantivos comuns grifados com maiúsculas, a obsessão pelo claro, pela cor branca, são marcas do poeta Cruz e Souza.

III. As aliterações são também um traço típico da obra deste poeta, perceptíveis no poema *Inefável*.

IV. Característica típica do simbolismo, o eu lírico neste poema sofre fisicamente por um amor não vivido.

As afirmativas corretas são, apenas:

- a) I e II.
- b) I e IV.
- c) III e IV.
- d) I, II e III.
- e) II, III e IV.



○ 9. (UFSM) Cruz e Souza sentiu na pele a angústia de ser negro no Brasil escravocrata, o que fez com que se voltasse muitas vezes para os marginalizados e os humilhados nos seus poemas. Outras vezes, há uma angústia existencial. Observe:

### O grande sonho

Sonho profundo, ó Sonho doloroso,  
Doloroso e profundo Sentimento!  
Vai, vai nas harpas trêmulas do vento  
Chorar o teu mistério tenebroso.

Sobe dos astros ao clarão radioso,  
Aos leves fluidos do luar nevoento,  
Às urnas de cristal do firmamento,  
Ó velho Sonho amargo e majestoso!

Sobe às estrelas rútilas e frias,  
Branças e virginais eucaristias,  
De onde uma luz de eterna paz escorre.  
Nessa Amplidão das Amplidões austeras  
Chora o Sonho profundo das Esferas,  
Que nas azuis Melancolias morre...

Nesse poema, Cruz e Souza:

- I. emprega, nos dois quartetos, rimas intercaladas.
- II. elabora objetivamente a associação de palavras que remetem a um significado.
- III. entrelaça sensações, a fim de tecer uma rede de imagens vagas e sugestivas.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas I e II.
- c) apenas I e III.
- d) apenas II.
- e) apenas III.

Anotações:



# GABARITO

## • Habilidades à prova

---

### *Unidade 1*

1. D	4. C	7. B	10. A	13. C	16. C
2. C	5. C	8. C	11. E	14. B	17. C
3. B	6. E	9. D	12. D	15. E	

### *Unidade 2*

1. A	6. C	11. B	16. C	21. C
2. D	7. D	12. C	17. A	22. A
3. A	8. D	13. D	18. C	23. D
4. B	9. D	14. D	19. C	24. E
5. C	10. A	15. C	20. C	25. D

### *Unidade 3*

1. D	10. A	19. A	28. C	37. A
2. D	11. E	20. E	29. B	38. C
3. A	12. A	21. D	30. E	39. B
4. C	13. D	22. A	31. C	
5. C	14. D	23. D	32. A	
6. A	15. D	24. D	33. B	
7. C	16. A	25. A	34. B	
8. D	17. A	26. C	35. D	
9. E	18. A	27. B	36. B	

### *Unidade 4*

1. D	5. B	9. E	13. C
2. A	6. E	10. D	14. E
3. D	7. E	11. A	15. C
4. B	8. D	12. D	

### *Unidade 5*

1. C	3. C	5. D	7. B	9. C
2. C	4. A	6. E	8. D	

